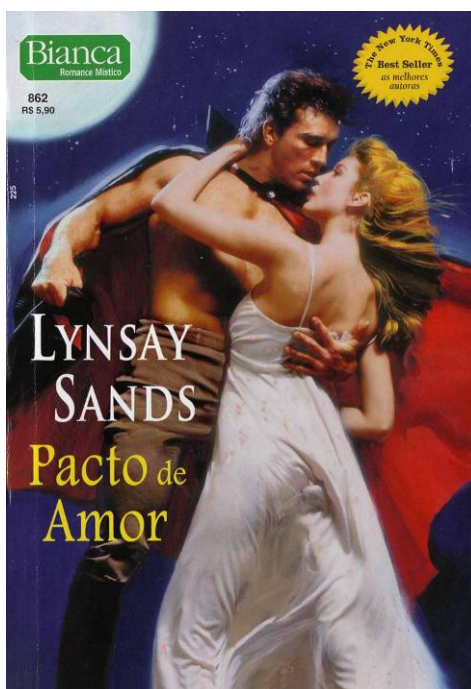




PACTO DE AMOR

Lynsay Sands

Digitalização: Néia

Revisão: Mel

Resumo:

Escócia, 1511

Unidos pelo mesmo sangue e pela mesma maldição, Heming MacNachton e Tearlach



MacAdie estão agora unidos também pela mesma missão: procurar os inimigos de seu clã, caçadores que os consideram seres sem alma e que pretendem exterminados. Mas tão logo Heming e Tearlach iniciam sua busca, eles são narcotizados, separados e levados como prisioneiros, condenados a viver, noite após noite, com uma sede que somente o mais puro sangue poderá saciar... e uma paixão que somente duas mulheres extraordinárias poderão satisfazer!

Lucy Blytheswood é uma mulher forte e corajosa, decidida a salvar Tearlach e a empreender com ele uma fuga alucinada. O fato de Tearlach ser um vampiro não a assusta tanto quanto a poderosa atração que ele lhe desperta e o intenso desejo que ela sente nos braços daquele homem...

Sobre a autora:

Lynsay Sands diz que os livros proporcionam sonho, diversão e aventuras que raramente encontramos na vida real. Ela se considera feliz por poder escrever suas próprias histórias, nas quais tem liberdade para decidir o destino dos personagens e transmitir mensagens positivas aos leitores, ao mesmo tempo que proporciona momentos de lazer, alegria e emoção!

"O senso de humor de Lynsay Sands dá brilho e enriquece este romance, protagonizado por um herói tão fascinante quanto seu primo, na primeira história da série — *Pacto de Sangue*, de Hannah Howell.

Romantic Times

"Se você leu *Pacto de Sangue*, de Hannah Howell, você precisa ler *Pacto de Amor*, de Lynsay Sands! Com uma heroína forte e corajosa, e um herói maravilhoso, é um romance espetacular, um presente para a nossa alma e o nosso coração!"

Fallen Angel Reviews

"A hábil combinação de romance histórico com história de vampiros concede originalidade a *Pacto de Amor*, um romance lindo, encantador!"

Harriet Klaussner

"A parceria de Hannah Howell e Lynsay Sands, para escrever histórias relacionadas entre si, não poderia dar mais certo! É claro que cada uma das histórias pode ser lida independentemente da outra, mas sem dúvida nenhuma, as duas se complementam e se enriquecem mutuamente. *Pacto de Amor* é um romance encantador e envolvente!"

Leitora

"Eu adoro romances históricos de vampiros, especialmente das Terras Altas da Escócia, uma especialidade da genial Lynsay Sands! *Pacto de Amor* é um livro que eu recomendo, de coração!"

Leitora

Querida leitora,

Você, que leu a história de Heming e Brona, em *Bianca 861 — Pacto de Sangue* — vai conhecer agora a história de Tearlach e Lucy. Tearlach é primo de Heming, e vítima da mesma maldição. Assim como seu primo, ele também precisa encontrar uma mulher especial e corajosa, que o ame com paixão, a ponto de aceitá-lo com seu misterioso segredo...

Leonice Pomponio

Editora

Copyright © 2007 by Lynsay Sands

Originalmente publicado em 2007 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP. NY, NY — USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da Editora Nova Cultural Ltda.

TÍTULO ORIGINAL: Highland Thirst — Parte II

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves

Silvia Moreira

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Zeca Nunes

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Thomas Schlück

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

© 2008 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 — 10^a. andar — CEP 05424-010 — São Paulo — SP

www.novacultural.com.br

Premedia, impressão e acabamento: RR Donnelley

Capítulo I

Lucy olhou em torno de si, incomodada com o zumbido de excitação que repentinamente tomou conta do ambiente, quando os dois escoceses entraram.

Tudo parecia normal quando Wymon Carbonnel a trouxera junto com o irmão para o interior da hospedaria.

Lucy e o irmão John, haviam passado o dia no vizinho castelo Carbonnel e, ao partirem para a viagem de volta para casa, Wymon insistiu em acompanhá-los até a fronteira das terras entre os dois castelos. Depois de algumas horas galopando pelos bosques, eles afinal atingiram o limite de Carbonnel, mas Wymon sugeriu que parassem para comer na hospedaria, situada entre as duas propriedades.

Lucy preferiria não parar, pois já estavam no final da tarde e isso atrasaria a volta: Ela gostaria de seguir diretamente para seu castelo e encerrar aquele dia desagradável antes de a noite cair. O dia havia sido longo demais, talvez por ela ter estado todo o tempo aguardando e temendo o momento em que a proposta de casamento fosse feita. O que mais a preocupava era a reação de Wymon quando ela recusasse. Todos sabiam que Wymon Carbonnel não primava pela boa educação e gentileza e, mais que isso, seu temperamento o tornava desagradável e hostil quando o contrariavam. Corriam histórias de que muitas vezes fora tremendamente cruel com aqueles que ousaram desafiar sua vontade ou não se renderam aos seus caprichos.

Entretanto, Lucy agora admitia que sua ansiedade fora injustificada. Wymon, lorde do clã Carbonnel, finalmente fizera a proposta pouco antes de partirem do castelo. Entretanto, e contra todas as expectativas, recebeu a instantânea, embora educada, recusa de uma maneira muito melhor do que ela imaginara. Seu sorriso levemente cínico demonstrou que aquilo não o agradava, mas a naturalidade e cordialidade com que prosseguiu tratando Lucy e John fazia crer que antecipava a rejeição e não se perturbava.

Apesar de não desejar parar para comer, Lucy resolveu fazê-lo em respeito ao fato de Wymon não ter criado problemas até então.

Não havia nada de extraordinário na hospedaria. O salão estava agitado e o estalajadeiro corria entre as mesas, servindo cerveja e pratos fumegantes que exalavam os ricos aromas de carnes assadas e legumes, preparados à moda camponesa.

Assim que entraram no recinto, contudo, Lucy se sentiu desconfortável ao notar que

era a única presença feminina no ambiente, caso não contassem as duas jovens ajudando a servir.

Em breve trouxeram comida e bebida e tudo transcorria sem problemas, até que um criado de Wymon entrou no salão e gesticulou para Carbonnel. Ainda que tentassem agir com discrição, o incidente não passou despercebido. Por um momento, o ruído de conversa cessou e um pesado silêncio impregnou o salão. Entretanto, não demorou muito para que as conversas se reiniciassem, apesar de que agora o burburinho do salão parecia camuflar a evidente tensão.

Neste momento, dois escoceses entraram no salão. Eles eram altos, fortes, e bastante atraentes. Os dois cavaleiros escolheram uma mesa num canto e, ao sentar, permaneceram em silêncio, fitando os outros ocupantes do salão como se avaliassem o ambiente e as pessoas presentes.

Foi somente quando o estalajadeiro veio atender os recém-chegados que Lucy notou que as criadas ajudantes haviam desaparecido. Incomodada por ser agora a única mulher no recinto, ela também não gostou da mudança no tom do falatório no salão. Havia algo estranho no ar e aparentemente ela não era a única a sentir tal sensação, pois a maneira preocupada como seu irmão a fitou mostrava que também John pressentia algo.

— Se já terminou, creio que é hora de prosseguir viagem — disse ele.

— Sim — concordou Lucy, colocando os talheres de lado e se erguendo da cadeira.

Wymon Carbonnel não fez menção de protestar e também levantou ao notar que Lucy e o irmão se preparavam para partir. O estalajadeiro ainda se aproximou para perguntar se não desejavam comer sobremesa ou frutas, mas Wymon o dispensou com um gesto seco.

Lucy franziu a testa ao perceber que a linda tarde dera lugar a uma noite escura e sem luar. Não fazia frio, mas estava bem mais fresco. Agora ela e John teriam de prosseguir viagem cavalgando mais devagar para não correr o risco de os cavalos tropeçarem nas pedras da estrada escura.

Chegaremos tarde em casa, ela pensou com um suspiro, sabendo que não havia nada a fazer.

— Espere aqui — instruiu Wymon ao cruzarem a porta do estábulo. — Vou buscar seu cavalo, enquanto seu irmão sela a montaria dele — ele explicou com um sorriso amigável demais, que fez com que Lucy desconfiasse.

Consciente de que Wymon não era homem de reagir amigavelmente quando o desapontavam, ela imaginou que aquele comportamento inusitado provavelmente significava

que o interesse afetivo não era tão intenso, conforme acreditara.

Na verdade, Wymon nada lucraria quando se casassem, pois John herdara os direitos sobre as propriedades de Blytheswood quando seus pais faleceram dois anos antes. Em acordo com o testamento, John herdara o castelo e quase todas as terras do feudo.

Por sua vez, Lucy herdara a parte que outrora pertencera à matriarca do clã, constituída por um pequeno bosque e algumas casas habitadas por camponeses. Assim, não era de causar espanto o fato de Wymon não se mostrar desapontado quando Lucy o recusou como marido.

Esperando no lado de dentro do estábulo, ela tornou a olhar para fora ao ouvir o ruído da porta da hospedaria abrir. Mesmo à noite, era fácil reconhecer os escoceses. Na breve oportunidade em que teve de observá-los enquanto estava à mesa, Lucy tinha notado os traços fortes daqueles cavaleiros ruivos.

Apesar de só lhes distinguir a silhueta, ela os observou com curiosidade. E por intermédio da iluminação fraca da rua, notou-lhes as sombras dos traços marcantes do rosto. Sem contar com os corpos musculosos, acrescidos das roupas escuras, que os tornavam ainda mais atraentes.

Um dos escoceses tinha ares de guerreiro, mas a atenção de Lucy se prendeu ao outro homem. Através das nuances da luz, não foi possível distinguir-lhe os olhos, eram apenas manchas escuras, acima da barba cerrada.

Abaixando o olhar, Lucy fitou a comprida espada que ele trazia presa à cintura antes de finalmente observar-lhe as pernas nuas, sobre a saia *kilt*.

De repente, um deles tropeçou e foi ao chão. Desconcertada Lucy desviou o olhar para o primeiro escocês, notando que também ele parecia ter dificuldade em caminhar. Era difícil acreditar que estivessem tão embriagados, pois não haviam permanecido tempo suficiente na hospedaria para beber a ponto de trançar as pernas daquela forma. Ambos estavam sóbrios ao chegar e, sendo assim, o que estaria acontecendo?

Tentando compreender, Lucy assustou-se quando de repente o outro caiu de joelhos. Por um breve instante, ele tentou manter o tronco ereto, mas logo as forças o abandonaram e o cavaleiro estatelou o rosto contra a terra.

No momento seguinte, a porta da hospedaria tornou a abrir e todos os homens que se encontravam lá dentro, começaram a sair e se aproximar. Logo, outros homens apareceram, saídos não se sabe de onde, e também se acercaram dos escoceses desacordados. Em poucos minutos já havia tantos homens ao redor deles que Lucy não mais pôde vê-los.

Presentindo algo ruim, ela virou para o fundo do estábulo com a intenção de chamar o irmão, pensando em oferecer ajuda aos escoceses. Contudo, sem prever o que estava prestes a presenciar, sentiu o sangue gelar nas veias ao ver Wymon Carbonnel erguendo o braço de forma ameaçadora para então enterrar um punhal na nuca de John que, ocupado em selar o cavalo, não percebera a ameaça às suas costas.

Lucy ficou tão aterrorizada que não teve tempo de gritar ou reagir antes de o segundo golpe ser desferido, ferindo mortalmente seu querido irmão.

Tudo aconteceu em questão de segundos. Com a boca aberta para o grito que afinal não saiu, ela testemunhou a dor e a surpresa do irmão, que a fitou ao cair lentamente.

Percebeu aterrorizada que o olhar de agonia e dor se esvaía e era substituído pela luz opaca e sem brilho de um corpo perdendo a vida. Afinal, as pernas de John cederam e ele desmoronou sobre a palha do chão.

— Por que está chocada?

Lucy desviou o olhar do corpo do irmão e fitou Wymon que havia se aproximado e se postara a seu lado com o punhal ainda manchado de sangue. Incapaz de compreender a razão do ataque traiçoeiro e fatal, ela fitou o assassino, custando a crer que aquilo realmente estivesse ocorrendo.

— Certamente não acreditava que eu aceitaria sua recusa sem mais nem menos — disse Wymon com um sorriso sarcástico antes de tomá-la pelo braço com um gesto brusco e puxá-la para fora do estábulo.

Ainda em estado de choque, Lucy o seguiu alguns metros antes de recobrar a consciência o suficiente para opor resistência. Com um gesto vigoroso, arrancou o braço das mãos dele e fez menção de voltar correndo para trás e socorrer John. Wymon, todavia, foi mais rápido e lhe desferiu um golpe na cabeça.

Lucy sentiu que agora eram os seus joelhos que fraquejavam e suas pernas que perdiam a força. Antes que fosse ao chão, Wymon a agarrou, passando os braços atrás de suas costas e pernas, erguendo-a.

Zonza, Lucy não conseguiu opor resistência, quando foi carregada para fora e entregou seu corpo inerte para outro homem.

— Você se encarrega do MacAdie e eu tomarei conta do outro — disse uma voz masculina de alguém se aproximando, alguém que ela não conhecia e falava com sotaque escocês. No instante seguinte Lucy perdeu a consciência.

A pressão na cabeça fez com que Lucy acordasse, mas tendo que fechar os olhos em

seguida para evitar a luz que aumentava o desconforto.

— Pensei que não fosse acordar nunca mais. Esquecendo a dor na cabeça, ela tornou a abrir os olhos, mais

pelo som da voz tão próxima do que pelo significado das palavras. Assustou-se com a figura diante de si, e com os olhos arregalados, identificou Wymon Carbonnel. Ele estava tão próximo que ocupava totalmente sua visão, impedindo-a de enxergar qualquer outra coisa. Como se não bastasse, ele ergueu mais a mão com a tocha, impingindo mais pressão à cabeça latejante de Lucy.

Ela se manteve calada enquanto as memórias aos poucos voltavam, fazendo-a compreender o que passara.

— Você matou meu irmão — disse, ainda aturdida. Wymon sorriu e meneou a cabeça.

— Você está confundindo os fatos. Foi Tearlach MacAdie quem matou John — assegurou Wymon sorrindo mais. — Em seguida, ele a atacou com um golpe na cabeça e tentou raptá-la.

— Mentiroso — gritou Lucy. — Assassino!

Wymon franziu as sobrancelhas e seu sorriso cínico mostrava o quanto ele se divertia.

— Creio que o golpe em sua cabeça a fez confundir os fatos, minha adorável Lucy.

— Foi você quem me golpeou — reagiu Lucy instantaneamente. — Minha memória continua boa. Você matou John, me golpeou e me trouxe para cá desmaiada... onde quer que estejamos.

Virando o rosto, Lucy se deu conta da dor que sentia nos braços. E não foi difícil perceber a razão: fora capturada como uma ladra e seus pulsos estavam presos por correntes a uma parede de pedra.

— Bem-vinda às masmorras de Carbonnel — disse Wymon, segurando-lhe o queixo e forçando-a a encará-lo. — Espero que em breve caia em si e aceite que vai fazer parte de minha família.

— Você está louco — replicou Lucy, erguendo o rosto para se desvencilhar do toque que a repugnava.

— Isto não é maneira de conversar com seu futuro marido

— continuou Wymon fingindo desapontamento.

— Não me casarei com você.

— A escolha é sua — replicou ele, dando de ombros. — Mas, creio que vai perceber que será vantajoso concordar com a minha versão dos fatos.

— Vantajoso? — perguntou Lucy incrédula.

— Sim—assegurou Wymon tornando a sorrir.—Uma delas é permanecer viva. Não crê que é uma grande vantagem?

Refreando a vontade de cuspir no rosto daquele assassino, Lucy se manteve calada, mas não desviou o olhar com que enfrentava o algoz. Ela não tinha medo do que Wymon lhe pudesse fazer, e sabia que ele jamais poderia roubar sua honra.

— Vou lhe conceder alguns dias para considerar o assunto

— continuou Wymon. — Contrair matrimônio é uma decisão séria e não deve ser tomada de forma irresponsável — acrescentou em tom ridiculamente solene. — Quando concordar, nós casaremos nesta masmorra e consumaremos nossa união aqui embaixo para você não ter a oportunidade de mudar de idéia.

Num relance, Lucy imaginou aquelas mãos tocando seu corpo, as mesmas mãos que haviam assassinado seu irmão, e tal pensamento a fez sentir asco. Mas Wymon voltou a falar antes que ela dissesse algo.

— Você terá de me convencer que analisou a situação e chegou à conclusão de que é melhor concordar comigo. Além disso, terá que apoiar minha versão dos fatos e dizer a todos que Tearlach matou seu irmão e tentou raptá-la. Sem esquecer de acrescentar que eu a salvei e que você se casou por gratidão e, naturalmente, porque se apaixonou por mim — finalizou Wymon com um sorriso, que não deixava dúvidas, de que acreditava ter tudo sob controle.

— O que vai fazer caso eu não concorde? — perguntou Lucy já antecipando a resposta. Sabia que Wymon não teria ressentimento algum em matá-la, caso ela não fizesse o que ele ordenava.

— O escocês Tearlach necessitará comer mais cedo ou mais tarde — disse Wymon com ar casual. — E quando você estiver morta, sua prima Margareth vai herdar o castelo e as terras de Blytheswood. Não creio que terei problemas em dissuadi-la a se casar — disse ele dando de ombros. — De qualquer maneira, eu me casarei com a senhora de Blytheswood e serei o senhor do castelo e das terras que o circundam.

Lucy o fitou, tentando decifrar o significado do estranho comentário a respeito de Tearlach. Se ela se recusasse a cooperar, Wymon ia cortá-la em pedaços e cozinhar numa panela para servir como refeição ao cavaleiro escocês? A ameaça era estranha e atemorizava.

— Reflita — sugeriu Wymon antes de se virar para a porta da cela. — Agora vou comer e relaxar antes de chamar a nova criada para me divertir antes de dormir. Devo me satisfazer e descansar bem esta noite, pois amanhã pretendo torturar Tearlach para obter uma

informação e necessito estar em boa forma. Faço votos que os dois passem uma boa noite aqui embaixo — concluiu com o mesmo sorriso irônico que não abandonava seus lábios.

Em silêncio, Lucy fitou a pesada porta de madeira se fechando às costas do lorde de Carbonnel, notando que não a trancavam a chave. Contudo, por que se preocupariam em trancar a porta se ela estava acorrentada à parede e não conseguiria fugir?

Suspirando, Lucy recostou as costas contra a parede de pedra e observou o local onde a aprisionavam.

No instante seguinte e com um sobressalto, deparou com o homem também acorrentado contra a parede a sua frente. Teria sido possível vê-lo antes, caso Wymon não houvesse bloqueado a visão, mas só agora Lucy se dava conta que não estava sozinha.

A julgar pelo fato de que correntes duplas o prendiam à parede, Wymon não acreditava que os meios normais seriam suficientes para mantê-lo preso. Por que tanta precaução? Naturalmente se tratava de um prisioneiro com uma força acima da média, mas uma corrente era suficiente para impedir qualquer pessoa de escapar.

Lucy notou que também os tornozelos estavam presos por um jogo duplo de correntes. E ele tinha os joelhos à mostra, pois não usava calça comprida. Surpresa, ela tornou a erguer o olhar e ao estudar melhor seu rosto, reconheceu-o como um dos escoceses que desmaiara no pátio.

Com certeza, era este o MacAdie a quem Wymon tinha se referido, refletiu. O pobre homem estava pálido e parecia fraco, apesar de ter os olhos abertos e estar consciente. O que quer que fosse que houvesse sofrido ao sair da hospedaria, agora estava alerta e não parecia satisfeito. Provavelmente, o escocês escutara a conversa com Wymon.

De repente seus olhares se encontraram, mas ambos permaneceram calados. Lucy buscava algo para dizer, mas a única coisa que lhe vinha à mente era a compulsão de pedir desculpas.

Oras, isto seria um absurdo, raciocinou. Não havia razão para pedir desculpas.

A dor na cabeça continuava atormentando-a e era difícil pensar com clareza. Impotente, Lucy cerrou os olhos e desistiu de uma possível conversa, com a esperança de a dor amainar.

No entanto, infelizmente, sua mente foi inundada pela lembrança do irmão sendo assassinado, como se a imagem estivesse gravada na memória. Uma tristeza imensa invadiu seu coração, seguida por forte culpa.

Se ao menos não tivesse se distraído observando os escoceses; se houvesse

acompanhado o irmão até o fundo do estábulo em vez de ter permanecido esperando... Se estivesse mais próxima deles, talvez tivesse conseguido salvar John.

Entretanto, apesar de tudo, Lucy sabia que seria impossível fugir das garras cruéis de Wymon, pois ele escolheria outro momento e local para cometer o assassinato. Independente de onde ela estivesse, John pagaria com a vida sua recusa em casar com Wymon.

Ou talvez não fosse exatamente assim. Mesmo tendo aceitado a proposta de casamento, Wymon mataria seu irmão mais cedo ou mais tarde, pois era a única maneira de obter as terras e o castelo de Blytheswood. Wymon era o segundo filho do clã Carbonnel.

O irmão mais velho, Frederick, herdara o castelo, mas deixara o feudo sob a guarda de Wymon enquanto vivia na corte do rei. Não obstante, havia algum tempo ele caíra em desgraça e fora obrigado a voltar e assumir a liderança do feudo, deixando o irmão de mãos vazias. Wymon provavelmente tomara gosto pelo poder e ao perder Carbonnel, armou um plano para conquistar outras terras.

Lucy sabia qual era a principal razão de ter recusado a proposta de casamento: não confiava no caráter daquele homem. Até então ele tinha se comportado de forma educada em sua presença, mas ouvira rumores sobre seu temperamento cruel e a maneira injusta como tratava os vassalos.

Lucy não confiava em Wymon, não gostava e tampouco o queria. Francamente, ela preferiria estar morta ao lado do irmão a se casar com aquele bastardo.

Conformada com o destino que a aguardava, Lucy começou a chorar baixinho pelo irmão assassinado, por si própria e até pelo cavaleiro acorrentado na parede a sua frente. Todos haviam sucumbido à ganância e crueldade de Wymon Carbonnel. A única diferença era que tanto ela quanto MacAdie, ainda teriam de suportar as humilhações e abusos que Wymon planejava.

— Ele não merece suas lágrimas.

Lucy abriu os olhos e fitou MacAdie. A expressão no rosto do escocês misturava compaixão e ira.

— Se você se entregar à derrota, estará convidando a morte a nos buscar — disse solenemente.

— Wymon matou meu irmão — replicou Lucy com voz embargada. — Não tenho o direito de chorar?

— Em breve terá tempo para dar vazão à dor — replicou MacAdie meneando a cabeça. — Agora necessita se manter forte. Quando escaparmos, poderá chorar o quanto quiser. Até

então, é melhor transformar a dor em força para lutar e enfrentar o que está por vir.

Lucy quase chegou a perguntar de que adiantaria manter a vontade de lutar. Afinal, estavam presos em Carbonnel e não havia nada que poderiam fazer. Estranhamente, o desconhecido MacAdie, agora seu companheiro de cela, parecia manter a coragem apesar de tudo.

Wymon disse que iria torturá-lo e, pelo sorriso que ostentava ao dizê-lo, provavelmente o faria com prazer. — Eu me chamo Lucy — disse ela depois de algum tempo.

— Sou Tearlach MacAdie.

Inesperadamente, Lucy lembrou que Wymon dissera que MacAdie precisaria comer e que presumia que fosse ela própria. Se a cozinhassem num daqueles tachos de ferro das cozinhas dos castelos, talvez o escocês a comesse sem consciência do que fazia. Horrorizada, Lucy tentou mudar a conversa para algo que afastasse os pensamentos macabros.

— Quem era o homem junto com você na hospedaria?

— Ah — replicou Tearlach com um brilho inesperado nos olhos. — Bem que a estava reconhecendo, você também estava na hospedaria.

— Sim. Partimos logo depois de vocês chegarem. Eu estava no estábulo quando você e seu amigo saíram e desmaiaram. Foi quando Wymon matou meu irmão.

— Um assassinato pelo qual serei culpado — murmurou o escocês.

— Sim — concordou Lucy. Agora se tornava óbvio que ele estava acordado e escutara as palavras de Wymon. — Carbonnel o apunhalou pelas costas.

A expressão no rosto de Tearlach endureceu, mas ele nada disse. Lucy também se calou e quando o silêncio se instaurou, novamente as imagens do ataque contra John Ihe voltaram à cabeça.

— O cavaleiro que me acompanhava é meu primo — anunciou Tearlach de repente. — Heming MacNach de Cambrun.

Tentando espantar as imagens tristes, Lucy se concentrou no que acabava de ouvir. Aquele nome não era estranho, mas não sabia onde o escutara. Porém, não demorou muito para lembrar, e seus olhos traduziram o espanto que a invadiu.

Havia muitos rumores sobre os MacNach, boatos ridículos que diziam que eram demônios da noite, e que se alimentavam do sangue dos mortais.

Agora compreendia por que Wymon dissera que, mais cedo ou mais tarde, MacAdie teria de se alimentar. Seriam aquelas histórias fantásticas verdadeiras? Ou Wymon a estava ameaçando com uma fantasia, pelo simples sabor de amedrontá-la.

— Por que recusou casar com ele? — perguntou Tearlach de súbito.

Obrigada a desviar os pensamentos, Lucy o fitou.

— Já não lhe disse que ele matou meu irmão?

— Sim. Mas creio que você já o tinha recusado antes. Por quê?

— Sempre achei que havia algo errado com Wymon — começou Lucy. — Jamais gostei dele e nunca me casaria com alguém que me causasse tamanho repúdio e desconfiança. Entretanto...

— Entretanto? — inquiriu Tearlach convidando-a a prosseguir.

— Não teria recusado se soubesse que isso implicaria na morte de meu irmão.

— Pelo que ouvi dizer, Wymon tem mais interesse nas terras e castelo de Blytheswood do que em você — apontou Tearlach de maneira deselegante. — E mesmo que você tivesse aceitado, Wymon assassinaria seu irmão. A única diferença seria o momento e o local.

— Sem dúvida — concordou Lucy em tom desanimado e então resolveu mudar de assunto. — Você e seu primo são escoceses?

— Sim.

— E o que fazem na Inglaterra?

Tearlach desviou o olhar e calou-se como avaliando o que devia ou não revelar. Quando afinal, tomou uma decisão, continuou a falar:

— Ouvimos rumores de que existem grupos interessados em atacar os clãs dos MacAdie e dos MacNach. Por isso partimos em viagem de averiguação. Nossa estratégia era parar nas hospedarias, o local onde viajantes se encontram e trocam notícias, na tentativa de obter o máximo possível de informação.

— Mas terminaram presos — disse Lucy sem refletir, e instantaneamente o rosto de Tearlach enrijeceu. Era compreensível que se sentisse revoltado, pois estava acorrentado nas masmorras de um castelo inimigo.

Sem querer pensar no que os aguardava, Lucy começou a falar sobre o primeiro assunto que lhe veio à cabeça, tentando distraí-los do futuro inexorável.

De repente ocorreu a Lucy que talvez nem tudo estivesse perdido. Ela e John haviam acorrentado a si próprios mais de uma vez. O irmão lhe ensinara como abrir um cadeado rapidamente, usando apenas um pequeno artefato de metal.

A inocente brincadeira, contudo, poderia salvar-lhe a vida. Se conseguisse obter um pequeno artefato de metal talvez pudesse usar a habilidade aprendida para libertar a si e MacAdie. Obter uma peça de metal, porém, seria difícil naquela situação. Ela teria de ter um

momento de liberdade para tentar se apoderar de algo. E era melhor que acontecesse o quanto antes.

Lucy preferiu não mencionar a idéia para não alimentar esperanças em Tearlach, mas seguiu pensando em como fazer para obter um momento de liberdade no dia seguinte.

O som abafado dos passos descendo as escadas de pedra fora da cela fez Tearlach desviar a atenção de sua companheira de prisão, lady Lucy Blytheswood.

Apesar de Wymon ter prometido torturá-lo, ele não havia retornado fazia mais de um dia, talvez por acreditar que esperar pela dor já era uma parte da aflição do processo. Junto com a falta de comida e água, naturalmente.

Tudo com que os prisioneiros contavam era a luz da tocha ao lado da porta. O tempo media-se pelo número de vezes em que vinham alimentar o fogo com óleo. Pelas contas de Tearlach, talvez fizesse dois dias e duas noites que estavam acorrentados.

Eles passaram o tempo conversando, um tentando distrair o outro dos tormentos que os aguardavam. Tearlach, ao menos, principiou com esta intenção, mas logo escutava com mais e mais interesse as histórias da infância de Lucy, histórias que produziam um misto de melancolia e solidão e tinham algo de invejável.

Em muitos aspectos eles tiveram uma infância semelhante, ambos com a boa sorte de crescer ao lado de pais que se amavam e amavam os filhos. Mas Tearlach era filho único.

Ele ouvia atentamente as aventuras vividas no bosque do castelo e sobre jogos nos pátios banhados pelo sol. O sol...

Tearlach nunca se expusera ao sol, pois herdara a incapacidade do pai em suportar a luz do dia. A única vez em que o levaram para tomar sol, ele era jovem demais para lembrar, e a aventura lhe queimara a pele profundamente.

Tearlach lembrava da ocasião em que eles abordaram o assunto, e do imenso desapontamento com que contaram que jamais poderia sair ao sol.

Por sua mãe ser diferente do pai, naquelas características, havia esperanças de que herdasse mais da natureza materna e fosse apto a aproveitar os prazeres diurnos.

Tearlach compreendera a razão de se sentirem tristes, mas secretamente era feliz e sentia orgulho por ser como o pai. Nunca sentira falta de viver como os outros mortais, até aquele momento.

Entretanto, preso naquela masmorra, ouvindo histórias da infância de Lucy, os passeios pelo bosque nas tardes quentes de verão, ou a sensação ofuscante do brilho da neve refletindo o sol nos dias de céu azul do inverno, Tearlach sentia tristeza.

Além do mais, ela tinha uma voz adorável, um sorriso contagiante e impressionava pela coragem em face do que os aguardava. Era uma mulher de beleza única. Afora isso, exibia uma força que nem ele conseguiria ter no momento. Nunca antes, Tearlach se sentira tão impotente e, a sensação era uma das piores já experimentadas.

Atribuía parte de sua fraqueza ao fato de que o tinham drogado, capturado e agora o acorrentavam por duplas correntes de prata que lhe roubavam a força.

Seu olhar se desviou da porta da masmorra para Lucy. Ele queria salvá-la! Obviamente, gostaria de libertar a ambos, mas havia algo naquela mulher que o fazia querer protegê-la.

Tearlach escutara as histórias até que ela finalmente cerrou os olhos e adormeceu com o corpo inclinado para a frente sustentado pelas correntes.

Tearlach passara um tempo infundável observando e, como uma jovem donzela de traços suaves, pura e imaculada, conseguia ficar calma diante de tamanha adversidade.

Agora o sol invadia timidamente as frestas da masmorra. Era a terceira manhã desde que foram aprisionados e Tearlach intuiu que o momento crucial também se aproximava. Até então, eles haviam sido deixados a sós, mas os passos descendo a escada indicavam ao menos uma dúzia de homens, ou seja, a tortura iria começar.

Ele considerou despertá-la, mas Lucy dormia um sono profundo que nem as correntes ferindo-lhe a pele eram capazes de acordá-la.

Melhor deixá-la dormir, pois era a ele que vinham buscar e a deixariam em paz ao menos por enquanto.

Ouvira as palavras de Wymon e sabia que seria torturado, para obter informação sobre as defesas dos MacAdie e MacNach, mas ele aproveitaria qualquer chance para escapar, libertá-la e levá-la dali. E caso conseguisse, era melhor que Lucy estivesse descansada, pois necessitaria de energia para fugir. Não demorou muito para que Wymon aparecesse seguido por homens fortes e treinados para lutar.

Tearlach era excepcionalmente forte, mas nem mesmo sua condição seria suficiente agora, pois estava fraco e não se alimentava fazia três dias. Antecipando as dores e horrores que tinha pela frente, prometeu a si mesmo que não revelaria nenhuma estratégia de seu clã. Mais que isso, suportaria a tudo em silêncio para não dar a ninguém o prazer de ouvir seus gritos.

— O homem está acordado — disse Wymon e virando-se para Lucy. — Mas nossa donzela dorme como um anjo inocente. Fico feliz que ela não tenha se importado com minha

demora — completou, voltando-se para Tearlach. — Mas chegou a hora de trabalhar e creio que vamos nos divertir — acrescentou com o indefectível sorriso sarcástico. — Tragam-no — ordenou aos homens, antes de dar meia-volta e sair.

Lucy acordou de sobressalto, sentindo tensão nos músculos e dor nos pulsos e tornozelos acorrentados. Mas o que a despertou foram os ruídos da cela ao lado. Não se ouviam gritos nem pedidos de clemência, mas sim o zunido do chicote. As chibatadas eram pontuadas pelas perguntas de Wymon, que constantemente praguejava.

Exausta e fraca, Lucy caiu num estado de torpor. Sem saber quanto tempo passou, os gritos de Wymon a despertaram, retirando-a dos pesadelos nos quais a morte do irmão desempenhava o enredo principal e, trazendo-a para o pesadelo real que vivia. A porta entreaberta não ajudava a diminuir os sons da tortura interminável e Wymon estava furioso por não obter respostas. Como Tearlach não emitia som algum, Lucy chegou a temer o pior, mas sabia que ele estava vivo enquanto as chicotadas continuassem. Infelizmente, Wymon faria todo o necessário para sobrepujar a força estóica de Tearlach.

A ansiedade a dominou quando as chicotadas pararam de repente. O angustiante ruído das chibatadas, seguido das risadas dos homens indicava que Tearlach ainda resistia. Porém Wymon já não mais blasfemava, o que era preocupante. Dali para a frente seria impossível adivinhar que atitude tomaria.

— Cansei disto — gritou Wymon de repente. — Levem-no de volta.

Tearlach conseguira derrotá-lo com o silêncio, mas sem dúvida tinha pagado um preço muito alto para suportar tanta dor sem soltar um gemido.

Em segundos a cela se encheu com uma dúzia de homens fortes e suados arrastando Tearlach, acorrentando-o de volta à parede.

As correntes de prata o prendiam pelo pescoço, pulsos, tornozelos e cintura. Ele tinha os cabelos desgrehados e úmidos do sangue, que também escorria pelas costas e braços. A roupa rasgada deixava entrever os machucados e as marcas das chicotadas.

— Está acordada? — perguntou Wymon ao entrar pouco depois e, Lucy o fitou. — Vai me aceitar como esposo? — perguntou num tom que perdia o sarcasmo para se transformar em ameaça.

Mordendo os lábios, Lucy teve de se esforçar para não lhe cuspir no rosto, mas o estado semiconsciente de Tearlach mostrava que ele não suportaria uma segunda sessão de tortura. Portanto era melhor ela também se comportar. Mesmo mentindo, Lucy não conseguiu dizer sim. Com um nó na garganta, respirou fundo antes de responder:

— Talvez — foi o que disse.

Mas aquilo não era suficiente para Wymon. Depois de não conseguir arrancar nenhuma palavra de Tearlach, não estava disposto a enfrentar mais resistências. E furioso, resolveu descontar sua ira no prisioneiro. No entanto, antes de lhe desferir um soco, um dos homens se aproximou, segurando-o pelo punho.

— O escocês MacAdie terá de se alimentar para podermos seguir com o interrogatório — disse o algoz.

— Tem razão — replicou Wymon controlando a ira. Lucy engoliu em seco sem saber o que a aguardava. O sorriso irônico não tardou a voltar aos lábios de Wymon.

— Soltem-na — ordenou, para surpresa de Lucy.

No momento em que seus braços estavam livres, ela tombou para a frente como se não tivesse forças para se manter em pé e propositalmente fez o corpo cair de encontro ao homem que a libertara. Quando ele a amparou, Lucy o tocou como se procurasse o equilíbrio, mas discretamente introduziu a mão em seu bolso e por sorte encontrou um pedaço de metal. Escondendo rapidamente a peça dentro da manga do vestido, permitiu que o homem a segurasse, enquanto o outro abaixava para abrir as correntes dos tornozelos. Quando estava liberta, Wymon se aproximou e, com um gesto brusco a fez caminhar com passos trôpegos em direção a Tearlach.

— MacAdie teve um dia duro — anunciou Wymon segurando-a firmemente. — E necessita recuperar as forças para continuar sendo interrogado.

Com um puxão, ele a fez se aproximar tanto de Tearlach que seu rosto tocou o peito do escocês. Confusa, ela nada disse, limitou-se apenas a erguer a face e fitá-lo.

— Você ajudará MacAdie recuperar a força — disse Wymon friamente. — Creio que isso vá tirar a palavra "talvez" do seu vocabulário — antecipação e, virando-se para os homens, completou:—Aproximem-se—ordenou. — Eu não a quero morta, e terão de fazê-lo parar caso o escocês perca o controle.

Lucy seguia sem compreender e Wymon notou sua confusão.

— Os MacNach e os MacAdie se alimentam de sangue humano — esclareceu complacente. — Tearlach perdeu muito sangue hoje e está fraco. Os vampiros possuem a capacidade de se recuperar de ferimentos rapidamente, mas necessitam de sangue humano para tal. E ele terá o seu sangue.

Lucy o fitou sem conseguir acreditar no que ouvia.

— Pelo que sei, vocês preferem a veia jugular. E verdade? — Wymon perguntou,

sarcástico.

Tearlach continuou mudo.

— Beba—ordenou Wymon empurrando Lucy. O corpo dela tocava o corpo de Tearlach e somente o tecido das roupas separavam a pele dos dois.

Tearlach a fitou nos olhos e então desceu o olhar para a pele alva do pescoço exposto. A expressão daquele rosto sofrido refletia um conflito interior, como se o instinto lutasse contra a consciência, o desejo contra a razão. Finalmente, ele virou o rosto.

Sem titubear, Wymon tomou o braço de Lucy e num gesto rápido, retirou o punhal que trazia preso ao cinturão e cortou a manga do vestido.

Lucy se retraiu ao sentir a pontada da lâmina na pele e num instante seu sangue começou a deslizar pela mão até gotejar no chão. Segurando-a com mais força, Wymon ergueu-lhe o braço até o corte estar a centímetros da boca de Tearlach.

— Beba — ele insistiu e Lucy estava a ponto de dizer que era ridículo acreditar nos rumores sobre vampiros, quando um movimento de Tearlach lhe chamou a atenção. Com horror e fascínio simultâneos, ela observou sua boca entreaberta e os dois pontudos caninos que se sobressaltavam. Incrédula, percebeu que ele inspirava o aroma do sangue, que o fazia delirar.

Tearlach começou a abaixar lentamente a cabeça em direção ao braço ensangüentado, mas Lucy prendeu de repente a respiração com um soluço e aquilo o trouxe de volta à realidade. Hesitante, ele ergueu o rosto e a fitou antes de tornar a virar a face.

— Estúpido — rugiu Wymon, mas então deu de ombros e empurrou Lucy de volta para os homens indicando que a acorrentassem. — Talvez MacAdie mude de idéia amanhã de manhã, pois sabe que necessita de sangue para sobreviver ao próximo interrogatório.

Lucy permaneceu fitando Tearlach enquanto tornavam a acorrentá-la, custando a acreditar no que os olhos haviam visto e com a esperança de que Tearlach abrisse a boca provando que ela havia imaginado aqueles caninos. Não era possível serem verdadeiros os rumores sobre os MacAdie e MacNach. Vampiros não existiam!

— Desejo uma boa noite a ambos — disse Wymon se retirando da cela. — Até amanhã — ainda gritou enquanto subia a escada.

Lucy fitou a porta até o som dos passos desaparecerem e somente então virou para Tearlach.

— Você está bem? — indagou Tearlach assim que seus olhos se encontraram. Sua voz era fraca, mas o tom era de genuína preocupação.

Lucy o fitou sem saber o que dizer. Afinal, fora ele quem sofrera torturas naquele dia maldito.

— Seu pulso — explicou ele quando Lucy nada respondeu.

— Ah, não foi nada.

Felizmente, Wymon cortara seu braço esquerdo e a pequenina peça de ferro obtido se encontrava sob a manga do outro braço.

— O corte é profundo — prosseguiu Tearlach incapaz de desviar o olhar do sangue que escorria pela mão de Lucy, gotejando no chão.

— Estou bem — disse ela decidindo ignorar o olhar faminto de seu companheiro. — Precisamos fugir daqui.

— E como acha que isso seria possível? — replicou Tearlach, desanimado.

Lucy nada respondeu, pois estava ocupada demais tentando recuperar o artefato de metal que havia retirado do bolso de um dos homens. Estava complicado com os pulsos acorrentados, mas ela conseguiria. Tinha de conseguir.

Capítulo II

Tearlach cerrou os olhos tentando ignorar o aroma de sangue fresco, mas era difícil. Suas costas queimavam pelos golpes de chicote e a sede de sangue dominava seus sentidos. Teria sido mais fácil suportar esta agonia caso Lucy lhe contasse histórias como antes, mas ela agora calava.

Ela só respondera com breves exclamações às vezes que Tearlach perguntou se o corte não a machucara demais. Entretanto, ao saber quem era, Lucy havia se fechado em copas. Talvez tivesse sido melhor aceitar a oferta de Wymon e ter se alimentado do líquido vital. Afinal, o sangue que podia salvar sua vida se desperdiçava pelo chão. Seus ouvidos sensíveis eram capazes de ouvir cada gota se chocar contra o solo. Mas o horror na face de Lucy o fez resistir.

Tearlach tentou bloquear o som maldito e pensar em outras coisas, mas não tinha controle sobre os pensamentos. De olhos fechados, ele via imagens da tortura que sofrerá e do horror na face de Lucy ao ver seus dentes.

Seu coração batia mais forte ao lembrar dos momentos de leveza, provocados pela conversa suave de lady Blytheswood. Uma conversa que mais de uma vez o fizera esquecer a miséria da situação. Entretanto, aquilo terminara e pela primeira vez Tearlach se confrontava com o monstro que afirmavam existir dentro de si.

Se fosse um dos homens de Wymon, ele não teria tido escrúpulos para amainar sua sede,' mas Lucy era diferente. A princípio fora fácil recusar a oferta de Wymon, mas quando ele a cortou, Tearlach necessitou de toda a força de vontade para não sucumbir ao desejo, causado pelo aroma de sangue. Caso Lucy não houvesse prendido a respiração horrorizada e arregalado os olhos despertando-o daquele louco desvario, ele teria abocanhado o pulso ensangüentado para sorver o líquido que livraria, ao menos por enquanto, da possibilidade de morrer e fraqueza.

— Tearlach? Está acordado? — Lucy interrompeu-lhe os pensamentos.

Ainda de olhos cerrados, ele a teria ignorado se não fosse elo fato de a voz soar próxima demais. Surpreso, abriu os olhos e deparou com a donzela de cabelos claros em pé a sua ente.

— Como conseguiu? — indagou incrédulo.

— Não se lembra das histórias sobre como meu irmão e eu brincávamos no

calabouço? — gracejou Lucy.

— Sim — respondeu ele ainda custando a crer, ao vê-la fiando o grilhão que lhe prendia o pulso.

Enquanto ela lidava habilmente com o metal, Tearlach a observava estarecido e calado.

Seus pensamentos se concentravam em como faria para manter-se em pé depois de solto. Pior que isso, mesmo que Lucy abrisse todos os cadeados, escapar seria impossível, pois não tinha força para caminhar e menos ainda para correr. — Por que não tentou isso na noite passada ou na anterior? perguntou Tearlach frustrado. Antes de ser torturado, ele teria forças para livrá-los daquele inferno, mas depois de perder tanto sangue, não conseguiria libertar Lucy e ainda atrapalharia sua fuga.

— Não fiz antes porque necessitava de algo metálico — explicou ela sem interromper o que fazia. — Consegui tirar esta peça do bolso de um dos homens. Não acreditou que eu fosse sincera ao dizer que talvez aceitasse casar, não é?

A pergunta que Tearlach desconfortável, pois realmente acreditara que ela havia mudado de opinião. Depois da tortura a que o submeteram, não seria de admirar que ela não quisesse sofrer o mesmo suplício.

— Que peça de metal você arrumou?

— Não tenho certeza — admitiu Lucy. — Parece uma chave quebrada ou um amuleto. Tivemos sorte de ele estar com isto no bolso.

Tearlach a fitou com um misto de admiração e remorso. Ele conhecia sua coragem pela maneira decidida como começou a contar histórias e puxar conversa desde as primeiras horas em que estiveram juntos. Aquilo fora uma estratégia para distraí-los do que os aguardava. Por outro lado, os contos revelavam seu caráter e o fizeram sorrir apesar das circunstâncias.

Lucy era uma mulher forte com leveza no coração. E, aparentemente, não o considerava um monstro, pois não tentaria libertá-lo se tivesse medo ou repulsa.

— Pare — murmurou Tearlach em conflito consigo mesmo, mas sabendo que não tinha alternativa. Entretanto, não foi ouvido, pois o outro cadeado já se soltava. — Não adianta — disse Tearlach quando seu braço, agora livre, despencou ao perder a sustentação.

— Por quê? — perguntou Lucy sem compreender.

— Está perdendo um tempo precioso.

— Estou tentando abrir estes cadeados o mais rápido possível — disse ela em tom de

desculpa.

— Não é o que quero dizer — retrucou Tearlach. — Está perdendo seu tempo comigo. Estou fraco demais para fugir e vou atrapalhar. É melhor escapar sozinha.—Lucy ia dizer algo, mas Tearlach foi mais rápido. — Poderá enviar ajuda. Envie uma mensagem ao meu castelo para informar onde estou e eles virão me libertar.

Inabalável, Lucy simplesmente já havia retornado à tarefa de abrir o cadeado que o prendia pelo pescoço, mas de repente parou e o fitou.

— De que adiantaria? Quando seus cavaleiros chegarem, você estará morto pelas torturas de Wymon. Jamais farei isso! Não pude salvar meu irmão das mãos de Wymon, mas jamais deixarei que você tenha o mesmo destino.

— Ele não vai me matar. Preciso estar vivo para supri-lo de informações — explicou Tearlach confiante. — Não terei forças para me manter em pé e sou pesado demais para você me carregar.

— Não pense nisso agora, resolveremos os problemas quando aparecerem. Tenho um plano.

— Que plano? — perguntou Tearlach sem evitar uma fugaz faísca de esperança na alma.

Lucy não respondeu de imediato, sobretudo porque agora sorria ao abrir o último cadeado.

— Estou ficando cada vez melhor nisso — disse ela em tom reflexivo. — Fazia tempo que não usava essa habilidade e receava ter esquecido.

A satisfação de Lucy o fez sorrir também.

Quando ela abaixou para checar a corrente que o prendia a cintura, roçou os cabelos em seu tronco fazendo arrepiar-se inteiro. Ela necessitava testar a tensão da corrente e, ao se abaixar mais, sua cabeça tocou-lhe o estômago transmitindo-lhe, inesperadamente, calor e confiança.

Ao testar a tensão da corrente, ela concluiu que era o suporte que o mantinha em pé e resolveu então abrir primeiro os tornozelos. Tearlach a deixou se concentrar, enquanto se abaixava aís para libertar-lhe as pernas. Permaneceu calado, observando a jovem dama que parecia frágil, contrastando com seu caráter forte.

Na posição em que estavam, o brilho da tocha refletia nos cabelos de Lucy, deixando-os mais claros. Quando a viu na hospedaria já a tinha achado atraente, agora sabia que sua beleza não provinha apenas dos traços físicos, mas era seu interior que a tornava especial. Ela

era dona de olhos grandes e expressivos que brilhavam com diferentes emoções ao sabor do que contava. Seu sorriso era franco e aberto, e seu espírito corajoso e aventureiro.

Tearlach respirou fundo e sentiu o coração enternecer, algo que não experimentara antes, ao menos não daquela maneira. Ele não via seu rosto, mas o sabia delicado, em mágico contraste com a força interior que ela possuía. Ao contrário de outras donzelas, Lucy não se rendera aos maus-tratos de Wymon e o enfrentara. Não era bom estarem presos, mas se tinha se deixado capturar e estava acorrentado às paredes de pedra de uma masmorra, então devia estar feliz por compartilhar o infortúnio com aquela mulher linda e excepcional.

— Pronto — disse Lucy ao libertar-lhe os pés. — Em breve estaremos fora daqui — completou ao se erguer e fitá-lo com um sorriso.

Tearlach tentou sorrir de volta ante a certeza que ela exibia, mas neste momento o aroma de sangue invadiu-lhe os sentidos: Lucy começava a lidar com o cadeado do pulso esquerdo e a posição a fazia aproximar o corte do rosto dele.

Com o corpo reagindo automaticamente, sobretudo por estar tão fraco, ele cerrou os olhos, resistindo à vontade de sorver o ferimento. Só precisaria mover a cabeça alguns centímetros e capturar aquelas gotas de vida que se desperdiçavam sobre o chão.

— Tearlach? — A preocupação na voz de Lucy o fez abrir os olhos. E ela continuou: — Vou soltar a última corrente. É a que o prende pela cintura.

Enquanto a fitava com olhar de tristeza e afeto, sabia que mesmo estando livre, não conseguiria carregar o próprio corpo escada acima e enfrentar a resistência, que decerto, iriam encontrar.

— Você está bem? — perguntou Lucy, franzindo a testa.

Incapaz de explicar que era o aroma do sangue que o torturava, Tearlach calou e meneou a cabeça, assegurando que estava bem e sabendo que não havia nada a fazer senão esperá-la terminar.

Lucy prosseguiu e se pôs a lidar com o cadeado da cintura. Entretanto, e como antecipava, suas pernas fraquejaram ao perder o suporte da corrente e ele caiu de joelhos. Lucy tentou ampará-lo, mas o peso era demais e ambos terminaram mirando um ao outro de joelhos no chão.

— Está bem? — Lucy perguntou preocupada, amparando o peito de Tearlach para impedi-lo de tombar sobre ela.

Ele soltou um murmúrio de frustração e revolta, pois o que mais o afligia era sentir o aroma de sangue fresco e ter de lutar para não sorver ao menos algumas gotas do líquido e

salvar a vida. Mas não podia lamber o chão como um cão imundo.

— Qual é seu plano para nos tirar daqui? — ele se obrigou a dizer.

Lucy nada respondeu e o fitou com expressão decidida. Os segundos passavam e afinal, quando ele supunha que ia permanecer calada, ela ergueu o braço e ofereceu o corte acima do pulso.

— Beba. Recupere suas forças para irmos embora.

Surpreso, Tearlach hesitou. A quantidade de sangue que necessitava era maior do que Lucy podia oferecer sem comprometer a saúde.

— Não. Vá embora e informe meu povo. Eles virão me resgatar.

— Somente resgatarão seu cadáver—ela replicou impaciente. — Wymon ficará mais furioso quando descobrir que eu escapei e vai torturá-lo até a morte.

— Isso não importa, desde que você escape — Tearlach não queria discutir com a razão.

— Não seja tolo. Não escaparei sozinha — prosseguiu, tomando-lhe o queixo e erguendo seu rosto para encará-lo. — Preciso de você.

Subitamente tudo se tornou claro para Tearlach. O horror em sua face era real, Lucy o considerava um monstro. Não foi por confiança que o libertara, mas por necessitar dele para fugir.

Doía pensar que ela o queria usar, rompendo a cumplicidade que aparentemente se criara entre os dois. De repente, a raiva o invadiu, fazendo esquecer a afeição e simpatia por aquela mulher, quase desconhecida e, dando vontade de destroçar sua garganta para matar a sede de sangue que o consumia.

Entretanto, seus pensamentos e desejos decerto transpareceram no rosto, pois ela agora o fitava amedrontada, como se anteviesse as intenções. Diante do temor estampado na companheira de cela e reconhecer a vulnerabilidade a que estavam submetidos, Tearlach recuperou o controle e afastou o impulso que o levaria a fazer algo do que se arrependeria mais tarde.

Era normal que ela tivesse medo. Como poderia não ter?

Tudo que se sabia a seu respeito eram os rumores sobre os seres das trevas, sem alma, e que se alimentavam de sangue humano. Quem não teria medo? Tearlach gostaria que ela o visse como era e o compreendesse melhor, pois ele não era um monstro que atacava viajantes na calada da noite.

Respirando fundo e engolindo a raiva, o bom senso voltou a dominar-lhe, lembrando-

o que também era responsável por salvar a ambos daquela situação. Porém resistiria ao que lhe era oferecido. Não sugaria o sangue do braço de Lucy como um cão faminto enquanto ela o fitava com repugnância. Além disso, ele jamais a machucaria.

— Tearlach? — Lucy sussurrou com incerteza.

Ele se forçou a sorrir sem conseguir esconder a tensão e então a fitou.

— Beije-me — disse ele.

Lucy se surpreendeu ao ouvir o pedido, mas não pareceu sentir repulsa. Pelo contrário, parecia confusa.

— Não necessita se alimentar? Está fraco demais e se perder a consciência, será impossível...

— Beije-me — insistiu Tearlach.

— Mas... — começou Lucy antes de enrubescer e desviar o olhar.

Em vez de repetir o pedido, Tearlach aproximou o rosto e beijou-lhe os lábios com delicadeza. Devagar, ergueu as mãos desfalecidas e entremeou os dedos entre os cabelos compridos, segurando-lhe a cabeça e fazendo-a aceitar a carícia.

Ela poderia ter escapado se quisesse, pois ele não conseguiria prendê-la com força, mas aceitou o toque terno daqueles lábios sem opor resistência. O beijo se aprofundou quando ela entreabriu a boca, permitindo que aquela língua ávida se juntasse à sua num bailado único e sensual.

— Tearlach — ela murmurou quando afinal seus lábios se separaram. Sua voz parecia tremer ao sabor de diversas emoções, todas bem diferentes do medo que sentira antes.

— Sim — disse ele custando a controlar o desejo de novamente possuir aqueles lábios tenros e vermelhos.

— Você necessita se alimentar — ela completou num sussurro.

— Sim — concordou ele antes de enterrar os dentes em seu pescoço.

Lucy se retraiu numa resposta automática, mas breve. No instante seguinte, Tearlach a sentiu relaxar e se entregar ao prazer e alívio que também o invadiam.

Lucy fechou os olhos ao sentir o corpo estremecer de prazer, pois jamais imaginara que oferecer o sangue a um vampiro fosse uma experiência prazerosa. Wymon pretendia atemorizá-la ao oferecer seu sangue para MacAdie, mas não o teria feito se soubesse a sensação que aquilo proporcionava.

De repente, ele afastou a face e ergueu o rosto. Pela boca entreaberta se viam os pontudos e afiados caninos sobressaindo entre os lábios. Lucy fitou aqueles dentes, fascinada,

sem compreender como era possível que a mordida produzisse prazer e não dor. Mas o mistério teria de ser dissipado mais tarde, pois ele ainda parecia fraco e pálido.

— Você precisa de mais sangue — disse ela.

— Não poderá me oferecer mais sem enfraquecer demasiado a si mesma.

Lucy mordeu os lábios refletindo sobre o que ouvia. A verdade era que seria melhor se ele recuperasse as forças, mesmo que o preço a pagar fosse sua fraqueza. Tearlach poderia carregá-la, mas o inverso não era possível.

— Só um pouco mais — Lucy insistiu, mas ele tornou a menear a cabeça.

— Levante-se.

Sem compreender, Lucy preferiu não discutir e se ergueu. Entretanto, e para sua surpresa, ela se sentiu zozza e teve de tocar a parede para recuperar o equilíbrio.

— Está enfraquecida com o sangue que bebi. Se tomar tudo que necessito, terminarei por matá-la.

Lucy franziu a sobrancelha preferindo não discutir.

— Já consegue caminhar? — ela perguntou.

Tearlach se manteve imóvel um instante, mas então reuniu forças e levantou-a devagar. Embora cambaleante, conseguiu andar. Lucy tomou-lhe o braço e passou sobre os próprios ombros para suportar parte do peso e ajudá-lo a caminhar até a porta da cela. Não houve protesto, mas ela sabia que ele estava mais fraco do que demonstrava.

Apesar do pouco que revelara sobre si mesmo, ele se apresentara como um cavaleiro orgulhoso que não admitiria facilmente a fraqueza. E jamais o faria para uma mulher! Era certo que ele precisava de mais sangue e a única esperança era que, ao escapar, pudessem dominar um dos homens de Wymon para Tearlach se alimentar.

Lucy se sentiu mal ao ter tal esperança, mas haviam sido presos injustamente e a morte os aguardava caso não fugissem. Se para escapar era necessário que um dos homens de Wymon pagasse com a vida, então teria de ser assim.

— Aonde leva esta escada?—perguntou Tearlach ao saírem da cela.

Ela visitara o castelo Carbonnel algumas vezes, mas nunca estivera ali. Num esforço para rememorar as dependências acima, ela afinal meneou a cabeça.

— Não creio que vamos sair no salão — observou, incerta. — Talvez leve para a cozinha.

—Espero que não—replicou Tearlach com razão. A cozinha de um castelo sempre foi cenário de permanente atividade e não um lugar onde passariam despercebidos.

— Espere enquanto vou averiguar — disse ela. Tearlach fez menção de protestar, mas Lucy se desvencilhou garantindo que ele permanecia em pé e galgou os degraus iluminados por tochas. Ao alcançar o topo, prendeu a respiração e abriu lentamente a porta de madeira. Surpresa, ela descobriu que a escada terminava no recinto onde os guardas dormiam, mas, felizmente, o local estava vazio, a não ser por um deles que roncava sobre uma das camas num canto. Era um momento propício para escapar, pois os guardas deviam estar comendo ou em alguma expedição.

Pela fresta, Lucy notou as roupas espalhadas e penduradas em ganchos. Havia túnicas que os soldados usavam como uniforme, além de calças de algodão rude e grosso. As roupas não pareciam primar pela limpeza, mas serviriam para o propósito que tinha em mente. Sem titubear, mas com extremo cuidado para não fazer ruídos e despertar o guarda, Lucy fez um sinal para Tearlach se manter quieto, e entrou no salão, esgueirando-se entre as camas para arrebanhar peças de roupa até compor dois uniformes. Terminada a tarefa, voltou e tornou a descer.

— A escada leva ao dormitório dos guardas — explicou ao se aproximar de Tearlach. — Mas não há ninguém por perto, mente um homem adormecido — assegurou passando parte das roupas. — Consegui obter estes uniformes.

Tearlach fez uma careta ao aceitar as roupas que Lucy entre, pois fediam como se jamais houvessem sido lavadas. Então, virou e começou a tirar a saia escocesa que usava. Embaraçada, Lucy tornou a entrar na cela para tirar o vestido e colocar o uniforme da guarda de Wymon. Ao voltar, Tearlach já vestia as roupas imundas que os ajudaria a passar despercebidos. Ele sorriu fracamente ao vê-la, mas então suspirou desanimado.

— O que foi? — perguntou Lucy.

—Você é linda demais para passar por homem. Seremos reconhecidos imediatamente.

Lucy mordeu os lábios e hesitou um momento até que algo lhe ocorreu. Sem titubear, ela se aproximou de uma das tochas e passou os dedos na parede suja pela fumaça e óleo. Com um gesto rápido, esfregou em seguida os dedos contra o rosto sujando as bochechas e a testa, e fitou-o com olhar interrogativo.

—Assim está melhor—disse Tearlach sem conseguir deixar de sorrir.

Aliviada, ela tornou a ampará-lo, ajudando-o a subir a escada. Ansiosa, temia que os homens houvessem terminado o que quer que fosse que os ocupava e já houvessem retornado às dependências onde viviam.

Entretanto, a sorte parecia de fato acompanhá-los, pois o salão continuava vazio a não

ser pelo guarda roncando.

Tearlach não titubeou e logo se esgueiravam entre as camas. De repente Lucy parou e quando Tearlach a fitou sem compreender, ela indicou o homem adormecido.

— Você precisa beber mais sangue — ela sentenciou.

— É arriscado demais — ele retrucou.

Assim que saíram para o exterior, o sol já havia se posto, apesar de haver um lusco-fusco no céu. Estava escuro o suficiente para ajudá-los a não ser reconhecidos. Havia uns poucos guardas perto de uma porta onde supostamente seria o dormitório. Neste momento alguém chamou do lado de dentro e os homens entraram.

— Agora — disse Tearlach. — Temos de ser rápidos. Com a adrenalina dando impulso para seguir adiante, eles se esgueiraram rente à parede do dormitório encobertos pelas sombras. Em pouco tempo chegaram ao final da construção, saindo da visão dos guardas que, a julgar pelo ruído dos passos, tornavam a cruzar o pátio em direção ao dormitório.

—Onde ficam os estábulos?—perguntou Tearlach retendo-a.

Lucy olhou em torno e reconheceu o local onde estavam, uma pequena viela ladeada de um lado pelo dormitório dos guardas e do outro pela construção onde guardavam artigos de combate. Sabendo que os estábulos ficavam logo adiante, ela gesticulou, indicando que deviam prosseguir. Ao atingirem o final da viela, Lucy apontou outra construção.

— Espere aqui — ela murmurou.

Assegurando-se de que não havia ninguém por perto, Lucy correu sorrateira e num instante alcançava o estábulo.

Felizmente, também o mestre do estábulo não estava por perto, pois lá só havia os animais que, habituados à presença humana, não se assustaram.

Agradecendo aos Céus por ter dado tudo certo até então, Lucy observou a fileira de cavalos e para sua surpresa e alegria, avistou Trinket, a querida égua que a acompanhava havia anos.

Trinket era uma montaria soberba, uma égua negra e vigorosa, capaz de cavalgar com velocidade e extremamente fiel a Lucy. O animal seria capaz de carregar duas pessoas, e isso era ótimo, pois no atual estado, Tearlach não conseguiria se equilibrar sozinho.

Sem perder tempo, Lucy selou a égua num instante e soltou as rédeas que a prendiam a uma estaca enterrada no chão.

Cautelosamente, ela puxou Trinket para fora e, ao tornar a sair na viela, notou assustada que o pátio ao lado se encontrava agora repleto de guardas, a julgar pelas ruidosas

gargalhadas som de falatório. Consciente de que necessitavam fugir o mais rápido possível, aproximou-se de Tearlach, fazendo menção para ele montar, rezando que tivesse forças para fazê-lo. Suas preces foram atendidas, pois ele conseguiu montar e em seguida estendeu o braço convidando-a montar à sua frente.

Ao sentar, Lucy tomou as rédeas e começou a conduzir Trinket para longe do pátio e em direção ao arco de pedra encimado por uma torre que guardava a entrada do castelo.

Os momentos que se seguiram foram os de maior nervosismo e ansiedade que ambos jamais experimentaram. Em pouco tempo eles se aproximaram do imenso portão que no momento se encontrava aberto. Felizmente, também a ponte sobre o canal que circundava o castelo estava baixada.

A vontade maior era de disparar em galope, mas isso atrairia muita atenção. Havia guardas e vassalos por ali, mas ninguém pareceu notar algo estranho nos dois indivíduos que compartilhavam o mesmo cavalo. Seguramente tinha sido boa idéia se disfarçarem com o uniforme dos soldados de Wymon, pois as sentinelas do portão do castelo não fizeram perguntas.

Finalmente, atravessaram a ponte e tomaram a estrada que sumia bosque adentro. De repente, exausto e padecendo por ter usado as últimas reservas de força, Tearlach curvou-se sobre as costas de Lucy. Foi preciso uma imensa força de vontade para se manter ereto enquanto cruzavam o portão, mas agora a fraqueza o dominava.

Tenho de parar para ele descansar, refletiu Lucy, sabendo que por maior que fosse a vontade de sair galopando e se afastar daquele lugar, Tearlach necessitava se recuperar.

— Não conseguirei me manter na sela muito tempo — murmurou ele de encontro a seu ouvido como se lhe adivinhasse os pensamentos. — Será que existe uma caverna por aqui para nos servir de abrigo? Teremos de estar fora do sol quando amanhecer.

Lucy lembrou-se que a lenda também dizia que vampiros não suportavam a luz do dia. E lembrou-se das pedras enormes que abrigavam uma caverna no caminho para Blytheswood.

— Conheço um lugar, mas teremos de cavalgar cerca de duas horas para até lá. Acha que vai conseguir?

— Sim — murmurou Tearlach, lutando para tornar a erguer as costas.

Era preciso chegar à caverna o quanto antes, caso contrário Tearlach podia perder os sentidos e desabar da sela, o que tornaria a situação ainda mais complicada.

Infelizmente, a viagem durou mais de duas horas até a região das rochas. Em seguida,

percorreram por mais trinta minutos pela trilha que levava à caverna. Poucas pessoas conheciam aquele caminho tortuoso, imerso no coração do bosque. Felizmente a lua brilhava forte, ajudando-os a percorrer o caminho.

Tearlach estava semiconsciente e seu corpo pesava novamente sobre as costas de Lucy. Por sorte, a entrada da caverna era grande o suficiente para entrarem a cavalo, pois se fosse necessário desmontar, Lucy não conseguiria arrastá-lo para dentro.

Após avançarem alguns metros, Trinket parou e se recusou a seguir adiante. Lucy não a culpou, pois a caverna era escura e como o luar não os atingia, era impossível enxergar um palmo adiante do nariz. Sem dúvida, os raios de sol não os alcançariam ali. Afora o fato de que Tearlach necessitava se proteger dos raios solares, a caverna seria um ótimo esconderijo para se ocultar dos homens de Wymon.

Infelizmente Tearlach estava fraco demais e necessitavam parar, caso contrário ela seguiria viagem para Blytheswood para revelar a verdade a seu povo o quanto antes.

Era possível deixar Tearlach escondido na caverna e prosseguir, mas Lucy não ia abandoná-lo. Incapaz de se defender por causa da fraqueza, ele estaria à mercê dos homens de Wymon caso o encontrassem. A escolha era óbvia: esperariam um dia ou pouco mais, escondidos na caverna, até ele se recuperar e então prosseguiriam para Blytheswood.

— Chegamos — disse Lucy contente ao vê-lo consciente. — Consegue desmontar?

Tearlach fez menção de descer da sela, mas no instante seguinte escorregava pelo flanco da égua e desabava pesadamente no chão da caverna.

Assustada com a queda, Lucy pulou da sela. Ao ajoelhar ao lado do corpo inerte, percebeu que Tearlach respirava pesadamente, sinal de que não tinha batido a cabeça nas pedras e estava vivo.

Ao olhar ao redor só conseguiu enxergar a entrada por onde tinham passado. Depois que os olhos se acostumaram ao escuro, ela percebeu que não havia nada ali para servir-lhes de conforto: galhos para uma fogueira, folhas para servirem de apoio para os corpos cansados... enfim, nada.

Depois de dias, aquela seria a primeira oportunidade para descansar.

Lucy sentiu a fome apertar e lembrou-se de que a última vez em que fizera uma refeição havia sido na hospedaria naquele dia fatídico que parecia ter acontecido havia anos. Mesmo assim, a exaustão vencia a fome. E cedendo aos apelos do corpo cansado, aninhou-se ao lado de Tearlach e adormeceu profundamente.

O repentino ruído de uma gargalhada do lado de fora a fez arregalar os olhos. Com a

expectativa de que homens irrompessem na caverna a qualquer momento, Lucy decidiu que era melhor permanecer imóvel no escuro. Uma tênue claridade se imiscuía pela entrada da gruta, mas a luz era pouca e não chegava até eles. Quando os minutos passaram sem nada acontecer, Lucy voltou a respirar mais normalmente.

Ela se desvencilhou suavemente dos braços de Tearlach e se levantou.

Preocupada com os ruídos, levantou-se e caminhou silenciosamente até a entrada da caverna. Com cuidado, esgueirou-se ao longo da parede de pedra até poder espiar fora. Como não havia ninguém, ela já ia retornar quando tornou a ouvir som de risadas. Com extremo cuidado, avançou alguns passos e, ao olhar para a esquerda, viu três soldados a cavalo se afastando devagar.

— Não imaginam a cara que ele fez ao ver a cela vazia — dizia um dos homens entre risos. — Mas a fúria que tomou conta de lorde Wymon não foi nada engraçada.

— Cabeças vão rolar se não encontrarmos os dois fugitivos — alertou outro deles num tom grave que estancou as risadas.

Por um momento os três se mantiveram em silêncio, até um deles recomeçar.

— É tarde e temos que cavalgar muito para retornar ao castelo. Melhor dormir por aqui e continuar a busca amanhã cedo. Não podemos retornar de mãos vazias, temos de encontrar ao menos rastros — sentenciou um deles e os outros imediatamente concordaram.

Observando-os desaparecer pelo bosque, Lucy suspirou e fitou o céu. O sol estava baixo e logo anoiteceria.

Sem despertar, Tearlach se moveu e esticou os braços como se sentisse falta de seu corpo e a procurasse. Sorrindo, ela voltou a deitar a seu lado, apesar de saber que não tornaria a adormecer ainda mais com os homens de Wymon rondando por perto. Teriam que ser muito cautelosos na fuga.

Se sairmos, Lucy pensou com amargura lembrando de como Tearlach estava fraco na noite passada. Ele tinha pagado um preço alto pelas chicotadas. Era surpreendente que continuasse vivo, pois um homem normal não teria suportado a tortura. Tearlach recobrava um pouco de força ao beber seu sangue, mas não fora suficiente.

De repente ocorreu-lhe que os três soldados de Wymon lá fora tinham em abundância o que Tearlach necessitava. Ou será que as pessoas como Tearlach podiam sobreviver com sangue de animais? Suspirando, decidiu esperar a noite chegar, e então sairia para buscar alimento para ambos, antes da fuga.

A caverna estava silenciosa e fria quando Tearlach acordou, mas, habituado a dormir

em locais assim, não achou estranho. O que o incomodou foi não encontrar Lucy.

Ela me deixou para trás, concluiu engolfado por numa súbita onda de solidão.

Entretanto, logo considerou que não devia se surpreender por estar só. Afinal, ele a estava atrasando e, somente fugiram juntos porque Lucy acreditou necessitar de sua ajuda, o que terminou não acontecendo. Não era de surpreender que ela sumisse na primeira oportunidade.

Com a cabeça pesada e uma fraqueza que dificultava os movimentos, Tearlach observou ao redor. Necessitava de sangue com urgência. Apesar de não ter vigor para buscar o alimento, não havia escolha: ou ficava ali até morrer de inanição, ou tentava obter o néctar que lhe daria força para prosseguir.

Antes, porém lembrou-se com clareza do que havia acontecido logo que Wymon o capturou. O efeito da droga que traiçoeiramente lhes haviam dado passara assim que chegaram à masmorra, e Wymon usara este tempo para atormentá-lo com ameaças do que pretendiam fazer com ele e o primo.

Com um prazer mórbido, Wymon contou ter sido informado que Tearlach e o primo haviam partido da Escócia e viajavam pelas proximidades. Explicou também que as hospedadas num raio de milhas tinham ordens de avisá-lo se os avistassem. O plano surtiu efeito e o trajeto que seguiam logo se delineou. Então, um grupo dos homens de Carbonnel passou a segui-los, enviando notícias sobre onde estavam e a direção que seguiam.

Foi assim que Wymon foi notificado que chegavam à hospedaria entre Carbonnel e Blytheswood. O plano de Carbonnel fora eficiente e Tearlach agora se recriminava por terem estupidamente percorrido um trajeto fácil de rastrear.

Wymon dissera que ele e Heming seriam torturados para revelar as defesas de MacAdie e MacNach, os túneis subterrâneos, o número de soldados que possuíam e suas táticas de guerra. Em posse destas informações, Wymon os atacaria com grande chance de vitória, exterminando o clã dos vampiros e conquistando suas terras.

Tearlach pensou com pesar no primo e no que estaria suportando. Mesmo fraco, ele contava com a proteção da caverna, mas Heming podia estar sendo torturado ou queimado vivo naquele exato momento.

Determinado, se ergueu com esforço. Após se alimentar, teria então de escolher entre descobrir aonde prendiam Heming e salvá-lo ou retornar ao castelo, arrebanhar homens e voltar com uma expedição de resgate.

Era difícil julgar a melhor alternativa. Se tentasse salvar Heming e falhasse, estaria

pior do que antes. Porém, se voltasse para arrebanhar homens, era possível que Heming já estivesse morto quando o encontrassem.

Antes de tomar qualquer decisão, Tearlach precisava se alimentar para poder refletir com lucidez, e aliviar parte da dor que lhe consumia. O sangue provido por Lucy o ajudara em parte, mas só o suficiente para chegar ali, nada mais.

Fora ela quem os libertara, reconheceu relembrando os fatos. E agora sentia sua ausência.

Intuindo que já havia anoitecido, Tearlach começou a caminhar para a entrada da caverna, mas cada passo custava esforço, causando tontura e obscurecendo a visão.

Subitamente, ouviu ruídos vindos de fora, como algo sendo arrastado. De repente o ruído parou, mas reiniciou em seguida. Tenso, ele se encostou à parede de pedra mantendo os olhos fixos na entrada da caverna. Para sua surpresa, foi Lucy quem apareceu inclinada de costas, arrastando algo.

Era isso que tinha escutado. O som se interrompia a intervalos regulares porque o que quer que fosse que ela arrastava, era pesado e a forçava a parar para retomar o fôlego. Fraco, Tearlach começou a caminhar em sua direção, apoiando a mão na parede para não perder o equilíbrio.

—O que aconteceu?—perguntou alarmado ao se aproximar e ver que ela arrastava um rapaz desmaiado.

— Ah! — exclamou Lucy endireitando as costas e tentando sorrir. — Trouxe alimento para você — explicou, passando o braço na testa para enxugar o suor que lhe escorria pela testa.

— Alimento para mim? — ecoou Tearlach estupefato e incrédulo, ao vê-la se referir ao corpo imóvel como se fosse um coelho.

— É um dos homens de Wymon — explicou ela perturbada ao notar-lhe a expressão. — Você necessita recuperar as forças. Como se recusa a beber mais do meu sangue, eu pensei que... — continuou, mas então se interrompeu e franziu a testa. — Por que está me olhando assim?

Tearlach recostou as costas contra a pedra deixando escapar um sorriso. De que outra maneira poderia fitá-la? Ele pensou que havia sido abandonado e, no entanto, ela saíra para buscar sua sobrevivência.

Atônito, Tearlach não conseguiu evitar a felicidade que invadiu seu coração e a onda de calor que perpassou sua alma, livrando-o do peso do abandono. Aquela mulher era a fonte

de luz daquela caverna escura, banhando tudo com seu brilho.

— Está se sentindo bem? — perguntou Lucy, tocando-lhe o ombro.

— Sim — assegurou ele, sorrindo ainda mais, afastando sua mão suavemente como a dizer que aquilo não era necessário. O que sentia agora era um imenso desejo de tomar-lhe a boca num beijo sôfrego, afastando todas as preocupações. — Você não necessitava de mim para escapar, eu não ajudei em nada

— lamentou Tearlach sem saber por que dizia aquilo. Mas era o que lhe vinha à cabeça e, de qualquer maneira, não mentia.

A mudança abrupta de assunto a surpreendeu, mas Lucy deu de ombros.

— Minha consciência não permitiria deixá-lo naquela masmorra.

— Foi você quem nos libertou e eu não ajudei em nada, além de servir apenas como um fardo nas suas costas.

— Jamais teria partido sozinha—replicou Lucy embaraçada.

— Foi você quem me salvou e não o contrário — repetiu Tearlach.

Com o embaraço cedendo lugar à irritação, ela calou e fitou o rapaz inconsciente no chão.

— Pensei que tivesse ficado horrorizada ao saber que sou um monstro e que só me quisesse por perto para ajudá-la na fuga — continuou Tearlach. — Como foi você que me libertou, deduzi que tinha aproveitado a primeira oportunidade para seguir sozinha.

Tornando a erguer o rosto, Lucy o fitou nos olhos, antes de responder:

— Apesar de suas características, não o considero tão monstro quanto Wymon, por exemplo — disse com determinação.

— Além disso, mesmo que não tenha ajudado muito até agora, sua companhia me deu força. E sei que ajudará mais no futuro, caso concorde em se alimentar.

Tearlach admitia que Lucy tinha razão e agora via que tinha sido tolo ao supor que ela precisava da sua ajuda. Seus pensamentos atrapalhados o haviam levado a conclusões erradas e isso o lembrou que seguia necessitando se alimentar para pensar com clareza.

Lucy arrastara o desconhecido para dentro da caverna o suficiente para não ser vista do lado de fora. Como era desnecessário puxá-lo ainda mais, Tearlach deu um passo e ajoelhou inclinando o rosto na direção do pescoço do rapaz desacordado. Neste momento, entretanto, Lucy tossiu, distraíndo-o.

— Não vai matá-lo, vai? — perguntou ela num sussurro. Tearlach tornou a erguer o olhar e a fitou.

— Não o matarei se você não quiser — respondeu murmurando.

— Sei que se trata de um guarda de Wymon, mas é obrigado a cumprir ordens e não merece morrer pelo que não é responsável.

— Não beberei tanto a ponto de matá-lo — assegurou Tearlach. — Como conseguiu capturá-lo?

— Ao despertar, ouvi vozes lá e fui averiguar o que era. Havia três homens e eu os escutei dizer que iam acampar aqui perto. Esperei até sumirem de vista e fui atrás com cautela. Quando apearam dos cavalos, subi numa árvore para observar, com esperança de que um deles se distanciasse dos demais. Não precisei esperar muito, pois logo um veio para debaixo da árvore na qual eu estava. — Neste momento, Lucy fez uma pausa e fitou o desconhecido desmaiado sobre o chão. — Felizmente, era o mais jovem e menor dos três, caso contrário não teria sido capaz de golpeá-lo e arrastá-lo até aqui.

— Compreendo — concordou Tearlach — Por que ele se aproximou da árvore e como conseguiu deixá-lo inconsciente? — perguntou voltando a fitar Lucy.

— Ele necessitava fazer o que todos temos de fazer e... — ela se interrompeu desviando o olhar.

— Compreendo — disse Tearlach, respeitando seu embaraço com explicações desnecessárias.

— Enquanto ele estava... distraído... — continuou Lucy ainda sem fitar Tearlach — eu atirei uma pedra em sua cabeça.

— E conseguiu desacordá-lo com a primeira pedra? Lucy corou um pouco, mas concordou com a cabeça.

— Meu irmão e eu costumávamos brincar de atirar pedras num alvo a distância. John dizia que as armas mais simples são as mais eficientes e mais de uma vez me contou como Golias derrotou o gigante com uma pedra. .

— Pelo visto seu irmão a preparava para uma situação como esta — replicou Tearlach sorrindo.

— Sim — concordou Lucy, mas agora com tristeza no olhar.

— Meu irmão acreditava ser um absurdo se considerar as mulheres como frágeis e que não sejam ensinadas a lutar para se defender como ensinam aos homens. John dizia que eu jamais deveria ser derrotada por não saber lutar e por isso me ensinou coisas que as mulheres não aprendem.

— Você precisa descansar — disse ele de repente. — Deve estar com fome também.

—Colhi amoras silvestres quando voltava — explicou Lucy.

— Vou comê-las enquanto você...

Sem terminar de falar, deu meia-volta e se afastou até encontrar uma pedra que lhe servisse de assento. Então tirou as amoras do bolso e, começou a comer com determinação.

Posicionando-se de maneira a ficar de costas para Lucy, bloqueando-lhe a visão, Tearlach finalmente não perdeu mais tempo. Com a sede que tinha, bebeu uma grande quantidade de sangue rapidamente, mas não tanto a ponto de arriscar a vida do rapaz. Ele acordaria fraco e levaria algum tempo para seu corpo produzir o sangue que lhe fora tomado, mas depois nem saberia o que tinha acontecido.

Ao terminar, Tearlach sentou no chão e cerrou os olhos sentindo o sangue ingerido se espalhar pelo seu corpo. Tendo sorvido muito mais do que no dia anterior, não demorou muito para se sentir melhor. Alimentado com o líquido vital, seu corpo principiava a se regenerar.

O alívio, contudo, logo deu lugar a um sentimento de perturbação. A fraqueza e a dependência não faziam parte de seu cotidiano, por isso era estranho admitir que apreciara as situações que vivenciara nas últimas horas.

— Como se sente? — perguntou Lucy sentada na pedra quando ele afinal se ergueu.

— Melhor — assegurou Tearlach, tornando a se inclinar e agarrando a túnica do rapaz para erguê-lo como a provar que suas forças voltavam. — Vou levá-lo para onde os amigos o encontrem. Não demorarei muito.

Assim dizendo, jogou o corpo inerte sobre o ombro e saiu. Ainda havia luz lá fora, mas o sol já tinha se posto e só restava o lusco-fusco da transição entre o dia e a noite, mais longo durante os meses de verão. Ele respirou fundo sentindo o ar fresco penetrar em suas narinas e então notou o rastro do mato amassado por onde Lucy arrastara o rapaz. A trilha levava precisamente para a entrada da caverna e eles tinham tido sorte de os outros homens não terem saído em busca do rapaz, caso contrário, teriam facilmente descoberto onde estavam.

Consciente de que aquilo ainda podia acontecer, Tearlach ajeitou o corpo sobre o ombro, satisfeito por perceber que suas forças retornavam a cada minuto. Então começou a passar o pé no rastro para fazer desaparecer a trilha que poderia denunciá-los. Entretanto, Logo raciocinou que o melhor seria deixar o jovem deitado em algum lugar e buscar Lucy para saírem dali o quanto antes. Permanecer seria arriscado demais, pois ao encontrarem o rapaz com aquelas marcas típicas no pescoço, certamente saberiam que eles estavam nas redondezas.

Concluindo que desaparecer era o mais acertado, Tearlach deixou o rapaz onde julgou ser um lugar apropriado. Ali parado, uma idéia lhe veio à mente, os outros homens não deviam estar longe e necessitava beber mais sangue para se recuperar totalmente.

Erguendo a face em direção ao céu, ele aspirou para identificar os diferentes aromas no ar. Seu olfato era mais desenvolvido que o dos homens normais, capacitando-o farejar de maneira tão eficiente quanto os animais que identificam as presas. De repente, ouviu ruídos de vegetação sendo quebrada, indicando que o soldado se aproximava.

— Com os diabos, Jones! Onde você está?

Tearlach sorriu aguçando o olhar na direção da voz. Pelo visto não seria necessário procurar, pois um dos homens se aproximava espontaneamente. Como um predador à espreita, ele permaneceu onde estava e em posição de ataque. Logo depois, um soldado surgiu entre os arbustos e parou de repente com um olhar surpreso e assustado ao deparar frente a frente com Tearlach.

— O que...? — começou o homem, interrompendo ao perceber o rapaz desfalecido recostado contra a árvore.

No instante seguinte, numa reação automática, deu meia-volta e começou a correr. Tearlach, contudo, foi mais rápido, e num instante o alcançou e dominou.

Apesar de ter comido uma quantidade razoável de amoras, Lucy ainda sentia o estômago roncar. Como se suas preces tivessem sido ouvidas, Tearlach surgiu à sua frente trazendo um pedaço de carne!

— Onde conseguiu isso? — ela indagou, custando a acreditar no que via.

— Os outros soldados estavam acampados aqui perto e tinham assado este coelho na fogueira quando os encontrei. Estavam se preparando para comer — explicou Tearlach oferecendo-lhe o assado. — Segure isto enquanto vou selar o cavalo para partirmos.

Ela aceitou o guisado imediatamente sem desviar a atenção de Tearlach.

— Você disse que estavam acampados?

— Ainda estão — explicou Tearlach compreendendo os temores de Lucy. — Não se preocupe. Estão vivos, mas adormecidos, precisei de mais sangue.

— Ah — murmurou Lucy aliviada e então sua atenção se voltou para o coelho assado. — Parece ótimo. Estou morrendo de fome.

— O aroma está bom — concordou Tearlach sorrindo. — Você poderá comer enquanto seguimos viagem. Venha.

Com a boca salivando ante a expectativa de comer a carne assada, Lucy mal percebeu

quando ele a ergueu do chão com rapidez, posicionando-a a sua frente na sela.

— Quer comer um pouco? — perguntou Lucy, virando-se e oferecendo a carne.

— Não, obrigado, estou satisfeito.

— Você não come comida normal? — quis saber Lucy, ainda que se sentisse embaraçada por perguntar.

— Claro que sim — assegurou Tearlach sem se incomodar. — Havia dois coelhos no espeto sobre a fogueira. Eu comi um deles enquanto voltava e trouxe o outro para você.

— Oh, obrigada — ela replicou sem esconder a satisfação ao saber que podia devorar o assado inteiro.

Sem mais nada a comentar, Tearlach silenciou para deixá-la comer em paz e esticou as rédeas para conduzir Trinket para fora da caverna.

A lua brilhava no céu iluminando a noite e o caminho entre as árvores. Eles seguiram por cerca de meia hora quando Lucy percebeu que Tearlach finalmente estava relaxado, pois não lhe notou mais os músculos tensos dos braços, que até então lhe enlaçavam a cintura.

— Tenho de libertar Heming, meu primo.

—E verdade — concordou Lucy, engolindo outro bocado da carne surpreendentemente tenra. Ela não havia mais pensado no outro escocês, pois os problemas que enfrentavam tinham mantido sua mente totalmente ocupada. Porém, sabia que onde quer que Heming estivesse, enfrentaria no mínimo a mesma tortura que Tearlach sofrerá.

— Naturalmente vou levá-la para casa antes — continuou ele, preocupando-a.—A que distância estamos de Blytheswood?

— Três horas se continuarmos neste passo — explicou ela perturbada ante a idéia de voltar. Voltar para o castelo significava enfrentar a realidade da morte do irmão assassinado pelo lorde do clã vizinho. Seu povo em Blytheswood estaria revoltado caso já soubessem. Será que Wymon tinha espalhado a notícia de que John fora morto por Tearlach ou será que ainda tentava capturá-la antes para insistir no casamento? Lucy duvidava que tivesse se mantido calado. Como ela e o irmão não haviam retornado, certamente seu povo enviaria uma expedição para procurá-los no trajeto até Carbonnel, e alguma explicação teria de lhes ter sido dada.

— Devemos nos aproximar com cautela até sabermos o que Wymon Carbonnel inventou — disse Tearlach, adivinhando-lhe os pensamentos.

— Sim — concordou Lucy fitando os últimos bocados do coelho. Lembrar da morte de John, contudo, exterminara seu apetite. Jamais esqueceria o momento em que Wymon o

atacou traiçoeiramente e quando, em seguida, seu olhar e o de John se cruzaram antes de ele tombar morto.

— Descanse. Feche os olhos e durma se conseguir—sugeriu Tearlach. — Eu a acordarei quando estivermos chegando.

Lucy meneou a cabeça sabendo que não conseguiria dormir agora que a memória do irmão voltava à cabeça e a tristeza tornava a invadir seu coração.

— Quem você acha que levou seu primo? — indagou ela, tentando escapar dos tristes pensamentos.

— Pensei que você talvez soubesse.

— Eu? — Lucy se espantou.

— Com certeza viu quando nos aprisionaram fora da hospedaria e, como sabe, meu primo e eu estávamos desacordados.

Obrigada a concordar, Lucy fez força para ver se lembrava algo que pudesse dar uma pista sobre o paradeiro de Heming. Na verdade, vira vários homens saindo da hospedaria, mas poucos usavam o uniforme da guarda do castelo Carbonnel e era impossível identificar quem eram os demais.

— Eu vi muitos soldados se aproximando e cercando vocês quando estavam no chão, mas não reconheci nenhum outro brasão da região — explicou Lucy, pensativa. — Mas quem sabe se justamente isto seja mais fácil identificá-los — completou, virando-se para trás.

— Como assim?

Ela não explicou imediatamente, tentando ordenar os pensamentos e se lembrar com exatidão os acontecimentos que presenciara na hospedaria.

— Nenhum dos homens pertencia aos castelos desta área —disse afinal —, senão eu teria reconhecido. Suponho que venham de mais longe, do Norte. Talvez da Escócia.

— Escócia? — ecoou Tearlach.

— Exatamente! Agora me recordo que antes de desmaiar, ouvi alguém dizer algo e reconheci o sotaque escocês. Ele disse para Wymon tomar conta de você enquanto ele se encarregaria do outro.

— Um escocês — murmurou Tearlach, pensativo. — Wymon disse que fomos seguidos desde a Escócia e faz sentido pensar que o outro homem fosse um escocês, um lorde que more próximo de nosso castelo.

— O melhor é seguirmos o trajeto por onde vocês vieram — Lucy opinou.

— Isso é o que eu vou fazer — corrigiu Tearlach. — Você vai permanecer protegida em

Blytheswood.

— Não vai fazer isso sozinho — ela se opôs imediatamente. — Se for capturado e...

— Se isso acontecer, ficarei feliz em saber que você está em casa sã e salva. Mas não serei capturado.

— E eu não estarei sã e salva em casa — protestou Lucy.

— O que quer dizer?

— A essa altura dos acontecimentos, acho que meu castelo não seja um local seguro. Wymon já deve estar lá. Aposto que não pensou que faríamos uma parada de descanso tão rapidamente, imaginando que tentaríamos atingir meu castelo o quanto antes. E, supondo assim, presumo que tenha organizado um grupo de soldados para acompanhá-lo a galope para Blytheswood. Obviamente, não poderia permitir que eu chegasse antes e contasse a meu povo a maneira cruel como John foi assassinado.

A contragosto, Tearlach murmurou algo dando a entender que aquela lógica fazia sentido, além de não ficar nem um pouco satisfeito com as acertadas conjecturas que ouvia.

—Foi bom termos parado—continuou ela.—Se tivéssemos seguido direto para Blytheswood e revelado a verdade a meu povo, Wymon atacaria nosso castelo mesmo com os portões fechados e a ponte erguida. Nesse caso, estaríamos cercados e sitiados até a rendição. Sem a chance de nos preparar para lutar, Wymon não teria escrúpulos em dizimar o clã de Blytheswood, incluindo mulheres e crianças, para que a verdade não chegasse aos ouvidos do rei.

— Talvez esteja fazendo isso neste momento — Tearlach se viu obrigado a concordar. — Mas também é possível que a guarda o tenha impedido de entrar com os soldados.

— É difícil saber. Meus homens não teriam razão para se defender antes de saberem os motivos, pois Wymon é nosso vizinho e, supostamente, nosso amigo.

— De qualquer maneira, ele já deve saber que você não voltou para Blytheswood e espalhou uma legião de homens pelas redondezas para nos encontrar.

— Sim. Wymon quer capturá-lo para prosseguir com a tortura e obter a informação que deseja — disse Lucy. — E me quer morta, pois sou testemunha do que aconteceu e sei quem é o vilão nesta história.

Num gesto inesperado, Tearlach puxou-a para si com maior firmeza.

— Você tem razão. Blytheswood é o primeiro lugar onde a procurariam.

— No entanto, quero saber se meu povo está bem. Se eles pressentiram o perigo e ergueram a ponte quando da aproximação de Wymon, estão cercados. Então preciso ir até a

corte pedir ao rei que faça justiça.

Tearlach nada comentou, mas Lucy sentiu o conflito que tais palavras causaram em sua alma. Ficou claro que ele gostaria de partir imediatamente em busca do primo, mas era certo também que, sendo um cavaleiro honrado, jamais a permitiria viajar sozinha para a corte se expondo aos riscos da atual situação.

Entretanto, antes de Lucy ter chance de assegurá-lo que não tinha a expectativa de que ele a acompanhasse, Trinket entrou em pânico e ergueu as patas no ar de repente, relinchando assustada com a figura que subitamente surgiu no caminho.

Capítulo III

Lucy pensou que iam cair da sela e, ainda por cima, Trinket ia aterrissar com as patas em cima deles. Relinchando alto, a égua erguera as patas dianteiras no ar para não atropelar o menino que subitamente surgiu no caminho. Lucy chocou as costas contra o peito de Tearlach e teria despencado caso ele não a apoiasse. Felizmente, ele era forte e tinha reflexos rápidos, conseguindo mantê-la presa, enquanto puxava as rédeas com destreza de modo a afastar Trinket do garoto.

Ao voltarem para o chão, as patas da égua se chocaram fortemente contra o solo, produzindo uma vibração dolorosa na coluna de Lucy. Neste meio tempo, Tearlach já desmontara e estava ao lado do menino.

Apesar de não estar machucado, o garoto levou um susto enorme ao deparar com a égua se erguendo, e acabou por cair para trás. Como Tearlach se abaixou, impedindo-a de ver o menino, ela também desmontou e correu para acudir a criança. Ao se aproximar, porém, Tearlach já erguera o garoto e o colocara em pé.

— Você está bem? — Lucy quis saber sem demora.

— Ele não se machucou — assegurou Tearlach, fitando-a com olhar de desaprovação. Surpresa, Lucy compreendeu que, apesar de vestir roupas masculinas, ela não havia falado com voz de homem.

Depois de tossir, procurando disfarçar, tornou a falar tentando agora soar num tom menos agudo.

— Você está bem, menino?

Sem responder, o garoto a fitou um instante, depois fitou «Tearlach antes de tornar a virar para Lucy e só então meneou a cabeça em gesto afirmativo. Ele estava muito assustado e Lucy temeu que fosse gritar.

— Willy — chamou de repente uma voz. — Que diabruras anda fazendo? Onde você se meteu?

Dentro de alguns segundos os arbustos se abriram dando passagem a uma mulher. Ela trazia uma tocha nas mãos e, a julgar pela preocupação com que correu para o garoto, devia ser a mãe dele. Ao se assegurar que o menino estava bem, tornou a se virar para a direção de onde viera, e chamou em voz alta:

— William!

Automaticamente, Lucy virou o rosto na mesma direção, mas a mulher prosseguiu falando e aquilo a fez voltar.

— Espere até seu pai chegar aqui, Willy — continuou a mulher, agora em tom de ameaça. — Quantas vezes preciso repetir que deve ficar ao nosso lado quando estamos fora do castelo?

Alarmada, Lucy arregalou os olhos ao reconhecer aquela voz. Era Betty, sua ex-criada, uma pequena mulher ruiva e simpática, dona de uma personalidade vivaz, e tinha um talento natural para tratar dos doentes.

Lucy gostava muito dela e tinha absoluta confiança na lealdade da criada. Betty fora sua criada pessoal e, trabalhara no castelo Blytheswood toda a vida, juntamente com o marido, William. Ele tomava conta do estábulo, onde começara ainda garoto até galgar à posição de mestre e responsável pelos cavalos.

De repente, notou Tearlach fazer um sinal discreto apontando sua boca, chamando atenção para a maneira como mordia o lábio, um gesto que não se ajustava à figura do soldado que fingia ser. Era a primeira vez em que se defrontavam com outras pessoas, depois de ela se disfarçar, e ainda não se conscientizará de que precisaria agir com modos masculinos para ser coerente com o disfarce.

A sujeira que havia espalhado sobre a face feminina e mais o escuro da noite deviam ser suficientes para manter o disfarce, mas mesmo assim, deu um passo e se colocou atrás de Tearlach para ter mais sombra no rosto.

— Betty? — soou uma voz masculina preocupada de repente, logo seguida por um homem vindo da mesma direção. Apesar de ser mais baixo que Tearlach, ele também era forte.

William tinha cabelos ruivos como a esposa e olhos verdes vivazes que agora analisavam a situação à frente dele.

— O que aconteceu? — perguntou o homem, colocando-se entre a mulher e o filho, pronto para defender a família, caso os guardas desconhecidos representassem perigo.

Tearlach fez menção de dizer algo, mas calou-se, porque o sotaque escocês poderia denunciá-lo.

— Felizmente ninguém se machucou — Lucy antecipou-se, com voz grave. — O garoto apareceu à nossa frente de repente e assustou o cavalo, mas meu companheiro controlou o animal e ninguém se feriu. Está tudo bem, não se preocupem.

Entretanto, suas palavras não foram suficientes para acalmar o homem, pois ele

continuava com a postura agressiva. Ela estranhou aquilo, pois esta era uma região calma, sem ladrões ou perigos para os viajantes mesmo durante a noite. Além disso, ela e Tearlach vestiam o uniforme de soldados do castelo Carbonnel, um clã amigo de Blytheswood. Por que William se comportava assim? E por que estavam tão longe de casa?

Notando que Trinket despertava a atenção de William, Lucy resolveu intervir, pois ele poderia reconhecer a égua. Afinal, era o responsável pelos cavalos de Blytheswood e conhecia os animais.

— Vocês são de Blytheswood? — perguntou ela. — Sim — respondeu William sem desviar o olhar de Trinket.

— Para onde estão indo?

William nada disse e, para apreensão de Lucy, passou a examinar a égua com redobrado interesse. Desta vez, foi Betty quem respondeu a pergunta.

— Minha mãe faleceu e vamos a York participar do funeral. A notícia fez Lucy esquecer William por um momento. Conheceu a mãe de Betty e sabia que ela estava morta havia mais de três anos e estava enterrada em Blytheswood. Portanto, Betty mentia.

Lucy tornou a fitar a criada, uma mulher de pequena estatura e sempre sorridente. William adorava a esposa, todos em Blytheswood sabiam disso. Por que estariam fora do castelo? Lucy conhecia a reputação de Wymon e se dizia que abusava das criadas em Carbonnel, fossem casadas ou solteiras. Um homem assim, provavelmente, agiria da mesma maneira se invadissem Blytheswood.

— Wymon a machucou? — indagou Lucy, sem pestanejar.

— Não — assegurou Beth alarmada e ansiosa, virando-se para o marido como se buscasse sua ajuda para resgatá-la da conversa.

Lucy também se virou para William que a fitava com desconfiança. Querendo reconfortá-los e garantir que não corriam perigo, resolveu acalmá-los.

— Se minha mãe ou irmã estivesse vivendo em Blytheswood, recomendaria que fugisse até Wymon Carbonnel desocupar o castelo. Ele não é um homem bom — murmurou Lucy, mostrando que estava do lado deles e ao, mesmo tempo, tentando confirmar se comprovariam sua suspeita de que Wymon ocupava Blytheswood.

— Tem razão — concordou William, sem parecer ligar para o fato de, afinal de contas, estar falando com os soldados do clã Carbonnel. — Correm boatos de que nenhuma criada está a salvo com lorde Wymon por perto. As notícias sobre abusos no castelo Carbonnel fez muitas mulheres em Blytheswood viajarem para visitar a família desde que ele chegou.

Infelizmente, a situação não vai mudar enquanto lady Lucy não voltar e mandar lorde Wymon Carbonnel de volta para casa.

O comentário de William comprovava suas suspeitas. Wymon estava em Blytheswood e pelo visto seu povo havia permitido que entrasse no castelo. Sem dúvida, eleja dirigia a vida de todos como se a propriedade fosse sua. E ela não poderia regressar ao lar por enquanto.

— Fomos informados que o escocês assassinou lorde John e a raptou — comentou William de repente.

— Não é verdade, Wymon é o assassino — assegurou distraída. No entanto, ao notar Tearlach se virando abruptamente e fitá-la alarmado, Lucy percebeu o que tinha dito.

—A senhora achou que conseguiria me enganar?—William indagou com um sorriso. — Eu reconheci Trinket imediatamente — continuou William, aproximando-se do animal para afagar seu pescoço. — Eu coloquei e tirei a sela de suas costas tantas vezes... — murmurou para Trinket. — Faz seis anos que cuido de você, desde que nosso falecido lorde a trouxe para a filha. Além disso — continuou, virando-se para Lucy —, cuidei da senhora e de seu irmão muitas vezes quando eram crianças e seria capaz de reconhecê-la em qualquer lugar, mesmo de noite. Na verdade, vestida com roupas masculinas, a senhora me faz lembrar lorde John quando era moço.

—Minha senhora?—ecoou Betty surpresa erguendo a tocha para iluminar o rosto de Lucy. Então, também ela arregalou os olhos espantada.

Sabendo ser impossível prosseguir fingindo, Lucy soltou um suspiro e fitou a criada.

— Vocês não devem contar a Wymon ou a seus homens que nos viram.

— Não seríamos loucos a esse ponto! — exclamou William espantado. — Seguramente não vamos abrir a boca. Tenho que me desculpar por ter mentido quando os encontrei, mas não sabia com quem estava falando. Na verdade, estamos indo para a hospedaria de meu irmão Harold, na fronteira com Oswald.

Lucy meneou a cabeça demonstrando que aceitava as desculpas e compreendia a razão de haverem mentido. Ela sabia a quem William se referia: Blytheswood fazia fronteira com Carbonnel pelo lado sul e com Oswald pelo lado norte.

— Ficaremos com meu irmão e o ajudaremos a manter a hospedaria enquanto Wymon não for embora — explicou William, virando-se para Lucy com ar grave. — Suponho que isso vá demorar um pouco a acontecer, não é?

— Infelizmente sim — ela replicou, impotente. — Antes temos de encontrar o primo de Tearlach — explicou, mas ao se dar conta de que William a fitava confuso, começou a narrar

tudo o que ocorrera.

— Entendo. Eu fui receber Wymon quando da sua chegada em Blytheswood, para cuidar de seu cavalo — continuou William. — Ao ser informado que a senhora não estava no castelo, lorde Wymon imediatamente enviou um soldado para avisar Rosscurrach. Talvez seja onde estão mantendo o primo de lorde MacAdie.

— Rosscurrach? — ecoou Lucy e então fitou Tearlach. — Se Herning está lá, nós podemos resgatá-lo amanhã a noite, se formos a galope.

— Nós? — Tearlach franziu a sobancelha.

— Claro — afirmou Lucy. — Você necessitará de mim para abrir os cadeados que prendem seu primo.

— O que necessito é que esteja segura para eu poder me concentrar em resgatar Heming. Além do mais, você tem de ir à corte em Londres informar o rei sobre o que aconteceu. Só assim ele vai enviar forças para libertar Blytheswood e assegurar a segurança de seu povo.

— A maior parte das mulheres mais jovens já deixou Blytheswood — Betty começou a contar. — Somente os homens e as mulheres idosas permaneceram e acredito que estarão a salvo, enquanto vocês vão resgatar o primo de lorde MacAdie — ela afirmou e então se virou para Tearlach. — Depois disso, o senhor poderá escoltar lady Blytheswood até a corte para garantir sua segurança. Quando o rei for informado, enviará soldados para fazer justiça.

— Exatamente — concordou Lucy, grata pela ajuda da criada. — E quanto a desposar Margareth, Wymon jamais vai se casar com minha prima antes de ter certeza que estou morta.

Tearlach nada respondeu de imediato, mas a expressão em seu rosto demonstrava não estar convencido de que elas estavam com a razão.

— Eu me sentirei melhor sabendo que você está a salvo aqui junto de William e sua família — concluiu.

— William e a família não pretendem ficar aqui — replicou Lucy, desapontada ao se ver preterida. — Além do mais, em vez de eles me colocarem a salvo, seria eu quem os colocaria em perigo.

Tearlach a fitou um instante, mas terminou soltando um suspiro de resignação.

—Concordo que não posso deixá-la aqui, mas não me acompanhará ao calabouço de Rosscurrach para resgatar Heming. Farei isso sozinho.

— Como? — inquiriu ela em tom de desafio. — Você não sabe abrir cadeados.

— Você me ensinará — replicou Tearlach com firmeza dando-lhe as costas, caminhando para Trinket, montando-a em seguida. Uma vez sentado na sela, ele estendeu a mão para Lucy. — Venha — disse em tom decidido.

Apesar de não apreciar o fato de Tearlach resolver sozinho o que fariam, Lucy preferiu não reclamar. Desta vez, entretanto, ele a fez sentar com as duas pernas do mesmo lado da sela, o que estabelecia a distância entre um homem tomando decisões e a mulher obedecendo.

—Podem confiar que levarei Lucy até a corte o quanto antes. Dependendo da presteza e rapidez com que o rei resolver agir, em breve Blytheswood estará livre de Wymon Carbonnel. Fiquem atentos às novidades — Tearlach informou William e a esposa. — Viajem em paz.

— Desejamos o mesmo para vocês — replicou William.

Tearlach agradeceu com um gesto e então, abruptamente, esporeou Trinket. Quando a égua deu o primeiro passo, Lucy se desequilibrou, amparando-se no peito largo, mas rapidamente tornou a se arrumar e então também acenou em despedida. Como Tearlach fazia o cavalo trotar cada vez mais rápido, pouco adiante Lucy tornou a se desequilibrar e desta vez teria caído caso ele não a segurasse pela cintura.

Lucy sabia que algo o perturbava, pois normalmente não era impaciente nem resmungava, e ela tentou compreender o que o deixava assim.

A noite seguia enluarada e em pouco tempo eles abandonavam a parte mais fechada do bosque e cavalgavam por espaços abertos, cruzando campos cultivados com trigo e cevada.

Observando as plantações banhadas em luar, Lucy sentiu saudade das bem cuidadas lavouras que circundavam o castelo de Blytheswood, que geravam mais provisões do que seu povo necessitava. O excedente era vendido a outros clãs ou, por vezes, oferecido como presente de boa vizinhança.

Aquela era uma região pacífica até Wymon perder o controle sobre a própria sede de poder. Da maneira como as coisas estavam, ansiava por informar ao rei o que se passava em Blytheswood para que fossem tomadas imediatas medidas de expulsão de Wymon Carbonnel.

Entretanto, naquele momento, o problema de Tearlach era mais urgente. O povo de Blytheswood estava relativamente seguro por enquanto, mas Heming MacNach sofria torturas e terminaria morrendo caso não o libertassem o mais cedo possível.

Na certa, Wymon enviara uma mensagem a Roscurrach avisando que Tearlach tinha escapado e agora a fortaleza seria reforçada impedindo-o de resgatar o primo.

Lucy esperava convencê-lo de que seria de maior valia do que simplesmente abrir

cadeados. Ninguém suspeitaria de uma mulher circulando pelo castelo.

As mulheres não eram consideradas capazes de muita coisa além de parir para perpetuar a linhagem dos clãs e famílias. Nunca imaginariam que uma mulher fosse invadir as masmorras de Rosscurrach para libertar Heming MacNach. Era esta a sua grande vantagem! O plano era perfeito e provavelmente era a melhor maneira de obterem sucesso.

Quanto mais pensava sobre o assunto, mais se convencia de sua posição vantajosa para libertar Heming. Contudo, Tearlach ia se opor. Orgulhoso como era e sem ter apreciado que ela o houvesse ajudado a fugir, ia se sentir da mesma forma se ela quisesse libertar Heming sozinha. Seria necessário encontrar um argumento tão bom e definitivo contra o qual Tearlach não pudesse se opor e o fizesse perceber a correção e bom senso do que dizia.

O orgulho não é ruim desde que não seja contra produtivo ou impeça dê atingir o que queremos, refletiu Lucy. Neste caso, era estúpido se deixar guiar pelo orgulho, e Tearlach estaria agindo como um tolo se não aceitasse sua ajuda. Tendo recobrado a saúde e vigor, ele era um homem enorme, que impunha respeito e amedrontava que quisesse enfrentá-lo. O fato de terem drogado a ele e ao primo para capturá-los demonstrava que temiam não conseguir vencê-los numa luta justa.

Tearlach fitou o rosto da mulher adormecida à sua frente na sela. Lucy passara parte da noite contando outras histórias da infância, desta vez sobre os pais e a vida familiar. Mais tarde, porém, ela começara a entremear as histórias com períodos de silêncio que foram ficando cada vez mais longos até finalmente apoiar o corpo contra ele e adormecer. Sentada de lado sobre a sela, ela se aninhou de encontro ao peito de Tearlach e, ao segurar as rédeas, ele dava apoio com os braços evitando que o trotar da égua a fizesse cair.

Lucy parecia muito frágil e indefesa agora. Aparentemente, no momento ele era a única pessoa que podia protegê-la de Wymon. Mesmo ao sugerir que permanecesse com William e a família, Tearlach desconfiava que não teria sido capaz de deixá-la.

Depois de tudo o que passaram juntos, ele nutria agora uma imensa lealdade para com aquela mulher que o libertara das correntes e praticamente o carregara para fora do castelo de Carbonnel. Além disso, Lucy era inteligente e tinha presença de espírito. Apesar de não conhecê-la havia muito tempo, Tearlach sabia que, caso necessário, daria a vida para protegê-la.

Da maneira como se sentia agora, era simples decidir o futuro: ele a manteria consigo até conseguir libertar Heming e, uma vez o tendo feito, a escoltaria para a corte, para que lá chegasse sã e salva.

Depois disso, poderia então retornar a seu castelo e, junto com Heming, decidiriam qual seria o próximo passo para defender os MacAdie e MacNach. No entanto, infelizmente, esse momento significaria se separar de Lucy, e antecipar a perda era algo que não lhe fazia bem. Era óbvio que mais cedo ou mais tarde teria de prosseguir com a própria vida e em algum momento no futuro seus caminhos iriam se separar, mas tal pensamento gerava um sentimento de pesar.

Esse dia chegaria cedo ou tarde por mais que lhe fosse doer partida. Lucy era senhora de Blytheswood, responsável pelo lã, pelo castelo e terras adjacentes. Quanto a ele, era o filho único de Eva e Connal MacAdie e, como tal, herdeiro do castelo chefe do clã MacAdie. No futuro, Tearlach ocuparia o lugar-o pai como senhor MacAdie e teria que zelar pelas propriedades e pelo bem-estar de seu povo. De repente seus pensamentos se concentraram nos pais: Eva e Connal MacAdie. Formavam um casal incomum, a mãe inglesa e o pai escocês. Eva era uma mulher divertida, brincalhona e bem-humorada, ao passo que Connal era um homem sério e raramente sorria, a não ser quando estava perto da esposa.

Como eu e Lucy, pensou Tearlach e pegou-se sorrindo. Qualquer um que os visse juntos pensaria que por serem opostos, não se entenderiam, entretanto, na realidade, formavam uma dupla capaz de conviver sem problemas. Tinha consciência dos perigos que tais pensamentos implicavam, alimentando desejos e expectativas sem sentido.

Subitamente Lucy murmurou algo e, sem despertar, ajustou a posição da cabeça para repousar mais confortavelmente sobre o peito musculoso. Com um sorriso nos lábios, ele pensou que seria bom tê-la assim aconchegada contra seu corpo para sempre e acordar a seu lado com a certeza de que estava bem.

A idéia de integrar sua vida à dela ou à qualquer outra, jamais lhe passara pela cabeça, mas naquele momento estava enfeitiçado pela aura de carinho que os envolvia. Suspirando, Tearlach ergueu o rosto para o céu tentando mudar os pensamentos. Habitado a viver na noite eterna, ele conhecia as horas de escuridão como ninguém e sabia que a aurora se aprovava, apesar de ainda estarem totalmente mergulhados no escuro. O céu amanheceria coberto de nuvens e, se não fosse por isso, já seria possível divisar uma tênue mudança na luz o horizonte. Já era hora de se dirigir para alguma caverna. Ao longo de muitas gerações, seu povo desenhara mapas arcando refúgios para ser utilizados nas viagens, e Tearlach começou a procurar marcos no caminho que indicassem onde estavam precisamente e qual a distância que ainda necessitavam percorrer.

Pouco mais tarde, começaram a seguir à margem de um rio que ora estreitava, ora

alargava, indicando que se aproximavam da caverna. onde passariam o dia. Ao cabo de algum tempo, atingiram uma clareira à beira da água. Ao mirar o céu novamente, o olhar aguçado de Tearlach notou uma fraca intensificação da luz por entre as nuvens. Pelas suas contas, teriam o tempo exato para Trinket beber água no rio e se lavarem um pouco, antes de o sol se erguer no horizonte. Quando isso acontecesse, teriam de estar na caverna. Ou, ao menos, ele teria.

O trote regular de Trinket vinha embalando o sono de Lucy e foi a interrupção do movimento repetitivo que a fez acordar. Sonolenta, ela abriu os olhos, ergueu o rosto e rapidamente notou o pequeno rio à beira do qual haviam parado.

— Onde estamos?

— Próximos à caverna que usei numa ocasião em que passei por aqui — explicou Tearlach. — Vamos descansar durante o dia e seguiremos viagem quando anoitecer.

Lucy meneou a cabeça, mas na verdade mal o escutara, pois sua atenção agora se concentrava na água convidativa do rio.

A idéia da água fresca escorrendo-lhe pelo corpo cansado e sujo era gratificante. Como se ao banhar-se pudesse tirar todas as marcas que a vida lhe impingira.

A respiração em sua nuca lembrou-a que não estava sozinha, por isso virou-se com as sobancelhas arqueadas, em um pedido silencioso para apear e correr para a água.

— Ficaremos aqui o tempo suficiente para um banho apenas — informou ele —, pois o sol sairá em breve. Por que não aproveita para se lavar enquanto tiro a sela de Trinket?

Deixando-o cuidar da égua, Lucy correu para o rio, já começando a desafivelar o cinto. Porém, antes de baixar a calça comprida, procurou checar o ângulo de visão de Tearlach. Para sua sorte, ele estava de costas, o que não era um grande alívio, pois poderia mudar de posição a qualquer instante.

Além do mais, tirar a roupa ali não era um comportamento exatamente correto, mas não havia outra coisa a fazer. De qualquer maneira, Tearlach era sensível o suficiente para lhe oferecer o máximo de privacidade possível nas circunstâncias.

Tornando a se virar para o rio, Lucy terminou de livrar-se das roupas imundas.

Seria uma pena tornar a vestir estas roupas sujas depois de me banhar, ela refletiu, resolvendo carregar a calça para a água para lavá-la.

Conservando a túnica que a cobria até a metade das coxas, Lucy entrou no rio devagar, molhando primeiro os pés, depois a barriga da perna e prosseguindo até chegar à cintura. A água estava um pouco fria, mas a diferença de temperatura causava-lhe arrepios de prazer: Em toda a sua vida, jamais passara tanto tempo sem se banhar, por isso a euforia.

Aos poucos, foi caminhando mais para o fundo até a água chegar na altura dos seios. Em seguida, apertou os dedos contra o nariz e submergiu a cabeça totalmente. A cada vez que retornava à superfície para respirar, jogava a cabeça e os cabelos para trás num gesto sensual. Ao abrir os olhos, depois de um derradeiro mergulho, Lucy se assustou ao deparar com Tearlach em pé a centímetros de distância dela.

— O que foi? Aconteceu algo?

Tearlach abriu a boca como se fosse repreendê-la, mas arrependeu-se e sua expressão suavizou-se diante da linda visão.

— Você desapareceu — disse ele à guisa de explicação, mas a expressão ainda surpresa de Lucy demonstrava incompreensão. — Notei que você havia entrado na água e continuei a cuidar de Trinket. Logo depois, como não ouvi mais ruído algum, procurei e não a vi. Tive receio de que a correnteza, algum animal ou alguém a houvesse puxado para baixo da água.

Os olhos arredondados de Lucy se arregalaram quando compreendeu que Tearlach havia corrido, pensando em salvá-la de algum perigo.

— Você estava preocupado comigo! ->— exclamou Lucy perplexa.

— Naturalmente — replicou Tearlach, irritado. Seus olhos pareciam contar outra história, revelando sentimentos bem diferentes de zanga ou irritação. E agora ele não a encarava mais no rosto, mas descia o olhar curioso pelos ombros e seios de Lucy. De súbito, seus olhos adquiriram uma luz diferente e de maior intensidade. Viu que o tecido molhado da túnica, colado à pele, acentuava-lhe o corpo curvilíneo e, particularmente, os bicos dos seios rijos em reação à temperatura da água.

Encabulada, Lucy sentiu o rosto corar e ergueu as mãos, cobrindo os seios num gesto delicado, tornando-a ainda mais bela e desejável. Ao erguer o rosto, notou que Tearlach agora a olhava como se tentasse vencer um conflito interior e era óbvio o significado do brilho em seus olhos: desejo e excitação. Parecendo dominado por um impulso incontrollável, ele inclinou o rosto devagar, fitando-lhe os olhos profundamente, até roçar-lhe a boca.

Surpresa, ela entreabriu os lábios em resposta. Foi o suficiente para que ele aprofundasse o beijo, encorajando-a a abrir totalmente a boca. Então, uniram-se dois desejos, formando um único sabor a ser sorvido com ansiedade.

Os músculos do corpo de Lucy enrijeceram por um breve instante, mas tornaram a relaxar quando a língua de Tearlach começou a acariciar sua boca com movimentos suaves.

No instante seguinte, ele a abraçou, puxando-a para si, até que os seios fartos se comprimissem contra o peito másculo e forte. Perplexa e sentindo o corpo reagir como se

tivesse vida própria, ela soltou um murmúrio de prazer.

Aquela era a primeira experiência mais íntima com um homem. Lucy nunca fora beijada antes. O que conhecia era somente o que havia presenciado quando seus pais se beijavam, ou até mesmo quando John roubava um carinho rápido de uma das criadas.

Não só pela oportunidade, mas agora Lucy sabia que havia um beijo especial aguardando-a, reservado só para ela com toda a emoção. Talvez estivesse esperando apenas o momento preciso aparecer sem alarde para avisar o coração que era chegada a hora de se fazer prevalecer.

Tearlach dominava-lhe o corpo inteiro com sabedoria, invadindo sua boca lentamente, produzindo sensações únicas. As línguas se uniam ansiosas, bailando sôfregas numa busca alucinada pelo prazer.

Lucy entendeu que não era preciso aprendizado algum, tinha apenas que deixar os instintos dominarem a razão. E assim entregar-se àquele beijo, cedendo de corpo e alma ao delírio daquela breve eternidade.

Pelos gemidos abafados de Tearlach, ela sabia que o havia seduzido. Por isso, seguiu embriagando-o com seu perfume de fêmea recém-descoberta. Moveu-se então lânguida, embalada pela água, convidando-o a percorrer-lhe o corpo com as mãos ávidas.

Enquanto ele se divertia ora massageando, ora apertando os bicos dos seios; Lucy mordiscava-lhe o lóbulo da orelha. E as sensações, causadoras de espasmos únicos, superavam umas às outras.

Sem saber de onde viera o impulso para continuar, Lucy subitamente ergueu as pernas e as entrelaçou na cintura de Tearlach. Em seguida, jogou a cabeça para trás e desvencilhou-se do beijo, ficando apenas com a desvairada sensação dos corpos amoldados.

No entanto, nada do que ocorrera até então se igualava ao que ela sentiu quando o centro desnudo de sua feminilidade tocou a protuberante virilidade de Tearlach. Desta vez, ele também soltou um murmúrio de prazer, um som grave e profundo.

Mas ainda não era suficiente. Havia chegado o momento de livrar-se da última barreira que os impedia de se tocarem por completo. Foi então que com movimentos rápidos e precisos ele desvencilhou-se das calças.

Depois segurou-a pelas coxas, pressionando-a contra si e fazendo-a sentir a força de seu desejo. Assim que o membro intumescido tocou-lhe a pele quente entre as coxas, Lucy passou a marcar a cadência daquela harmoniosa melodia com um movimento frenético dos quadris.

Logo depois, as mãos fortes abandonaram a exploração da pele sedosa dos seios, das costas e das nádegas fartas para tomar de súbito a barra da túnica. Antevendo-lhe a vontade, Lucy ergueu os braços no mesmo instante, para que a última peça saísse mais facilmente.

Depois de atirar as calças ao lado da túnica, na beira da água, Tearlach tornou a fitá-la e a apoiar as duas mãos contra as coxas de Lucy, erguendo-a com facilidade até seus lábios alcançarem os seios desnudos. Ele parecia tomado pelo fogo, mas exalando um calor que queimava sem ferir, ao contrário, cada toque era responsável por fazer levantar um pedacinho de pele delicada em arrepios de prazer.

Incapaz de dominar as sensações que a arrebatavam, ela se entregou com paixão e sem pudor enquanto a boca de Tearlach abandonou seus seios para voltar a invadir a sua. Sentindo uma espiral de sensações alucinantes dominá-la por completo, Lucy previu que logo explodiria em um êxtase de puro delírio.

Enlevada por tantos espasmos loucos, Lucy só percebeu que ele a carregara para fora da água ao sentir as costas tocarem a areia. Então ela desfez o abraço com as pernas e apoiou os pés sobre o solo. Ajoelhado à sua frente, Tearlach se encaixava na abertura entre suas coxas, admirando-lhe a nudez completa, para em seguida se inclinar e tornar a beijá-la.

Aquele beijo, contudo, não durou muito, pois ele logo baixou o rosto para beijar seu queixo e, em seguida, o pescoço. E a viagem alucinante não parou por ali. Aqueles lábios quentes desceram até engolfar, uma vez mais, o bico de um dos seios fazendo-a soltar outra exclamação de prazer e entrelaçar os dedos por entre os cabelos dele, comprimindo-lhe a face contra o corpo arqueado e conduzindo-o para baixar ainda mais.

Lucy não entendia onde o pudor se escondera, tampouco para onde fugiram as reservas, pois agora se sentia como uma fêmea faminta. A fome do prazer consumia a ambos e ela ansiava por tocar o membro rígido e acariciá-lo de maneira a transportar Tearlach naquela nave insana rumo ao clímax almejado.

Neste momento, ele abaixou uma das mãos e seus dedos a tocaram entre as coxas.

— Tearlach... — sussurrou Lucy num tom de incerteza. Sem nada dizer, ele recomeçou a beijá-la, agora de forma suave e carinhosa, como se assegurasse que não havia nada a temer. No instante seguinte, aprofundou o toque, penetrando o interior de Lucy com cuidado. Numa resposta instintiva, ela arqueou o ventre ainda mais para cima.

Porém, para seu desapontamento, subitamente ele retirou a mão. Sem compreender o porquê da parada em vez de aprofundar o contato, Lucy tornou a erguer o tronco e tomou a iniciativa de beijá-lo, repetindo os movimentos que acabara de aprender.

Em resposta, Tearlach voltou a acariciá-la entre as coxas, a região que ela descobria ser seu centro mais sensual. Sentiu o corpo tremer quando ele passou a massagear sua feminilidade penetrando os dedos, e não demorou para que os tremores se intensificassem rapidamente.

Murmurando o nome dele com os olhos cerrados, Lucy passou a beijá-lo freneticamente. Sua vontade era de trilhar um caminho de beijos por cada centímetro daquele corpo que a incendiava. Porém, não tinha idéia de como proceder sem se desvencilhar do toque íntimo que a deixava inebriada.

Fazendo o melhor que podia, Lucy deslizou a mão pelo abdômen musculoso em movimentos sensuais. Tearlach também se movia e sua boca, agora, transitava do bico de um seio para outro, para a barriga, chegando até onde seus dedos brincavam tão habilmente.

De repente ele afastou as mãos para lhe agarrar as coxas, separando-as ainda mais. Presa num frenesi de desejo, Lucy se sentiu próxima à explosão que seu corpo já antecipara. Quando Tearlach abaixou o rosto e passou a beijá-la no cerne de sua feminilidade, Lucy sentiu os espasmos crescerem numa intensidade definitiva, conduzindo-a em direção a uma luz que brilhava e aquecia a ambos, como a luz do sol que ela viu saindo por trás das nuvens cada vez que entreabria os olhos.

O sol! Aquele pensamento cortou sua alma de repente como uma faca aquecida corta a manteiga. Já era dia e havia luz, agora que parte das nuvens se havia desfeito, dando lugar a nesgas de um céu límpido e azul.

A consciência dos danos que os raios solares poderiam causar a Tearlach a invadiu de repente. Entretanto, ele ergueu o tronco, obscurecendo o sol, e começou a abaixar a calça preparando-se para penetrá-la.

Até alguns segundos atrás, Lucy teria sido receptiva e, mais do que isso, o abraçaria e puxaria para si até ele invadir seu corpo virgem com potência e masculinidade. Porém, o sol havia despontado. Haviam esperado demais para consumir o ato de amor e Tearlach não podia permanecer ali. Eles necessitavam encontrar um lugar para se esconder dos raios luminosos o mais rápido possível.

Tearlach não parecia se dar conta da situação e inclinou-se, invadindo a boca de Lucy antes de ela dizer qualquer coisa. Sentindo o desejo acender outra vez, precisou usar toda a sua força para afastá-lo. Neste instante, ela sentiu a poderosa masculinidade de Tearlach, insinuando-se entre suas coxas bem torneadas.

—Não! — Lucy gritou, contrariando o próprio desejo, preocupada em garantir a

integridade física de Tearlach.

Ou será que alguns momentos a mais sob o sol não iam feri-lo?

Embora ele tivesse contado coisas a respeito da família e do castelo onde crescera, nunca havia abordado diretamente o fato de ele ser um vampiro. Era como houvesse um acordo tácito para evitar-o tema. E Lucy, agora, ignorava o procedimento certo a seguir quando o sol surgisse inesperadamente.

Segundo a lenda, os vampiros não suportavam a luz do dia, morrendo em minutos quando expostos à luz do sol. Sabia-se ser uma morte horrível: a pele, a carne e os ossos eram consumidos pelo fogo até as cinzas.

Alarmada, Lucy abriu os olhos e, ao tocar as costas de Tearlach, sentiu o que acontecia: a pele estava enrugada e repleta de bolhas, que se avolumavam em frações de segundos. Assumindo uma força suprema, gerada pelo instinto de sobrevivência, ela conseguiu se afastar.

Ainda tomado pelo desejo de consumir a relação, Tearlach a puxou novamente para penetrá-la. Ela então lhe cravou as unhas nos ombros já feridos, com o intuito de trazê-lo de volta à realidade.

— O sol! — exclamou, indiferente à expressão de espanto no rosto dele.

As palavras de Lucy o fizeram compreender o que ocorria. Após uma breve hesitação, Tearlach virou o rosto para cima e fitou o céu. O alarme e medo transformaram sua expressão, quando ele finalmente sentiu a dor da pele queimando.

Era incrível que não tivesse sentido antes, pensou Lucy, espantada ao notar que o desejo superara a dor física.

Lucy pensou que Tearlach fosse correr para a caverna que ela sabia estar próxima, mas ele estendeu o braço para ajudá-la a se levantar. Lucy se ergueu, mas, ainda trêmula pelo prazer inacabado, percebeu que não seria capaz de correr na mesma velocidade.

— Vá na frente! — bradou ela, determinada. — Não se preocupe comigo. Vou recolher nossas roupas e levarei Trinket.

Tearlach hesitou, mas não lhe restava outra alternativa. Ele a fitou por um momento, antes de começar a correr em direção ao bosque.

Lucy o acompanhou com o olhar, marcando o ponto onde ele desaparecera entre as árvores, sabendo que necessitaria seguir seus passos para encontrar a caverna.

— Estamos em Roscurrach? — Lucy quis saber, mas caiu no sono antes de saber a resposta.

A pergunta feita num murmúrio desviou a atenção de Tearlach do perfil do castelo no topo da montanha ao longe e o fez fitar a mulher em seus braços. A proximidade de Lucy agora o perturbava, por isso não, conseguira responder de imediato.

Depois do episódio no rio, seria difícil desfrutar de sua companhia como antes. A lembrança dos lábios tenros, do sabor da boca, da suavidade da pele, povoava seus pensamentos. Cavalgando, era difícil manter a cabeça fria ao escutar aquela voz suave e, mais ainda, ao sentir os corpos se tocarem. Durante algum tempo Tearlach acreditou que seria mais fácil se Lucy adormecesse, pois o desejo ainda o consumia.

Tearlach cavalgara até então resistindo à vontade de enlaçá-la pela cintura com mais força e mergulhar no vão daqueles seios fartos.

Conseguira controlar as mãos, mas não os pensamentos. A cada vez que passava por uma clareira, ou um lugar mais bonito, ele a imaginava deitada com os braços esticados, convidando-o para possuí-la de todas as maneiras possíveis. Em meio às fantasias, imaginou inclusive uma união entre eles por intermédio da mordida de amor e sangue, como faziam aqueles de sua espécie ao se casarem.

Imaginar isso o fez perceber o quanto estava envolvido por Lucy. Aquele sentimento pleno era algo que nunca antes sentira. Apesar de recusar-se a pronunciar a palavra, sabia em seu íntimo que sofria por amor.

Seria fácil caso fosse uma simples simpatia ou desejo, pois poderia tê-la possuído quando ela voltou para a caverna naquela manhã e o problema estaria resolvido. Porém, a questão era mais complicada. Estava apaixonado o suficiente para saber que não poderia incluí-la em sua vida, pois a colocaria em perigo. Afinal, como poderia envolvê-la na guerra dos clãs que se aproximava? Afora o fato de que Heming seguia preso e, em breve, a situação se complicaria mais, resultando na guerra. Em pouco tempo estariam lutando contra os clãs que desejavam exterminar sua raça e não era justo envolvê-la nesse conflito! Ela merecia se apaixonar e casar com um mortal para poder desfrutar de uma vida tranqüila e pacífica. Naquele instante, Tearlach decidiu o rumo que a relação dos dois tomaria. Seria difícil lutar contra o próprio desejo, mas tomar uma decisão acertada, visando preservar a vida da amada o ajudaria a manter as mãos longe daquele corpo maravilhoso e a superar a frustração de não mais beijar aquela boca carnuda.

Contudo, a frustração deixou-o irritado e mal-humorado. Mesmo sem querer ferir os sentimentos de Lucy ao rejeitá-la, ele se obrigou a manter uma distância maior do que seu coração desejava, mas que a razão impunha. — Tearlach?

Apesar do escuro, ao abaixar o olhar ele notou o desapontamento no rosto de Lucy. Naturalmente, ela não estava feliz Com a maneira distante como ele a vinha tratando desde que deixaram a caverna no início daquela noite.

—Aquele é o castelo Roscurrach?—ela tornou a perguntar.

— Sim — disse ele afinal, puxando as rédeas para o lado e desviando Trinket para o oeste. — Não temos tempo para tentar algo esta noite, pois logo amanhecerá. Há uma cabana aqui perto, isolada no meio do bosque e preparada para oferecer refúgio. Vamos nos abrigar e prosseguir quando anoitecer. Mais tarde você me ensinará a abrir cadeados e depois irei procurar Heming.

Para seu alívio, Lucy não protestou, limitando-se a apoiar novamente as costas em seu peito másculo. Sem mais nada dizer, ele fez Trinket enveredar por uma pequenina trilha que adentrava o bosque e os levaria à misteriosa cabana onde se refugiariam durante o dia.

Lucy acordou num sobressalto e a primeira coisa que viu foi Tearlach deitado a seu lado. A julgar pela respiração pesada, ele dormia profundamente.

Ela não sabia por quanto tempo estivera adormecida, mas já não tinha mais sono e, mesmo se esforçando, não conseguiria adormecer outra vez.

Com um suspiro, Lucy virou a cabeça e fitou o teto de madeira do lugar onde estavam. Tearlach a conduzira a uma pequena cabana de paredes de pedra no topo de uma colina. E para sua surpresa, mostrou que se acomodariam em um alçapão embaixo do chão de madeira, ao qual se descia por uma pequenina escada. Mal cabiam duas pessoas deitadas ali.

Tearlach explicara que tal como as cavernas ocultas na mata, seu povo também construía locais como aquele para se resguardar do sol. Claro, que da mesma forma só eles sabiam dos esconderijos.

O buraco era eficiente para estancar a luz, mas Lucy foi tomada por uma forte sensação de falta de ar e ansiedade. Por entre as frestas das ripas de madeira do teto, uma tênue claridade se fazia presente. A fraca luz não era suficiente para ferir

Tearlach, e Lucy estava feliz por não estarem mergulhados na mais absoluta escuridão.

Desde o início, ela não apreciara aquele local. As cavernas eram escuras e frias, porém melhores do que um buraco de madeira no chão. Ali, a sensação era de se estar deitada em um caixão debaixo da terra.

Com um ligeiro calafrio, mas sorrindo diante do pensamento macabro, Lucy se moveu com cuidado para não despertar Tearlach e sentou na esperança de livrar-se daquela falta de

ar. Entretanto, nada ajudou. Então, lentamente saltou por cima de Tearlach e se aproximou da escada. Pé ante pé subiu até empurrar a portinhola que se abria para dentro da sala do chalé.

O lugar era grande o suficiente para abrigar Trinket inclusive. A égua estava num canto e se alimentava com o mato rasteiro que brotava ali dentro. Favorecida pela iluminação dos raios de sol que se esgueiravam pelas pequenas cavidades nas paredes e no teto, Lucy olhou ao redor com calma, pois, quando chegaram, não tivera chance de identificar com clareza onde estavam.

Aquele lugar certamente fora construído para abrigar pastores e animais, mas suas condições precárias demonstravam que não era utilizado havia muito tempo.

Subitamente, Lucy imaginou que se por um lado os homens como Tearlach eram conhecidos pela força física, rapidez, agilidade para lutar e tinham a capacidade de se recuperar dos ferimentos rapidamente; por outros aspectos, eram mais frágeis do que os mortais. Isso era claro pela incapacidade de suportar a luz do sol.

Na primeira vez em que o indagara a respeito, Tearlach explicou que alguns entre eles eram capazes de suportar a luz do sol por algum tempo. Contudo, todos se ressentiam dos efeitos maléficos que a luz do dia causava. Era por esta razão que havia mortais no clã que executavam as tarefas diurnas, enquanto os outros dormiam até a noite chegar para trocarem de turno na guarda do castelo.

Mais desperta que nunca, ela resolveu sair para respirar ar fresco, saindo pelo buraco entre as paredes, onde outrora deveria ter sido a porta de entrada. Não havia sinal de presença humana, somente pássaros cantando e o som agradável do vento batendo nas folhas.

Apesar da aparente tranquilidade, Lucy saiu com cuidado e olhou ao redor para se certificar de que realmente não havia ninguém por perto. Infelizmente, ela não avistava o riacho pelo qual tinham passado pouco antes de chegarem. Seria ótimo se banhar novamente, mas Tearlach não ia gostar caso acordasse e descobrisse que ela tinha saído. Por mais isolados que estivessem, era sempre possível haver soldados ou camponeses por perto e isso a colocava em risco.

Apreensiva, Lucy lembrou-se do comportamento que Tearlach assumira desde o episódio no rio, quando se beijaram e se tocaram com uma intimidade que ela jamais tivera com homem algum. Ele não era mais a mesma pessoa, o que a confundia e magoava.

Recordou-se dos momentos intensos que haviam desfrutado dentro da água, e, depois, quando ele a deitara sobre a areia. Tearlach era todo carinho e desejo. Entretanto,

após ter se refugiado na caverna, ele se transformara. Seu comportamento passional desaparecera e ele se comportava de maneira distante, falando pouco e a tratando com indiferença e cordialidade.

Tearlach nada dissera quando Lucy se juntara a ele na caverna, somente havia murmurado algo para ela poder encontrá-lo no escuro.

Lucy não se preocupou naquele momento, acreditando que ele agia assim, em virtude das queimaduras nas costas, mas o fato é que ao despertarem para prosseguir viagem para Roscurrach no fim do dia, ele continuava distante.

Enquanto cruzavam os bosques e campos da região, notou que ele evitava tocá-la, tentando manter o corpo tão afastado quanto a posição sobre a sela permitia. E quando acontecia de se tocarem, ele contraía a musculatura.

Para completar, as conversas íntimas, que costumavam ter desde quando estavam acorrentados em Carbonnel, já não ocorriam mais, dando lugar a umas poucas frases para resolver coisas práticas.

Tearlach não tomava iniciativa de puxar assunto e se limitava a responder às suas perguntas. Se ela nada perguntava, seguiam silenciosos. E quando ele respondia, só dizia o estritamente necessário. Afinal, Lucy compreendeu que não adiantava insistir e se calou.

No entanto, não compreendia o que causara tal mudança e temia que seu comportamento despudorado o tivesse afastado. O fato de ter obedecido aos impulsos de uma mulher adulta não a fazia sentir-se culpada.

Mas o que é que havia feito de errado? Lucy pensava que o ocorrido entre os dois tinha algo de sublime, mas ao se comportar assim, Tearlach transformava uma experiência linda, excitante e pura, num encontro-banal do qual ela deveria se envergonhar.

Infelizmente, a frieza com que era tratada não lhe subtraía a vontade de provar outra vez os mesmos beijos e carícias. Cavalgar a seu lado fora um tormento, pois a chama do desejo reacendia a cada vez que seus corpos se roçavam. Era terrível estar tão próxima e não poder tocá-lo. O desejo frustrado combinado à distância que ele impusera, terminou por exauri-la e Lucy afinal adormeceu.

Felizmente, chegar a Roscurrach significava ser poupada de outra noite torturante igual àquela. O importante naquele momento era libertar Heming, desviando a atenção de ambos para o clima quase insustentável entre eles.

Na certa, depois do resgate, Heming estaria muito fraco e não poderia montar sozinho. Então era de se supor que Tearlach o apoiaria na mesma montaria e, ela cavalgaria

sozinha. Em consequência, a falta do contato físico a ajudaria a superar a rejeição.

Triste e confusa com o rumo que as coisas tomavam, Lucy fitou a cabana imaginando como se comportaria dali para a frente.

Se agisse de acordo com seu desejo, voltaria para deitar ao lado de Tearlach e amoldaria seu corpo ao dele para sentir-lhe o calor e a respiração profunda. Mesmo sem ter vontade de dormir, seria bom desfrutar da proximidade. Porém, não adiantava querer estar perto de alguém que não a desejasse.

Assim pensando, resolveu ficar mais um pouco por ali e observar as redondezas.

Do topo da colina avistava-se um bosque não muito distante, repleto de árvores seculares. Sabendo que não deveria continuar tão exposta, tampouco não querendo voltar para dentro e lidar com a rejeição de Tearlach, Lucy decidiu descer em direção ao bosque.

Quem sabe uma caminhada por entre as árvores não a ajudaria se acalmar. Com um pouco de sorte, encontraria o riacho para se banhar, sem contar que também poderia achar amoras silvestres ou morangos selvagens. Seria melhor passar o tempo sozinha do que ficar sonhando com o impossível.

Rapidamente atingiu o pé da colina se aproximando do bosque. Ao longe se avistava o castelo onde Heming estava preso. Era uma imponente construção no topo de uma montanha na região de fronteira entre Inglaterra e Escócia.

Uma vez tendo resgatado Heming, Tearlach iria escoltá-la até a corte para uma audiência com o rei, onde ela o colocaria a par das arbitrariedades de Wymon.

Cada clã possuía seu próprio lorde e senhor, mas todos eram subordinados ao monarca, ao qual se ligavam por laços de lealdade. O rei zelava pela paz entre os súditos, e quando uma disputa ou conflito ocorria, ele intervinha para fazer valer a lei que os governava.

Certamente, ao ser informado dos atos de Wymon, o rei o faria pagar pelo assassinato de John e devolveria Blytheswood a Lucy. Então ela poderia retornar ao castelo e retomar a vida normal, apesar de que as coisas jamais tornariam a ser como antes.

O rumo de sua vida estava claro, e uma vez que o rei fosse informado, Tearlach a deixaria e voltaria para o próprio clã. Ele também tinha problemas para cuidar e seu povo tinha de se preparar para lutar contra os que planejavam exterminá-los.

Porém, Heming teria de ser resgatado antes e aquilo não seria tarefa fácil.

O castelo Roscurrach era uma fortaleza e, por estar no topo da montanha rochosa, não seria possível se aproximar sem ser notado.

As sentinelas vigiavam permanentemente e a aproximação de um intruso poderia ser

notada a quilômetros.

Preocupada com as dificuldades que enfrentariam pela frente, Lucy começou a procurar frutas silvestres, mas sua mente continuava pensando em Tearlach. Ele parecia crer que abrir cadeados era uma coisa simples e que ela o ensinaria num piscar de olhos, mas a realidade não era bem essa.

Mal sabia Tearlach que provavelmente nem conseguiria chegar ao calabouço onde Heming estava. Mesmo se estivesse vestido com o uniforme do clã Carbonnel, seu sotaque escocês o denunciaria já nos portões do castelo.

Talvez Lucy tivesse mais sorte se tentasse. Ao entrar numa pequena abertura entre as árvores, fitou novamente o castelo na montanha. Pensando melhor, provavelmente nem mesmo ela conseguiria muita coisa vestida com o uniforme dos homens de Wymon. O disfarce era bom, mas o corpo delicado a denunciava.

Necessito de uma roupa de camponesa, refletiu. Seria mais fácil passar despercebida vestida assim, pois a tomariam como uma criada. Por outro lado, um homem grande e forte seria sempre notado.

Se conseguisse obter um vestido daqueles, talvez fosse até possível entrar no castelo, salvar Heming e retornar para a cabana antes de Tearlach despertar. Ou pelo menos logo depois de ele acordar, ela refletiu.

Heming provavelmente era como Tearlach e não suportava o sol. Assim, teriam de esperar anoitecer a fim de voltarem para a cabana. Pelas suas contas, poderiam estar de volta cerca de uma hora depois de o sol se esconder. Tearlach estaria acordado e sem dúvida, zangado por ela ter saído. De qualquer forma, a esperaria voltar antes de tomar qualquer atitude.

O som de alguém cantarolando a fez por os pensamentos de lado e parar de supetão. Era uma voz fina de mulher e parecia bem perto.

Será que estou perto do povoado?

O castelo distava ainda cerca de uma hora caminhando, mas talvez houvesse, de fato, um pequeno vilarejo no caminho.

Lucy olhou para a esquerda e para a direita até identificar a direção de onde provinha o ruído, e então, armada de extrema cautela, foi investigar.

Exatamente onde pretendia se banhar havia uma mulher nua de cabelos muito longos com água até a cintura. Era ela quem cantarolava, enquanto massageava a pele com uma luva de pano.

Desapontada por não poder também entrar na água, Lucy já ia se afastando quando notou as roupas sobre a relva. Era um vestido simples, desses que as criadas usam para trabalhar. Aquilo vinha a calhar, refletiu.

Os clãs Carbonnel e Rosscurrach eram aliados, mas isso não significava que os soldados de Carbonnel tivessem trânsito livre no castelo Rosscurrach. Se conseguisse pegar aquele vestido, a chance de não ser notada seria muito maior.

Com a esperança de que Deus levasse sua necessidade em consideração e a perdoasse por se apoderar de roupas que não lhe pertenciam, Lucy começou a se mover ao redor da clareira, sempre escondida atrás de arbustos até se aproximar do ponto onde estava o vestido. Ainda estava em dúvida do momento certo para se arrastar pelo chão, agarrar o vestido e sair correndo, quando a jovem parou de cantarolar de repente. Ansiosa por temer que a mulher a tivesse visto, Lucy olhou ao redor e como não viu ninguém, somente bolhas de ar emergindo na superfície da água, concluiu que a mulher havia mergulhado.

Aquela era uma ótima oportunidade! Sem pensar duas vezes, ela saiu correndo de trás dos arbustos e entrou na clareira. Em sua pressa para alcançar a roupa, ela tropeçou e quase caiu, mas isso não a impediu de prosseguir até agarrar o vestido e voltar correndo para a primeira árvore grande o suficiente para escondê-la.

Quando afinal estava fora de vista, Lucy esperou alguns segundos sentindo o coração acelerado pelo esforço da corrida e pelo nervosismo de se apoderar de algo que não lhe pertencia, e então espreitou o rio. A mulher havia surgido outra vez à superfície e afastava os cabelos que, longos e molhados, cobriam sua face descendo pelos ombros.

Lucy respirou aliviada quando a desconhecida recomeçou a cantarolar, demonstrando não ter notado a falta do vestido. Sabendo que necessitava fugir o mais rápido possível, enrolou a roupa, deu meia-volta, e pouco depois, já subia a pequena colina, retornando à cabana.

Trinket estava calma e Tearlach dormia no esconderijo sob o chão.

Hora de trocar de roupa, pensou Lucy e, sem hesitar, tirou rapidamente o uniforme sujo e colocou o vestido. O traje era um pouco grande, mas não a ponto de chamar a atenção. Ela improvisou um cinto para estreitar a cintura e erguer a saia para não esbarrar no chão.

Satisfeita ao estar vestida como criada, resolveu que podia tornar a sair e investigar as redondezas. Seria melhor deixar uma mensagem para Tearlach, porém o fato de Trinket estar ali dentro, indicava que ela estava por perto e retornaria em breve.

Lucy saiu decidida e, ao avistar o castelo no topo da montanha/pôs-se a imaginar a

estratégia que usaria para libertar Heming.

Entretanto, o curso de seus pensamentos mudou quando fitou o céu e notou que o sol começava a completar o círculo daquele dia e não demorariam mais de duas horas até anoitecer.

Ao despertar, Lucy acreditara que era cedo, mas agora percebia que tinha calculado mal. Talvez tivesse ficado sentada ao lado de Tearlach mais tempo do que acreditava. Imersa nos pensamentos sobre a relação que os unia ou — sendo mais realista — que os separava, talvez não tivesse percebido o tempo passar.

Um pouco alarmada, refez as contas: uma hora para atingir o castelo, depois o tempo necessário para libertar Heming e escaparem, então mais uma hora para retornar à cabana.

O tempo para ir e voltar do castelo não podia ser alterado, portanto, ela teria de libertar Heming o mais rapidamente possível. Afora isso, era necessário considerar que talvez fosse difícil encontrar a cabana na escuridão da noite.

Caminhando a passos rápidos a fim de aproveitar ao máximo as horas de luz que restavam, ela começou a pensar em como tornar a volta mais fácil.

Não havia nada para demarcar uma trilha, assim como também não haveria uma tocha para iluminar o caminho mais tarde.

Estava absorta em seus pensamentos, quando um ruído alto e próximo de vozes masculinas a paralisou de repente. O bosque não era muito fechado naquela parte, permitindo a passagem de cavalos e até mesmo carroças. Receosa, ela congelou na expectativa de que soldados fossem aparecer de repente, mas os segundos passaram e nada aconteceu.

Após um breve momento de indecisão, ela tornou a avançar com cautela. Por um lado, queria fugir para evitar que os homens a avistassem, mas, por outro, queria muito continuar em frente e descobrir a dimensão da ameaça.

Disposta a não perder tempo com dúvidas, Lucy abaixou o corpo e seguiu adiante até divisar silhuetas humanas entre as árvores. Abaixando-se ainda mais, acabou por se posicionar atrás de um largo a fim de espionar os desconhecidos.

Aliviada, notou que eram somente dois homens que, sentados sobre a relva, não pareciam ter pressa.

Eram escoceses. Lucy reconheceu pelo sotaque e pela indefectível saia que usavam, mas não estava próxima o suficiente para compreender o que diziam e as palavras se perdiam entre os sons do bosque.

Já pensava em desistir, quando de repente, ouviu o nome MacNach. Aquilo era

importante, e ela resolveu então se aproximar para tentar entender a conversa.

Em vez de caminhar, porém, preferiu ficar de quatro no chão e engatinhar entre a folhagem até uma árvore mais próxima.

O solo estava coberto de galhos quebrados, provavelmente arrancados durante alguma tempestade, e isso dificultava o avanço em silêncio. O fato de usar um vestido também não ajudava, pois a saia enroscava em suas pernas e nos gravetos.

Por fim, quando se colocou atrás de uma castanheira selvagem, viu que o esforço valera a pena, pois daquela posição os escutava bem.

—Esta busca é uma perda de tempo—comentava um deles. — Ele já deve ter se juntado ao primo e estão voltando para casa.

Lucy franziu a testa ao ouvir tal comentário, pensando se estariam se referindo a Tearlach. Mas como ele poderia ter encontrado o primo e estarem voltando para o interior da Escócia, se Heming era prisioneiro em Roscurrach?

Será que estavam falando de Heming e não de Tearlach? Talvez Heming tivesse escapado e era ele o alvo da conversa.

— Não — começou o outro e Lucy aguçou os ouvidos. — MacNach estava em péssima condição e não conseguiria ir longe sozinho. Mesmo que tenha se juntado ao primo MacAdie, vai ficar escondido até se recuperar plenamente.

Era realmente sobre Heming que estavam falando, concluiu Lucy com satisfação.

— Eu não vi o que fizeram com ele — continuou um dos escoceses —, mas me contaram que as torturas foram horríveis. Nenhum homem comum teria sobrevivido. Os guardas do calabouço presenciaram a rapidez com que ele se recuperava dos ferimentos. Pelo visto, estes vampiros têm mesmo um pacto com o diabo e por isso são tão fortes e vivem tão longamente. Por isso, penso que Heming já se recuperou e está longe — encerrou o homem em tom decidido, cuspiendo no chão como para selar a verdade do que dizia.

Decidindo que escutara o suficiente, Lucy tornou a se agachar e se preparava para rastejar de volta quando o ruído de galho se quebrando à sua frente lhe chamou a atenção. Alarmada ergueu o rosto e descobriu que não estava sozinha.

A mulher que a fitava a poucos metros de distância estava igualmente assustada. Ela estava nua como viera ao mundo, exceto pelos longos cabelos molhados que lhe cobriam os seios e algumas folhagens que provavelmente arrancara de um arbusto e segurava abaixo do ventre para esconder parte da nudez.

Contudo, foi somente quando a desconhecida gritou: *Você roubou meu vestido!*, que

Lucy reconheceu que se tratava da mulher que se banhava no riacho.

Mesmo colocando um dedo sobre os lábios num pedido de silêncio, notou que não mais adiantava, pois os dois soldados já as tinham visto.

— Não me peça para ficar quieta! Você é a ladra que roubou meu vestido!—continuou a gritar a mulher.—E vai devolvê-lo agora!

Sem saber o que fazer, o olhar de Lucy transitou entre os homens e de volta para a mulher. De qualquer forma, era necessário tomar uma atitude, uma vez que a desconhecida se aproximava a passos largos, com uma expressão de quem faria todo o necessário para reaver suas roupas.

Em pânico, Lucy percebeu que não era somente a mulher que avançava, mas os homens também se aproximavam rapidamente. Encurralada, reconheceu que não teria condições de enfrentar a todos e, sem um segundo a perder, praguejou alto e começou a correr como se a própria vida estivesse em jogo.

Capítulo IV

Deixa isso para lá, Hamish. É coisa de mulher! O comentário proferido em tom de escárnio fez Lucy acreditar que conseguiria escapar e tudo acabaria bem. Entretanto, embora já correndo, ela ainda ouviu a reação do outro homem.

— Não! É ela!

A segunda voz soou próxima demais para que ela continuasse otimista.

O que ele queria dizer? Será que a reconhecera? E, caso o tivesse, onde a teria visto antes?

A única explicação era que se tratava de um dos soldados presentes na hospedaria no dia em que Wymon a capturou.

De qualquer maneira, não havia tempo para considerar o assunto agora e só importava fugir rapidamente. Lucy não virou para trás a fim de checar se a mulher ou os soldados a perseguiam, concentrando toda a energia em correr o mais depressa possível.

Mesmo assim, ela sentia o soldado em seu encalço se aproximar cada vez mais.

Nem tudo estava perdido, Lucy tentou se convencer sem parar de correr. O importante era atingir a cabana e então Tearlach a ajudaria a lidar com aquele homem.

Agarrada a essa esperança, ela correu até sair do bosque e começar a subir a colina rumo à cabana. Estava certa de que conseguiria chegar sem ser capturada. Entretanto, quando faltavam poucos metros para a entrada da cabana, ela sentiu um golpe forte nas costas que a fez perder a respiração e cair.

Lucy permaneceu um momento no chão, inspirando com força e tentando encher os pulmões de ar. Aparentemente, a corrida também havia desgastado seu perseguidor, pois ao desferir o golpe ele também caía.

O escocês foi o primeiro a se recuperar. Levantando-se rapidamente, ele se aproximou e agarrou-a pelos braços.

— Lady Blytheswood!—exclamou o soldado satisfeito após estudar seu rosto com atenção.

Lucy gostaria de enterrar as unhas nos braços do desconhecido ou desferir-lhe um golpe com os pés, mas o esforço da corrida tinha lhe custado tanta energia que estava indefesa.

A única saída foi gritar a plenos pulmões. Mesmo sabendo que Tearlach tinha sono

pesado, acordá-lo era sua última chance de salvação.

O grito, porém, enraiveceu o escocês ainda mais. Praguejando, ele fez uma careta quando o som agudo feriu seus ouvidos, então ergueu-a brutalmente e a fez ficar em pé.

Sentindo as forças começando a voltar, Lucy o empurrou, mas o homem era forte e não se moveu. Em vez disso, prendeu seus braços e quando ela começou a lutar para se libertar, ele acertou uma bofetada tão forte em seu rosto que a fez cair no chão novamente, agora de joelhos.

— Pode escolher o que prefere — começou o soldado. — Vai me acompanhar caminhando sobre as próprias pernas ou a carrego inconsciente sobre meu ombro. De qualquer maneira, não tem escapatória.

Estas foram as últimas palavras que o desconhecido proferiu, pois no instante seguinte Tearlach irrompeu para fora da cabana, empunhando a espada na mão, rugindo como um leão enfurecido.

O súbito ataque fez Lucy cair para o lado e, sem pensar duas vezes, rolou pelo chão para se afastar da luta. O soldado já desembainhava a espada e no próximo instante já se ouvia o som metálico das armas se chocando.

Lucy se ergueu rapidamente e, aflita, fitou a batalha por um instante. O desconhecido era forte e lutava bem, e num gesto instintivo, ela começou a procurar uma pedra ou um galho para atacá-lo.

O sol ainda não havia se posto, e com isso o vigor de Tearlach talvez não durasse muito. Era preciso tirar aquele soldado de combate o mais rápido possível. Lucy encontrou, afinal uma pedra de bom tamanho e corria para apanhá-la quando um urro pavoroso a fez virar e ver que Tearlach acabara de enterrar a espada no peito do soldado.

Os três permaneceram imóveis por alguns instantes, como se o tempo houvesse parado, e então Tearlach puxou a espada. O homem ainda cambaleou antes de desabar pesadamente como uma marionete, cujas cordas tivessem sido cortadas.

Esquecendo da pedra, Lucy correu na direção de Tearlach, mas, antes de alcançá-lo, percebeu que ele também cambaleava até cair de joelhos. A batalha fora vencida, mas a exposição ao sol cobrara seu preço. Aflita para tirá-lo dali, ela o tomou pelos braços e ajudou-o a se erguer.

—Vamos—disse com urgência lutando para colocá-lo em pé.

Calado, Tearlach aceitou a ajuda e, com esforço, começou a caminhar de volta à cabana.

Uma vez lá dentro, Lucy tentou movê-lo para o alçapão, mas as forças o abandonaram no meio do caminho, fazendo seus joelhos falharem outra vez até ele cair com a face contra o solo.

Lutando para não entrar em pânico, Lucy olhou ao redor. Como não havia porta na cabana, a luz entrava pelo espaço aberto na parede, incidindo diretamente sobre Tearlach. O interior da cabana não era totalmente escuro a não ser no canto esquerdo onde estava Trinket.

Sem pensar, Lucy apanhou as rédeas da égua, conduzindo-a para perto da entrada. Em seguida, voltou para Tearlach e, à custa de um grande esforço, rolou seu corpo pelo chão até encostá-lo na parede do canto mais escuro, pedindo a Deus que as sombras que agora o cobriam fossem suficientes para protegê-lo. Após acomodá-lo, ela pôde então avaliar se a batalha o havia ferido.

O soldado não acertara nenhum golpe, mas o estado de Tearlach era preocupante mesmo assim. O rosto e as mãos eram as únicas partes expostas de seu corpo, mas suficientes para evidenciar o quanto tinham sido afetadas.

Da última vez em que se expusera ao sol, Tearlach conseguira correr com as próprias pernas e se refugiar na caverna. Entretanto, o incidente na beira do rio o havia exposto à luz suave do sol, começando a despontar num dia com nuvens. Agora a situação era diferente, e ele havia se exposto ao forte sol da tarde sem nenhuma nuvem para enfraquecer a luz.

— Que posso fazer para ajudá-lo? — ela perguntou ansiosa ao ver que ele a fitava.

— Necessito de sangue — Tearlach murmurou, fazendo-a crer por um momento que se referia ao sangue dela.—Encontre alguém para mim — completou em seguida.

Sem tempo para pensar, Lucy se ergueu num salto e correu para fora da cabana, onde o soldado jazia sobre o chão. Sem parar, ela o apanhou pelos pés e o arrastou na direção da cabana.

O homem não se moveu, nem fez qualquer som que mostrasse que ainda vivia, mas ela já o acreditava morto a julgar pela profundidade com que a espada de Tearlach o penetrara. O sangue ainda esvaía pelo corte no peito do soldado e era isso o que Tearlach necessitava para se recuperar.

Lucy jamais se envolvera em batalhas nem presenciara a morte tão de perto como nos últimos dias, mas tinha de se manter forte. Não fora de sua escolha as situações pelas quais estava passando e, naquele momento, não se importava que Tearlach se alimentasse com o sangue de um desconhecido. Ao contrário, se isso era necessário para que ele recuperasse o vigor, então faria de tudo para arrastar o soldado para dentro da cabana.

Entretanto, pensar era mais fácil que fazer. O homem era muito pesado. Quando por fim, conseguiu colocar metade do corpo do soldado para dentro, ela notou Tearlach tentando lhe dizer algo.

— O que foi? — Ela parou e perguntou ansiosa.

—Ele está morto—explicou Tearlach com voz fraca virando o rosto lentamente para o corpo caído.

— Eu acho que sim — continuou Lucy a arrastar o cadáver.

— Não adianta — ele murmurou, tentando erguer o braço. — O sangue dos mortos é veneno para nós.

Lucy não esperava por aquilo, mas não tinha muita informação a respeito de como os vampiros se alimentavam. Tudo que sabia provinha de rumores, mas evidentemente eram acrescidos de muita fantasia. Então aceitou desanimada que todo o seu esforço havia sido em vão.

Enquanto isso, o tempo passava, e ela não sabia se Tearlach continuaria enfraquecendo ou se havia um tempo limite depois do qual nada mais poderia ser feito.

— Tearlach... — sussurrou ela, erguendo a mão para tocá-lo no rosto, mas mudando de idéia ao pensar que podia causar dor.

Ele abriu os olhos de repente, fazendo-a decidir.

— Alimente-se com meu sangue — disse resoluta, erguendo o pulso.

Tearlach hesitou por um momento, e depois tornou a cerrar os olhos.

— Vá embora e me deixe aqui. Os companheiros do soldado vão dar por sua falta e virão procurá-lo. Você tem de fugir o mais rápido possível.

Foi quando Lucy lembrou do outro soldado que a perseguira. Ele havia permanecido no bosque e decerto estava esperando o companheiro retornar. E estava vivo, com sangue fresco correndo nas veias.

— Tearlach... — chamou mais uma vez, mas ele estava desfalecido. Mesmo assim ela continuou a falar: — Não vou deixá-lo! Vou encontrar alguém e trarei para você se alimentar. Confie em mim e tudo vai terminar bem.

Aflita, ela se ergueu e caminhou para a porta, não sem antes agarrar a espada que ficara esquecida no meio da cabana. Imaginando que não teria força para arrastar outro corpo inerte colina acima, a espada poderia servir para obrigá-lo a caminhar.

A mulher seria um alvo mais fácil se ainda estivesse por perto, a idéia lhe ocorreu de repente. Nua daquele jeito, ela provavelmente ainda estava escondida no bosque até arrumar

algo para se cobrir e poder voltar para casa.

Uma vez tendo se alimentado com o sangue da mulher,

Tearlach teria forças para capturar o outro soldado e terminar de se alimentar a contento.

Neste momento, um laivo de consciência lhe interrompeu os pensamentos. Antes de conhecer Tearlach nunca havia roubado, ou ferido gravemente alguém. E agora, ali estava ela planejando capturar uma mulher com o objetivo de alimentar um vampiro. Já bastava isso para merecer o inferno quando chegasse o momento de acertar contas com a Justiça Divina!

Não, gritou uma voz dentro dela. O vestido fora roubado por necessidade. Além disso, poderia devolvê-lo deixando a roupa ao lado da mulher depois de Tearlach se alimentar. Quanto a oferecer o sangue de seres humanos para Tearlach... bem, ela havia oferecido o próprio sangue em primeiro lugar e isso não lhe causara mal. Ela havia se recuperado totalmente, estava viva e com saúde e sua alma seguia intacta, ao menos até onde podia perceber.

A única pessoa que tinha morrido até aquele momento, era o soldado. Mas fora ele quem a perseguira e por isso encontrara a morte. Um fim digno de um soldado, em perseguição ao inimigo.

Subitamente Lucy se sentiu cansada demais para continuar. A impotência e o desânimo começavam a vencê-la e a minar a energia que restava. Encostando a ponta da espada no chão, ela apoiou o peso sobre a arma e cerrou os olhos. Era preciso comer, se banhar e descansar, mas essas simples ações pareciam inacessíveis, diante de coisas mais importantes.

— Sua vadia!

A súbita imprecação a fez abrir os olhos e deparar-se com o homem que a fitava do lado de fora da cabana. A luz do sol brilhando vindo por trás do corpo forte a fizeram crer por um momento que o soldado houvesse ressuscitado para tornar a enfrentá-la. Mas não demorou para perceber que se tratava do outro soldado, o que permanecera no bosque. Tendo visto o companheiro morto no chão, ele agora a fitava furioso. Pior que isso, havia desembainhado a espada e já erguia o braço se preparando para atacá-la.

Agindo por instinto, Lucy também ergueu a espada de Tearlach para se defender. Seu coração se acelerou e a adrenalina começou a circular em suas veias provendo-lhe força para lutar.

Ela reagiu muito devagar e sua indecisão deu ao oponente a oportunidade de desferir

um golpe certeiro, atirando ao longe a espada que ela empunhava. Trinket levou um susto quando a arma quase a atingiu e, relinchando, saltou sobre o cadáver que estava no chão e saiu da cabana.

Tentando se defender, Lucy correu para o espaço onde Trinket estava até então. Isso afastava ambos de Tearlach, com a vantagem de aproximá-la da espada caída no chão. Mais perto porém, havia pequenas toras de madeira e aquelas eram as únicas armas mais fáceis de serem alcançadas.

— Levei algum tempo para compreender o que Hamish queria dizer quando falou: *E e/a!* — começou a dizer o soldado, seguindo-a como uma fera que se posta à frente da presa. — Hamish estava na hospedaria quando a pegaram e por isso a reconheceu. Depois de voltar a Roscurrach, ele não parava de falar em você, os cabelos loiros, os lábios vermelhos, as curvas do seu corpo. Ele comentou várias vezes que lady Blytheswood era o tipo de mulher capaz de fazer o sangue de um homem ferver.

Lucy o fitou um instante, considerando o que dizia, mas com a atenção concentrada nas toras perto da parede e como faria para atacá-lo.

— Eu não teria perdido tempo se Hamish tivesse dito seu nome, mas ele não disse e quando compreendi a quem se referia, vocês já estavam longe. Tive de seguir o rastro e por isso demorei para chegar, caso contrário, teria vindo a tempo de salvá-lo.

Lucy se manteve calada recuando devagar para se aproximar de uma das toras. O escocês obstruía a passagem para fora da cabana e não havia notado Tearlach desfalecido contra a parede nas sombras de um dos cantos.

— A última informação que tive é que Wymon Carbonnel a quer viva ou morta — continuou o escocês, visivelmente satisfeito por tê-la sob controle. — Acho que é melhor entregá-la morta, assim terei menos trabalho — acrescentou com um sorriso sarcástico, tornando a prender a espada na cintura, mas retirando um punhal que trazia preso ao cinto. — Mas antes eu a farei pagar por ter matado Hamish.

Sabendo que tinha de fazer algo, Lucy resolveu não esperar mais. Subitamente ela deu um salto para o lado, se abaixou e agarrou uma das toras sobre o chão. Surpreso, o soldado reagiu avançando em sua direção, mas ao estreitar a distância que os separava, ela se ergueu empunhando a tora e atingiu-o na cabeça com toda a força que possuía.

Como não esperava ser atacado, o soldado não foi rápido o suficiente para se desviar, mas antes que Lucy pudesse atacá-lo novamente, ele se jogou sobre ela e os dois caíram.

Ao bater a cabeça contra o chão, Lucy soltou a madeira que usava como arma. O pior,

porém foi o escocês cair sobre seu corpo.

— Já se arrependeu ou vai querer mais? — perguntou ele ampliando o maléfico sorriso.

Sem compreender o que ele dizia, Lucy abaixou o olhar e viu um punhal enterrado em seu estômago e o sangue jorrando pelo ferimento.

—Ainda não se arrependeu?—ele tornou a perguntar, agarrando-a pelos cabelos. — Tenho uma idéia melhor para fazê-la se arrepender de ter matado meu amigo.

Sem mais nada dizer, o soldado passou a erguer a comprida saia do vestido de Lucy. Ela começou a lutar, mas seus esforços não eram suficientes para suplantar a força do homem, ainda mais ferida e perdendo sangue. Podia sentir o odor do sangue, um aroma de morte, e o tecido do vestido se encharcando com o líquido denso.

De repente, compreendeu que seu momento chegara e assim terminaria a vida: esfaqueada e estuprada por um soldado escocês numa cabana perdida no bosque.

Tendo a saia erguida até a cintura, Lucy viu que seu algoz agora se ocupava em abrir as próprias calças. Neste momento, ela ouviu um rosnar vindo do canto mergulhado em sombras.

Desconcertada, Lucy pensou que talvez um lobo houvesse entrado na cabana atraído pelo cheiro de sangue, mas de repente a figura de Tearlach apareceu às costas do soldado que se preparava para violentá-la.

O que se passou a seguir aconteceu rápido demais para que ela conseguisse acompanhar. Tearlach se jogou sobre o soldado e por um breve instante, Lucy teve de suportar o peso dos dois homens.

Sentindo a dor na barriga aumentar até se tornar insuportável, ela cerrou os olhos com força como se aquilo ajudasse a suplantar a dor. Mesmo ao sentir que os dois rolavam para o lado, manteve os olhos cerrados. Fraca, os sons da luta de repente começaram a se distanciar e sua dor foi diminuindo até quase desaparecer. Lucy se sentia leve agora, como se flutuasse e seu corpo não tivesse peso. Seus pensamentos foram se tornando tênues e perdendo a coerência. Ela ainda inspirou fundo e sentiu o ar encher os pulmões, mas em seguida a escuridão tomou conta de sua mente.

Tearlach ergueu o corpo afastando-se do homem do qual se alimentara. Sentindo as forças retornar, ele levantou e fitou o desconhecido no chão. O soldado não estava morto, mas seria este seu destino caso não fosse cuidado. Resoluto, decidiu que um indivíduo capaz de estuprar uma mulher não merecia continuar vivo. Ele o jogaria no buraco sob o chão da

cabana onde ninguém o encontraria e em breve estaria morto.

Pensar em Lucy fez sua fúria amainar. Contudo, ele não correu imediatamente a acudi-la. Lucy seguia deitada de bruços no chão.

Ao sentir o cheiro de sangue ele teve forças para recuperar a consciência e se levantar. Ainda zozzo, notou as duas figuras lutando sobre o chão, mas a fúria o dominou ao perceber o que o soldado estava prestes a fazer.

O ódio levou-o a atacar o desconhecido, tirando-o de cima de Lucy. Então, como um lobo faminto que abocanha a presa com uma mordida certa e fatal, Tearlach enterrou os dentes no pescoço do soldado. Normalmente, ele não se alimentava dessa maneira e usava seus poderes para fazer a vítima não sentir dor. Mas ao deparar com o homem a ponto de violentar Lucy, não se conteve e mordeu com força.

O sangue imediatamente começou a jorrar e ele sorveu o líquido sem se importar em ser condescendente. O resultado era que, decerto, Lucy o viria se comportar como uma besta, e, horrorizada, havia se virado para não ver a cena horripilante.

Talvez fosse melhor assim, Tearlach refletiu. Se ele a desagradasse e possivelmente causasse repugnância, seria mais fácil manter distância daqui para a frente. Entretanto, isso não ajudava a diminuir a dor de saber que ela o considerava um animal selvagem.

Com um suspiro, se aproximou, inclinando-se para tocá-la no braço.

— Você está bem? — perguntou, franzindo a sobrancelha quando ela nada respondeu. Será que havia chegado tarde demais e o estupro tinha sido consumado?, pensou em pânico.

O cheiro de sangue que o despertara tinha de ter vindo de algum lugar, e talvez Lucy tivesse sido ferida ao ser desvirginada. Horrorizado ante tal possibilidade, Tearlach a virou sobre o chão com todo o cuidado para ver a expressão em seu rosto, pois isso diria se tinha chegado tarde demais.

O choque tomou conta de seu corpo ao ver que Lucy tinha a barriga coberta do sangue que fluía pelo ferimento logo abaixo dos seios.

Praguejando, Tearlach rasgou o vestido para ver a extensão do corte. Ele ainda se indagou como era possível que ela usasse um vestido agora, mas fazer o sangue estancar era mais urgente.

Olhando em volta, logo notou as roupas que ela usara antes, jogadas no chão. Imediatamente, rasgou pedaços da túnica, improvisando bandagens que passou a enrolar em volta do tronco feminino. Lucy estava lívida, era visível que ela havia perdido muito sangue. Não havia muito o que pensar, precisava de alguém que soubesse como cuidar dela e que não

fosse um dos seus, que se preocuparia apenas em beber-lhe o sangue.

— Betty — murmurou, lembrando-se de que Lucy lhe contara que a mulher dominava as artes médicas e, além de trabalhar como sua criada, também tratava dos enfermos.

— Tearlach...

Parando um instante de lidar com as bandagens, ele a fitou. A expressão de Lucy não demonstrava repugnância, mas fraqueza e confusão. Mais pálida a cada segundo, ela abaixou o olhar e fitou as bandagens sobre o estômago sem compreender o que passara.

— Descanse — disse Tearlach, apertando as bandagens. — Você necessita resguardar suas forças, pois está ferida.

— Tenho de lhe dizer algo — continuou Lucy com voz débil e mal conseguindo manter os olhos abertos.

— Não diga nada agora — insistiu ele, sentindo um medo terrível de que realmente houvesse chegado tarde demais e por isso fosse perdê-la.

Lucy, porém, não se deu por vencida, pois era importante informar Tearlach sobre o que acontecera.

— Heming escapou... — disse ela com esforço.

— Escapou? — ele repetiu, surpreso ao perceber que esquecera do primo, depois de vê-la ferida.

— Estão procurando por ele... — continuou ela num fio de voz, incapaz de manter os olhos abertos. — Ele conseguiu escapar como nós..." — completou Lucy consumindo as últimas reservas de energia antes de desmaiar.

Por um momento, Tearlach imaginou que ela havia morrido, mas ao pôr a mão no pulso frágil, sentiu que o coração pulsava fracamente.

Não posso deixá-la morrer, murmurou com enorme aflição.

Certificando-se de que as bandagens estavam bem presas, Tearlach a tomou nos braços e se ergueu já procurando por Trinket.

Felizmente a égua estava logo adiante da cabana. Passado o susto, o animal pastava serenamente sob a fraca luz do dia que findava. O sol já começara a se pôr, mas ainda tardariam alguns minutos antes de se esconder totalmente. O lusco-fusco do anoitecer não seria capaz de imobilizá-lo e ele estava forte, pois tinha acabado de se alimentar, mas mesmo assim teve de abaixar a cabeça e proteger a face da claridade o tanto quanto possível.

— Temos de viajar rápido esta noite, Trinket — murmurou lutando para montar na égua ao mesmo tempo que segurava Lucy nos braços. — Sua dona necessita ser cuidada com

urgência.

Ele não soube se o animal o havia compreendido ou não, mas o fato foi que Trinket disparou colina abaixo no momento em que Tearlach tomou as rédeas, e alguns segundos depois, já desapareciam entre as frondosas árvores do bosque.

Lucy sonhava com Tearlach. Ela sabia que se tratava de um sonho, pois ele agora não se comportava de maneira fria e hostil. Ao contrário, a expressão em seu rosto era de aflição e preocupação e, mais que isso, não estavam distantes fisicamente.

No sonho, ele a envolvia nos braços e ela relaxava de encontro a seu peito. Tearlach murmurava palavras em escocês arcaico que ela não compreendia, mas que soavam como palavras de amor, a julgar pela maneira apaixonada como as pronunciava.

Sim, estou sonhando, concluiu antes de os sentidos lhe abandonarem outra vez.

Ao reabrir os olhos, ela deparou com uma mulher inclinada sobre seu corpo e colocando algo úmido em seu rosto. Entretanto, ao reconhecer a criada sorriu fracamente.

— A senhora acordou — murmurou Betty aliviada, afastando o pano impregnado com ervas medicinais que aplicava sobre o rosto de Lucy.

— Sim — respondeu Lucy surpresa ao ouvir o som da própria voz, pois sentia que a garganta estava seca como se tivesse cruzado um deserto sem beber água. Manter os olhos abertos custava-lhe grande esforço. O corpo doía, outro sintoma de febre alta que a dominara nos últimos dias.

— O que aconteceu? Onde estou?

— Estamos na hospedaria de Harold — explicou Betty tentando confortá-la. Porém, a expressão de Lucy mostrava que ela seguia sem compreender. — Harold é meu cunhado, irmão de William, meu marido — prosseguiu Betty, ajudando-a a se recordar. — Estamos na hospedaria de Harold, na divisa entre Blytheswood e Oswald.

— O que estou fazendo aqui?

— Foi lorde Tearlach quem a trouxe — Betty continuou a explicar. — Não se lembra?

Lucy se esforçou para ordenar os pensamentos difusos em sua mente, mas não havia uma relação que as unisse. O único elo era a figura de Tearlach presente em todas as lembranças, independente da clareza das imagens em sua consciência.

— Fui esfaqueada — ela murmurou de repente, quando afinal algo conectou as memórias isoladas e as coisas começaram a fazer sentido.

Betty suspirou aliviada ao ouvir aquelas palavras, pois indicava que a memória de Lucy não estava prejudicada. Sentada na beira do leito e ainda segurando o pano com ervas

medicinais, a afável criada se virou e a fitou com carinho.

— Eu receava que a febre tivesse afetado sua mente. A febre chegou a ser tão alta que ficamos com medo de perdê-la.

Lucy meneou a cabeça compreendendo os temores de Betty. Devagar, fitou a vela queimando sobre o criado-mudo e então seu olhar se desviou para a janela e a escuridão lá fora.

— Onde está Tearlach?—perguntou, fechando os olhos por causa da dor na cabeça.

— Lorde MacAdie está lá embaixo ajudando a esposa de Harold na cozinha.

Alarmada ao ouvir aquilo, Lucy tornou a abrir os olhos e fitou a criada com preocupação.

— Ele não sai da cozinha para evitar que algum hóspede possa reconhecê-lo—a criada apressou-se a explicar.—Milorde insistiu em ajudar — continuou com um sorriso —, apesar de Louise não se acostumar com a idéia de um homem ajudando-a na cozinha. De qualquer maneira, ele tem sido muito útil.

Lucy sorriu fracamente sem se surpreender com o fato de Tearlach fazer coisas que outros lordes se recusariam a fazer. Pelas conversas que haviam tido e pelo que aprendera sobre sua personalidade, sabia que ele considerava válido qualquer trabalho honesto e não se negaria a fazer algo útil simplesmente por ser um trabalho desqualificado.

— É um homem bom — Betty murmurou. — E tem estado muito preocupado com a senhora. Ele chegou apavorado e não se afastou um dia sequer. No primeiro dia tivemos de colocar uma cama na adega para cuidá-la, pois ele se recusava a sair do seu lado e não podíamos estar onde houvesse luz do dia. Milorde também estava fraco ao chegar, por causa do sol, e chegamos a temer por sua saúde.

— Nós chegamos durante o dia? _ perguntou Lucy arregalando os olhos. Ela não sabia como aquilo seria possível, pois fora testemunha de como Tearlach queimara a pele durante os poucos momentos em que se expusera ao sol.

— Sim, era dia quando chegaram, mas ele havia enrolado cobertores sobre a senhora e sobre si. Nós não tínhamos a menor idéia de quem se aproximava quando os vimos chegar. Sem e conduziu o cavalo direto para o estábulo. William foi imediatamente averiguar quem era o desconhecido e, um minuto depois, voltou correndo para me chamar

— Cobertores? — indagou Lucy, agora se lembrando vagamente de sentir o corpo enrolado como num casulo

— Isso mesmo. Lorde Tearlach contou que tinham passado por viajantes acampados ao lado da estrada e conseguiu tomar alguns cobertores para cobrir a ambos e prosseguir

E provavelmente tinha aproveitado para se alimentar, pensou Lucy fitando Betty com um olhar preocupado e se perguntando se a criada tinha consciência de quem era Tearlach MacAdie — Ele é um vampiro — disse Betty, respondendo a pergunta que Lucy não teve coragem de fazer. Seu tom era neutro e ela não parecia alarmada. — Ouvi histórias sobre vampiros, mas não acreditava que existissem — completou meneando a cabeça.

— Vampiro ou não, Tearlach é um homem bom — replicou Lucy com firmeza. — Wymon é o monstro.

— Sim — concordou Betty prontamente. — E lorde MacAdie ama a senhora — completou sem hesitar. — Isso está claro pela maneira como ele se preocupa com sua saúde e bem estar e o medo que demonstrava quando chegou.

Os olhos de Lucy umedeceram ao ouvir tais palavras, apesar de ser difícil acreditar que fossem Verdadeiras, a julgar pela hostilidade com que Tearlach a tratara na última noite de viagem da qual lembrava com clareza. Com um sorriso nos lábios, Betty afagou sua mão e então se levantou.

— Vou informar a lorde MacAdie que a senhora despertou e em seguida trarei algo para aplacar sua sede e umedecer a garganta. Feche os olhos e descanse.

Aceitando o conselho, Lucy cerrou os olhos e relaxou. Provavelmente adormeceu em seguida, pois quando tornou a abrir os olhos, a vela queimando sobre o criado-mudo estava reduzida a um toco prestes a se extinguir. Tearlach estava sentado numa cadeira ao lado da janela observando o escuro lá fora. Ela tornou a fitar o criado-mudo, agora interessada na caneca de metal que havia notado ao lado da vela, pensando se continha água. Num gesto automático, Lucy passou a língua sobre os lábios percebendo que estavam ressecados e tinham pequenas rachaduras.

— Está com sede? — perguntou Tearlach, levantando e se aproximando para pegar a caneca. Em seguida, sentou-se na beira da cama e, passou o braço por trás das costas de Lucy para ajudá-la a erguer o tronco. Ao aproximar a caneca de sua boca, ela começou a beber com uma rapidez tão grande que o fez afastar a caneca em seguida. — Devagar, meu amor. Seu estômago poderá colocar a água para fora caso beba muito rapidamente.

Tearlach falava com suavidade e ternura. Mais que isso, ele havia se referido a ela de uma maneira como jamais fizera antes, apesar de não parecer ter percebido. Como agora ele tornava a aproximar a caneca, Lucy recomeçou a sorver a água, desta vez mais devagar. O

líquido fresco serviu como um bálsamo para a boca ressecada e acariciava a garganta ao descer.

— Melhor assim — murmurou Tearlach com um sorriso afetuoso.

Lucy automaticamente sorriu de volta, mas como o fez sem parar de beber, quase engasgou. Decidindo que não era um bom momento para sorrir, ela seguiu bebendo aos pouquinhos até esvaziar a caneca.

—Quer mais?—perguntou Tearlach ajudando-a a repousar a cabeça sobre o travesseiro.

— Não, obrigada. Antes de beber mais, é melhor esperar para saber como meu estômago vai reagir.

Concordando com a cabeça, Tearlach colocou a caneca sobre o criado-mudo, mas não fez menção de partir. Ao contrário, virou-se para fitá-la com profunda atenção como se quisesse memorizar cada detalhe de seu rosto. Sua expressão era de preocupação, mas também de alívio por ela estar recuperada.

— Você está com uma aparência melhor — disse por fim, fazendo-a sorrir, pois tinha consciência de que não aparentava estar bem.

Lucy não sabia quanto tempo estivera febril, mas tempo suficiente para aniquilar a boa aparência.

— A cor começa a voltar em seu rosto e não está mais pálida como estava — continuou Tearlach. — Você parecia à beira da morte nas duas últimas noites.

— Passei duas noites desacordada? — espantou-se Lucy.

— Três noites, se contarmos aquela em que viajamos para cá — explicou Tearlach surpreendendo-a mais.

E ela sabia que haviam viajado não somente uma noite, mas grande parte do dia seguinte, o que o obrigara a se enrolar em cobertores para poderem continuar cavalgando.

— Obrigada por me trazer até Betty.

— Betty realmente sabe cuidar de doentes — Tearlach retrucou e então soltou um profundo suspiro. — Eu cheguei a temer que ela não seria capaz de salvá-la, pois você havia perdido muito sangue.

Ao ouvir aquilo, subitamente algo retornou à mente de Lucy. —Heming escapou de Roscurrach—disse ela num ímpeto.

— Você já havia me contado antes de irmos para cá.

— Verdade? — espantou-se Lucy sem conseguir lembrar. Quando Tearlach concordou

com a cabeça, ela prosseguiu: — Tem notícias dele? Sabe se conseguiu retornar a seu povo?

Tearlach desviou o olhar um instante, preocupado. Contudo, tornou a observá-la em seguida.

— Não consegui saber nada — começou a explicar —, mas duas expedições de busca pararam aqui desde que chegamos, e como uma delas era de escoceses, suponho que ainda o estão procurando.

— E a outra?

— Homens de Carbonnel — ele respondeu contrafeito. Aquela notícia não lhe causou surpresa, pois Lucy sabia que Wymon não desistiria enquanto não a encontrasse. Na verdade, acreditava que ele já deveria estar desesperado, pois ela havia se tornado perigosa demais para estar livre. Se conseguisse dar testemunho ao rei, a sorte de Wymon estaria selada. Neste momento Lucy notou que Tearlach fitava a janela e, ao seguir seu olhar, ela viu uma suave claridade surgindo no céu.

— Sei que necessita ir — disse ela em tom calmo, mas de repente algo lhe ocorreu que a fez se preocupar. — Onde está se refugiando durante o dia?

— Na adega. É o único lugar onde não entra luz do sol.

Ouvir aquilo a fez lembrar de Betty explicando que havia cuidado dela na adega no primeiro dia porque Tearlach insistira em permanecer a seu lado.

— Deve ir agora — repetiu Lucy.

— Temo que sim — concordou ele, mas sem fazer menção de se levantar, continuou a fitá-la.—Tem certeza que está bem?

— Estou bem. Sinto minhas forças voltando e em breve estarei em pé outra vez— assegurou Lucy, mas então uma sombra escureceu seu olhar. — Sei que está preocupado com Heming. Não há necessidade de ficar aqui comigo, se preferir procurar por seu primo e se assegurar que está bem.

Discordando com a cabeça, Tearlach afinal se levantou.

— Creio que Heming já esteja longe — assegurou e então a fitou com ar decidido. — Eu prometi que a escoltaria à corte do rei e é o que vou fazer. Depois irei encontrar meu primo e nos organizaremos para defender nossos clãs.

Lucy nada disse, mas sentiu alívio ao saber que ainda não o perderia.

— Descanse e conversaremos mais quando anoitecer — prometeu Tearlach, hesitando um momento antes de se inclinar e beijá-la na testa.

Suspirando, Lucy reconheceu que se sentia mais calma ao saber que Tearlach não ia

partir tão logo. Voltando a sentir-se fraca, ela cerrou os olhos e num instante adormeceu.

Ao tornar a acordar, contudo, o interior do quarto estava banhado de sol entrando pela janela, e Betty arrumava as coisas cantarolando baixinho uma canção.

— Quanto tempo dormi? — perguntou Lucy surpresa, erguendo o tronco e começando a mover as pernas.

— A senhora acordou — disse Betty se aproximando com um sorriso que logo desapareceu ao vê-la querer se levantar.

— Sim — concordou Lucy. — Devo ter dormido muitas horas, pois mal começava a amanhecer quando Tearlach partiu e eu adormeci de novo.

— A senhora dormiu um dia e uma noite inteiros, e estamos na tarde do segundo dia.

— Como? — replicou Lucy horrorizada.

— Foi a minha poção — explicou Betty em tom de desculpa. — Coloquei ervas soníferas em sua água. Avisei lorde Tearlach que não a deixasse beber muito, mas como não sabia que a água continha um sonífero, ele a deixou beber tudo. Foi por isso que dormiu tanto.

Sentindo-se ainda sonolenta, Lucy se esforçou para manter os olhos abertos, pois não queria perder outro dia.

— Não se preocupe — disse Betty afagando-lhe a mão. — O efeito já passou e daqui para a frente a senhora só dormirá quando estiver cansada e com sono.

Mais calma, Lucy relaxou e sorriu, se arrumando na cama de modo a encostar-se contra a parede.

— De qualquer maneira — prosseguiu Betty depois de ajudá-la a se posicionar. — Foi bom ter dormido. O sono é o melhor remédio. A senhora está com uma cor muito mais saudável e parece descansada. Como se sente?

— Morrendo de fome—respondeu Lucy, fazendo Betty sorrir.

— Ótimo sinal. Tenho certeza de que logo ficará boa. Vou descer para buscar um pouco de caldo.

Apesar de nada dizer, Lucy se sentia desapontada quando a porta fechou. A fome que tinha não poderia ser aplacada com um simples caldo. Entretanto, provavelmente Betty não a deixaria ingerir alimentos sólidos até que estivesse plenamente recuperada.

O ruído oco de um barril vazio batendo contra o chão despertou Tearlach. Ao abrir os olhos e virar a cabeça, deparou com William num canto da adega fitando-o com ar de culpa.

— Sinto muito, milorde — disse o mestre do estábulo de Blytheswood. — Escorregou das minhas mãos — continuou referindo-se a um dos pequenos barris onde armazenavam

vinho.

Passando a mão nos cabelos, Tearlach sentou na cama que haviam improvisado para ele e fitou William com olhar amistoso.

— Não se preocupe, eu já ia mesmo acordar, pois o sol acaba de se esconder.

— Como é que o senhor tem a noção do tempo?—perguntou William com genuína curiosidade..

— Não tenho certeza — explicou Tearlach se pondo em pé. — Sou assim desde criança, é sei se já anoiteceu ou vai amanhecer.

— Compreendo — murmurou William recomeçando a empurrar o barril vazio para um canto.

Sabendo que William necessitaria levar um barril cheio para substituir o que esvaziara, Tearlach se aproximou e se inclinava para pegar um barril com vinho quando foi interrompido.

— Não se preocupe, posso fazer isso.

— Eu também posso — replicou Tearlach colocando o barril sobre o ombro. — É o mínimo que posso fazer em retribuição ao que tem feito por Lucy e por mim.

— Ela é a senhora de nosso castelo — disse William sereno.

— Mas vocês nem me conheciam até poucos dias atrás — replicou Tearlach caminhando em direção à escada que levava à hospedaria.

— Obrigado, milorde — agradeceu Harold, irmão de William. — E boa noite! — completou com um sorriso.

—Não é necessário agradecer — assegurou Tearlach, terminando de arrumar o barril e resolvendo subir para ver como Lucy estava.

—Se está procurando Lucy—começou Betty ao deparar com Tearlach no topo da escada —, não adianta prosseguir, pois ela não está aqui em cima — completou com desaprovação.

— Não está aqui em cima? — ecoou Tearlach surpreso.

— Não — confirmou Betty contrafeita. — Levantou contra meus conselhos e foi ao estábulo.

— Ao estábulo? — repetiu Tearlach alarmado.

— Disse que ia levar uma cenoura para Trinket.

— Mas... — começou Tearlach sem saber o que dizer. Finalmente, ele suspirou, mas agora também ostentava um olhar nada satisfeito.—Ela não deve sair. Aliás, não deve nem

descer para o andar térreo. Se os homens de Wymon aparecerem, ela será reconhecida.

— Isso mesmo — concordou Betty. — Talvez ela o escute, pois a mim não dá ouvidos.

Ignorando as reclamações que Betty prosseguiu fazendo, Tearlach deu meia-volta, tornou a descer a escada e pouco depois já atravessava o pátio a passos largos na direção do estábulo. Entretanto, ao chegar não havia sinal de Lucy e o local estava vazio. Ele ia sair outra vez, quando pensou ouvir ao longe uma voz suave.

Franzindo a sobancelha, Tearlach caminhou para o fundo da comprida construção de madeira repleta de baias em ambos os lados, e rumou na direção da voz.

Acabou por encontrar Lucy ao lado de Trinket num pequeno compartimento que, de longe, nem se notava. Antes de entrar, ele parou e a observou sentada sobre a palha do chão diante de Trinket e segurando o toco do que devia ter sido uma enorme cenoura. Trinket estava calma, mastigando bocados da guloseima.

— Lucy — disse ele sem esconder a desaprovação. Ela se virou imediatamente, e então se levantou.

— Boa noite, Tearlach — respondeu com um sorriso. — O sol já se pôs?

— Sim — disse ele se aproximando com a intenção de repreendê-la e chamar sua atenção para o fato de que homens de Wymon podiam chegar a qualquer momento e era arriscado perambular fora de casa. Mas Lucy se aproximou e enlaçou seu braço num gesto carinhoso que o fez calar.

— Sei que não devia ter arriscado vindo até aqui — ela começou, conduzindo Tearlach para fora do compartimento —, mas tomei todas as precauções. Até pedi a William que checasse a estrada. Quando ele me disse que ninguém se aproximava, atravessei o pátio rapidamente — explicou tentando convencê-lo de que não havia feito nada que a colocasse em perigo. — Eu queria ver Trinket e assegurá-la de que está tudo bem. Eu a visitava todos os dias em casa, mesmo se não fosse cavalgar, para ela não se sentir negligenciada. Além do mais — continuou —, eu estava carente de um momento sozinha! Betty está o tempo todo a meu lado me tratando como se eu fosse criança e me lançando olhares reprovadores de que me mexo demais. Exatamente da maneira como você me olha agora — completou em tom divertido.

— Não estou zangado — protestou Tearlach não querendo admitir que ela tinha razão.

— Está sim — reiterou Lucy curvando os lábios imitando o muxoxo que ele fazia.

— Está zombando de mim? — ele perguntou estreitando o olhar.

— Só um pouquinho — ela concedeu, sorrindo com leveza e bom humor. — Quando partiremos para a corte? — perguntou resolvendo mudar de assunto.

Tearlach começava a abrir a boca para dizer algo, quando repentinamente soou o ruído de cavalos no pátio. Fazendo um gesto para Lucy permanecer onde estava, ele avançou para a porta do estábulo e espreitou com cautela.

Entretanto, Lucy não obedeceu e no momento seguinte já se postava atrás dele, tentando olhar para fora. Desanimado por saber que não adiantaria insistir para ela voltar, Tearlach concentrou a atenção nos homens que acabavam de chegar. Havia quase uma dúzia deles, e usavam as roupas do clã de Carbonnel. *Outra expedição de busca tentando nos encontrar*, refletiu Tearlach com desprazer. Esta já era a sexta expedição que passava pela hospedaria nos poucos dias em que estavam ali. Pelo visto,

Wymon concentrava as buscas naquela área e isto o levava a crer que os viajantes dos quais tomara os cobertores haviam informado os guardas de Carbonnel, fazendo-o saber que os dois se encontravam na região.

Naquela ocasião, Tearlach se aproximara dos viajantes pouco antes do amanhecer. Os tolos dormiam ao ar livre sem uma sentinela para vigiar e haviam sido uma presa fácil. Além de partir com os cobertores, Tearlach se alimentara bebendo todo o sangue de que necessitava, deixando os viajantes inconscientes, mas vivos, em respeito a Lucy. Ela estava desacordada quando isso ocorreu, mas Tearlach não gostaria de mentir caso o assunto viesse à tona mais tarde.

Agora, contudo, ele refletia que teria sido melhor ter matado os homens e escondido os corpos. Ter permitido que os viajantes vivessem havia sido um erro, pois Wymon certamente sabia que eles se encontravam na fronteira entre a Inglaterra e a Escócia e concentrava a busca entre aquela região e a corte em Londres, tentando impedir que Lucy alcançasse o rei.

Irritado, Tearlach admitiu que se não estivesse tão preocupado com Lucy naquele momento, teria tido presença de espírito para avaliar a situação e não os teria deixado viver. O caminho para a corte já era difícil e agora teriam de se manter fora das estradas principais, evitar vilarejos e se esconder de outros viajantes.

Isto se não nos descobrirem aqui no estábulo, ele se deu conta ao ver William aparecer correndo.

— Posso tomar conta dos cavalos — ele ofereceu assim que os cavaleiros desmontaram.

Vários soldados começaram a se virar para a hospedaria aceitando a oferta quando um deles, o mais velho e talvez o líder do grupo, fitou William com ar suspeito.

— Você me parece familiar — disse ele.

Prendendo a respiração, Tearlach cruzou os dedos na esperança de que William conseguisse se safar da insinuação.

— Tenho um rosto muito comum — começou William fingindo desapontamento. — Muita gente diz que pareço com alguém que conhecem.

—Hum...—murmurou o soldado sem se convencer. Depois de fazer um gesto para os demais cavaleiros, ele tornou a encarar William. — Tomaremos conta dos cavalos — disse afinal em tom de quem encerrava o assunto.

Os demais soldados estranharam, mas como o soldado era de fato o líder, eles retornaram para levar os cavalos para o estábulo.

Preocupado e antecipando a possível luta que estava por vir, Tearlach levou a mão à espada somente para descobrir que a havia deixado na adega. Ele pretendia voltar depois de ver como Lucy estava, mas a notícia que ela havia saído o fizera esquecer de tudo e sair a sua busca. Tendo agido estupidamente outra vez.

— Esperem — gritou William de repente sem conseguir esconder uma certa aflição.

Os soldados pararam e o fitaram. Durante o breve momento de silêncio que se seguiu, Tearlach sabia que William tentava descobrir um pretexto para impedir que os homens seguissem adiante. Felizmente, sua hesitação não chegou ser longa a ponto de criar suspeita e logo ele recomeçou a falar:

—Por que não dizem o que querem comer para começarmos a preparar?

Tearlach não esperou para ver se a tática de William dava certo, pois esperar, naquela situação, significava perder um tempo que poderia custar sua vida e a de Lucy. Ao se virar para trás, seu olhar recaiu sobre a montanha de feno, empilhada nos fundos do estábulo, que chegava ao teto ultrapassando o pequeno mezanino de madeira construído para guardar selas e artigos para cuidar dos animais.

Sem parar para pensar, Tearlach tomou o braço de Lucy e a conduziu rápida e silenciosamente para os fundos. Não foi necessário explicar o que tinha em mente, pois ao se aproximarem da escada, ela ergueu a saia e começou a subir.

Tearlach a seguiu olhando para trás para se certificar que os soldados não os avistavam. Felizmente, eles não entraram antes de que ele e Lucy atingissem o mezanino, e então Tearlach a conduziu para trás do feno. O espaço era exíguo, mas serviria como esconderijo.

Capítulo V

Tearlach e Lucy se ocultaram atrás do feno, atentos para os ruídos na entrada do estábulo. Sentados em silêncio, permaneceram imóveis esperando.

A tentativa de William para atrasar os soldados foi eficaz, pois minutos se passaram e nada aconteceu. Finalmente, eles ouviram a porta abrir logo seguido do som das patas de cavalo e murmúrio de vozes.

Tensos, esperaram os soldados prenderem os animais, o que pareceu levar uma eternidade, mas finalmente tornaram a partir.

Sabendo ser possível algum deles retornar, Tearlach levou os dedos aos lábios indicando que ficasse calada. Ela concordou com a cabeça e, de fato, pouco depois ouviam a porta abrir. Os passos, agora, eram de uma pessoa.

— Minha senhora?

Lucy e Tearlach se entreolharam ao reconhecer a voz de William. Apesar de falar baixo, sua voz era inconfundível e os dois saíram de trás do feno. E Lucy levantou a cabeça, acenando.

— Ah, estão aí em cima — disse William ainda em voz baixa, mas soando aliviado. — Os soldados entraram, mas acho melhor permanecerem escondidos aqui até eles partirem. Irão embora ao terminar de comer e a comida já está sendo servida.

Tearlach concordou com a cabeça, pois a sugestão era sensata. Ao ver sua idéia aceita, William acenou indicando que tornassem a se esconder, deu meia-volta e caminhou para a porta.

Após observá-lo partir, Lucy voltou a sentar atrás da palha. Como não havia nada a fazer senão esperar, ela recostou as costas contra o monte de feno enquanto Tearlach vinha sentar a seu lado.

— Obrigada por me trazer aqui — começou Lucy em voz baixa. — Você salvou minha vida.

Ao ouvir a voz suave, Tearlach a fitou com carinho.

— Você salvou a minha vida tantas vezes e era hora de eu fazer algo por você. Mas eu não a salvei, foi Betty quem a salvou.

— Ela não poderia ter feito nada se você não me tivesse trazido. Você também me salvou do soldado escocês na cabana e eu somente o salvei quando abri os cadeados em

Carbonnel.

Sem resistir, Tearlach sorriu.-

— Abriu os cadeados, praticamente me carregou para fora, trouxe um rapaz para eu me alimentar, e me fez perceber que o sol queimava minhas costas naquele amanhecer na beira do rio quando... — As palavras morreram em seus lábios quando se lembrou de como quase haviam consumado o desejo antes de o sol obrigá-lo a parar. Incomodado com a súbita lembrança, resolveu retomar o assunto de antes. — Enfim... — arrematou sem saber como continuar. Calado, ele a fitou um instante e então abaixou os olhos. Inadvertidamente, seu olhar recaiu sobre os seios de Lucy, que pareciam querer saltar para fora do vestido. Aquela roupa era certamente emprestada da criada, que tinha atributos não tão favoráveis quanto os de Lucy.

— Tearlach? O que foi?

Ao erguer o olhar, ele percebeu que Lucy abaixara a face e olhava o próprio corpo procurando algo de errado. Sem ver nada estranho, ela tornou a erguer o rosto e o fitou com expressão interrogativa. Para não admitir que fitava seus seios, Tearlach resolveu mentir.

— Há palha aqui — disse erguendo a mão para retirar o capim seco que pretensamente estaria sobre um dos seios de Lucy.

Ao fazer aquilo, entretanto, seus dedos tocaram a pele alva já arfante. Por um instante Lucy fitou a mão de Tearlach, mas seus olhos se encontraram quando ela ergueu a face. Sem que premeditassem, suas bocas se aproximaram devagar e afinal os lábios se encontraram em um longo e profundo beijo.

Tearlach sabia que devia se afastar, mas a razão não era forte o suficiente para comandar suas ações e os lábios seguiram se tocando e a mão permaneceu onde estava, mas agora fazia pequenos círculos com a ponta dos dedos. Foi o suficiente para reacender a chama da paixão.

O murmúrio subindo pela garganta de Tearlach não a preparou para o que veio a seguir. Lucy pensou que ele ia se afastar, pois se opunha a qualquer aproximação física mais intensa, e mesmo demonstrando preocupação e carinho, isso se devia ao fato de ela ter sido ferida.

Entretanto, o murmúrio de Tearlach dava mostras que uma porta abria e pela qual ele se aproximava outra vez. Custando a acreditar, Lucy entrelaçou as mãos atrás de sua nuca, enquanto aquela língua sedenta lhe acariciava a boca.

Ainda conservando a mão sobre o seio, Tearlach desceu o decote do vestido num gesto

rápido, desnudando o seio.

Sentindo o corpo ferver com as carícias, ela retornava o beijo apaixonadamente até Tearlach de repente apertar o bico de seu seio, fazendo-a afastar o rosto e arquear o tronco em uma doce oferta.

Ele passou a lhe beijar o seio com sofreguidão. Sentindo a excitação subir como fogo pelas pernas, Lucy o puxou ainda mais para intensificar o contato que provocava faíscas em seu corpo.

— Não devíamos fazer isso — murmurou ele erguendo a cabeça. — Você merece mais do que trocar carícias atrás de um monte de feno.

— Eu gosto de feno — foi a única coisa que ocorreu a Lucy dizer, desapontada ao notar que Tearlach afastava a mão.

Então, sem premeditar e nem imaginar que podia tomar tal iniciativa, ela o tocou entre as pernas sentindo a ereção de seu corpo masculino. Lucy não queria pensar-no que fazia nem julgar a si própria. Não poderia suportar a distância de dois corpos que clamavam por se fundir em um só. Além de ter conhecido a dor do desprezo e da negação, quando sem explicar por que, ele se afastara tanto desde a última vez em que fizeram amor.

Ela não sabia se o tocava da maneira correta, pois era a primeira vez que fazia tal coisa. Porém, a julgar pela reação de Tearlach, seu toque era exato e provocava nele a mesma chama que a consumia.

Aliás, a reação foi bem melhor do que Lucy ousaria imaginar, pois no instante seguinte, ele a deitou sobre o chão e se ajoelhou entre suas pernas. Sem parar, ergueu os braços para cima e começou a tirar a túnica.

— Oh... — suspirou Lucy, erguendo a mão e tocando aquele peito musculoso. Tearlach era grande, forte e bonito. Sua pele clara contrastava com os pelos ruivos descendo pelo ventre até desaparecer dentro da calça.

Sem resistir, ela se permitiu percorrer o mesmo caminho, tocando-lhe o peito e descendo pelo abdômen. Tearlach, contudo, agarrou-lhe a mão impedindo-a de continuar.

Lucy o fitou receosa de que fosse obrigá-la a parar, mas ele simplesmente beijou sua mão e soltou. Em seguida, ele se apoderou do outro seio, liberando-o também do vestido justo.

Então, inclinou o rosto e passou a beijar os seios expostos, entremeando os beijos com leves mordidas nos bicos eretos e avermelhados como duas pequeninas frutas de um sabor que visivelmente o encantava.

Inebriada de prazer, Lucy de repente sentiu aquela mão forte subindo pelo interior de sua coxa sob o vestido. Instintivamente, ela retraiu as pernas quando os dedos longos atingiram seu centro de prazer, mas com um gesto suave, ele as tornou a abrir. — Tearlach... — murmurou Lucy quando ele alongou os dedos e se apoderou suavemente da cavidade morna e úmida que dava entrada ao corpo feminino. Seus dedos operavam uma magia que a alçava a outro plano. De repente e sem desfazer o toque mágico, ele aproximou o rosto e tornou a beijá-la. Lucy respondeu com paixão, colocando a língua em sua boca na ânsia de descobrir-lhe os segredos mais íntimos e convidando que ele fizesse o mesmo, elaborando então aquela dança sensual a ser apreciada pelos dois ao mesmo tempo.

Concentrada nos beijos loucos, ela de repente sentiu o dedo de Tearlach se aprofundar em seu corpo, como se instigando-a a umedecer-se para recebê-lo sem demora.

— Por favor, venha logo... — Lucy sussurrou, começando a mover os quadris em movimentos opostos de retração e entrega.

Mais uma vez seu corpo clamava pela liberação definitiva, pela explosão final que a libertaria do desejo infinito. Abrindo ainda mais a boca, ele a beijava como se a quisesse devorar. Era como se a quisesse engolir e ela não pretendia se opor, pois sua necessidade também aumentava num crescendo alucinante.

Ela sabia que devia se manter silenciosa, pois qualquer ruído lhes denunciaria a presença caso os soldados retornassem. Porém era impossível não se render aos murmúrios que afloravam aos lábios.

Quando imaginou que enlouqueceria de prazer, Tearlach subitamente retirou os dedos. Lucy abriu os olhos temendo que ele fosse parar, mas ele somente se afastara para abrir a calça num gesto que não durou mais que alguns segundos. Instintivamente, Lucy apoiou as solas dos pés contra o chão do mezanino e, receptiva, afastou as coxas.

Tearlach a penetrou de repente. Lucy se contraiu e mordeu o lábio para não gritar em profundo êxtase.

Passados alguns segundos, seguindo aquele ritmo afinado com o delírio, ele tornou a inclinar o rosto e recomeçou a beijá-la, mas sem deixar de possuí-la. Refeita de um laivo de dor no início do ato, ela respondeu ao beijo de Tearlach na mesma intensidade, esquecendo o breve momento em que sentira algo romper dentro de si.

Eles formavam um só corpo agora e Lucy começou a mover os quadris para recebê-lo mais profundamente. Subitamente Tearlach se afastou, fazendo-a reçar que ia desfazer a união, mas tornou a penetrá-la com mais força, como se lhe quisesse atingir a alma.

A cadência de movimento dos dois aumentou em intensidade e ritmo. Seus corpos se ajustavam, se completavam...

Com os movimentos cada vez mais rápidos, ela sentiu a liberação definitiva se aproximar. Agora Lucy compreendia o que faltara naquele ato à beira do rio: havia uma necessidade premente de senti-lo dentro de si, possuindo-a com toda a volúpia possível.

Quando se sentia a ponto de explodir, uma forte convulsão prazerosa tomou conta de seu corpo e alma. Sem jamais ter vivenciado tal sensação, ela sentiu a consciência se pulverizar numa explosão de luz que parecia emanar um brilho ofuscante em todas as direções.

Preso pelos mesmos tremores, Tearlach a penetrou de maneira total e definitiva, enquanto seu corpo também convulsionava em espasmos de gozo e prazer. Tomada de êxtase, ela não saberia dizer quanto tempo permaneceram dominados pelo tremor da satisfação final.

Lucy ainda tremia quando Tearlach subitamente rolou para o lado desfazendo a unidade. Entretanto, ele não a abandonou, ao contrário, puxou-a, fazendo-a descansar sobre seu peito largo enquanto a respiração de ambos começava a desacelerar.

— Olá?

Tearlach despertou confuso antes de lembrar onde estava e por que. Ao abaixar o rosto e ver a face sonolenta de Lucy que também despertara ao ouvir o chamado, ele cruzou um dedo sobre o lábio indicando que ficasse em silêncio. Então se ergueu e alcançou a túnica sobre o chão.

— Tearlach? Minha senhora?

— William — Tearlach respondeu, reconhecendo a voz.

— Sim, sou eu.

No silêncio que se seguiu, Tearlach vestiu a túnica rapidamente e William tornou a falar.

— Não vão descer? Os soldados já foram embora.

— Num instante — respondeu Tearlach. Entretanto, ao ver que Lucy o fitava, ele não resistiu e a abraçou, dando um beijo em sua boca que terminou sendo mais longo do que pretendia. Quando afinal seus lábios se separaram, ele sorriu.

— Está tudo bem e não necessita se apressar. Vou descer e falar com William.

Lucy meneou a cabeça e Tearlach acabou de se arrumar, fechando a calça e o cinto.

— Tearlach? — tornou a chamar William, agora ao pé da escada.

— Estou descendo — assegurou Tearlach, fitando Lucy afetuosamente antes de sair de

trás do feno.

— Vocês não os ouviram partir?—perguntou William quando Tearlach afinal desceu.

— Acabamos cochilando.

— Compreendo — replicou William com um brilho divertido nos olhos. — Há palha em sua túnica e no cinto.

Com um olhar contrafeito, Tearlach se limpou do feno que grudara na roupa, mas William prosseguiu:

— No cabelo também.

Impaciente com tais comentários, Tearlach passou a mão no cabelo começando a caminhar e William o seguiu.

— Como Lucy já levantou e se sente melhor, creio que podemos partir em breve. Talvez amanhã ao anoitecer — informou.

— Suspeitava que fosse dizer isso — replicou William. — Sabe que ouvi a conversa dos homens de Carbonnel por acaso?

Tearlach sorriu sabendo que não fora por acaso que William ouvira a conversa, mas que os escutara deliberadamente. William era um homem bom, assim como o resto da família. Todos se deram conta rapidamente que ele era um vampiro, mas nada disseram e o aceitaram sem preconceito.

— Pelo que ouvi — prosseguiu William — concentram as buscas na região entre Blytheswood e a corte.

— Não poderemos viajar pela estrada — retrucou Tearlach, ouvindo suas suspeitas se confirmarem. — Teremos de ir pelos bosques.

— Será arriscado — avaliou William preocupado.

—Sim. Mas Lucy precisa ir à corte informar o que aconteceu. Espero que a reação do rei não tarde, pois é impossível saber o que Wymon está fazendo em Blytheswood, dado seu gosto por maldades sem razão.

— É verdade — concordou William suspirando. — Estive pensando que não estamos distantes do mar e talvez seja melhor vocês seguirem para Skenes ao leste em vez de descerem para o sul. Os soldados negligenciam essa área e ao chegarem em Skenes poderão viajar num barco por mar até a corte em Londres.

Tearlach admitiu que a sugestão era boa. William era um homem esperto capaz de ajudar não somente nas coisas práticas, mas também com idéias.

— Tenho um primo pescador em Skenes que possui um barco pequeno — prosseguiu

William. — Posso levá-los até ele e arranjar para que os traga para a corte.

Considerando o assunto rapidamente, Tearlach concluiu que se tratava de uma ótima estratégia. Sua única preocupação era saber se poderiam navegar durante a noite ou, caso tivessem de viajar durante o dia, se o barco ofereceria um local para ele se refugiar do sol. E também teriam de considerar como fazer com os cavalos.

Ao olhar pela janela, Lucy avistou o soldado perto da fonte no jardim. Apesar de mais jovem, o rapaz parecia com Tearlach, ou ao menos pareceria se tivesse cabelo ruivo e longo, se fosse mais alto e com ombros mais encorpados e...

Desconfortável, Lucy admitiu que o rapaz não parecia em nada com Tearlach. A verdade era que ela sentia sua falta e tudo e todos a faziam pensar nele.

Fazia já dois meses desde a noite em que haviam partido para a corte. William os acompanhara até Skenes onde chegaram na segunda noite de viagem, e os conduziu ao primo Arthur.

Obrigado a sair da cama de madrugada, Arthur os recebera com cara de poucos amigos e relutara em levá-los de barco até Londres. Contudo, a conversa persuasiva de William e as moedas que Lucy prometera pagar quando voltasse para Blytheswood, o convenceram.

Outro problema fora o que fazer com os cavalos. O barco não era grande para transportar animais e combinaram que William esperaria em Skenes até Tearlach voltar. E então retornaria para casa, usando o cavalo emprestado de Harold, e

William traria Trinket para a hospedaria. Quando Lucy voltasse para Blytheswood, William e a família retornariam trazendo a égua.

A viagem de barco custara muitas horas. Eles chegaram às docas de Londres à tarde. Lucy se preparara para seguir para a corte, mas Tearlach não permitira. Receando que Wymon houvesse colocado soldados rondando a entrada do palácio, ele insistira que esperassem anoitecer para então acompanhá-la até ela cruzar os portões em segurança.

Uma vez que Lucy estivesse sob a responsabilidade da guarda do rei, ele voltaria para o barco. Sem alternativa, ela havia esperado anoitecer para Tearlach sair do abrigo e a conduzir para terra.

Sem cavalos, foram obrigados a caminhar e o fizeram a passos rápidos. Ao chegarem, Tearlach entrara com Lucy no palácio e a entregara à guarda do rei. Sem chance para conversarem a sós, ele a acompanhara ao salão de entrada sabendo que o momento da despedida se aproximava.

—Tenho de voltar para meu povo e me certificar que Heming está bem — dissera ele, tomando as mãos de Lucy e fazendo-a parar. Incomodado com a presença dos guardas, ele não a abraçara nem beijara em despedida.—Nós vamos nos encontrar outra vez—foram suas últimas palavras antes de dar meia-volta e partir.

Tudo a seguir acontecera rapidamente. Lucy acreditara que teria de esperar várias horas até o rei conceder-lhe uma audiência, mas, felizmente, ela havia encontrado lorde Oswald quando seguia para o salão de espera.

O vizinho do lado norte de Blytheswood havia sido um grande amigo de seu pai e, ao vê-la, viera a seu encontro.

Ao sabê-la a salvo, Oswald informara que Wymon Carbonnel espalhara a notícia de que Tearlach MacAdie havia assassinado John e a raptado em seguida.

Lucy se apressara em revelar a verdade dos fatos, mas preferiu não mencionar que Tearlach era um vampiro.

Lucy então fora recebida pelo monarca imediatamente contando com a ajuda do amigo. Oswald também a acompanhara no acerto de contas que teria de ser feito com Wymon

Carbonnel. O resultado foi que na manhã seguinte Lucy partira para Blytheswood acompanhada de Oswald.

Entretanto, a batalha contra Wymon não chegara a ocorrer, pois ele havia fugido de Blytheswood assim que o informaram da aproximação dos soldados. Ao chegarem ao castelo, ele havia desaparecido.

Isso tudo ocorrera havia dois meses, e Lucy passara este tempo aprendendo o necessário para tomar a posição do irmão no comando da propriedade. Entretanto, era difícil se concentrar nos afazeres, pois Tearlach povoava seus pensamentos. Tearlach prometera que em breve estariam juntos novamente e, apesar de saber que ele estava ocupado com assuntos de seu povo, era difícil não sentir a frustração ao final de dois meses sem que tivesse ao menos recebido notícias.

— A senhora está aqui — disse uma voz afável de repente, interrompendo-lhe os pensamentos e fazendo-a desviar o olhar da janela. Era Betty quem chegava e a fitava com ar de desaprovação. — Está triste outra vez por sentir falta dele — disse a gentil criada.

— Não é verdade — replicou Lucy virando-se.

— Sei o que sente — insistiu Betty tomando Lucy pelo braço e afastando-a da janela.

Incapaz de mentir para a criada que a conhecia tão bem, Lucy suspirou.

— Tearlach disse que tornaríamos a nos encontrar.

— E é melhor que seja o quanto antes, pois não há tempo a perder.

— Como assim? — Lucy surpreendeu-se, e desta vez foi Betty quem suspirou.

— Não sei se tem consciência — começou a criada após um breve silêncio — Mas algo assim não passa despercebido a meus olhos: a senhora esta grávida.

Lucy mordeu o lábio, mas então parecia totalmente surpresa. Sua menstruação se interrompera desde quando fizera amor com Tearlach. Ela dizia a si mesma que seu organismo estava desregulado em razão de tudo que havia passado, mas chegava a hora de enfrentar a realidade.

— Eu já suspeitava — admitiu Lucy abaixando o olhar.

— E então? — perguntou Betty. — Que atitude a senhora vai tomar?

— Filho?

Ao ouvir o chamado, Tearlach desviou o olhar da caneca de cerveja na mão e ergueu o rosto para a mãe que vinha sentar a seu lado. Entretanto, ele não disse nada.

— Você tem andado distraído desde que voltou. Tearlach deu de ombros, mas o ar melancólico em seu rosto não se dissipou. Era verdade que não conseguia se concentrar nos assuntos urgentes, mas como poderia ser de outra forma?, pensou.

Desde que voltara de Londres, Lucy ocupava sua mente todo o tempo. Ele recebera notícias de que Wymon fugira de Blytheswood e ela estava a salvo no castelo, sendo agora a senhora do feudo. Mas saber que estava bem não bastava para fazê-lo voltar à vida que tinha antes de conhecê-la.

— Seu pai está preocupado com você — continuou Eva Mac Adie. — Ele receia que você acabe se colocando outra vez em perigo por andar com os pensamentos em outro lugar.

Tearlach tentou sorrir na esperança de confortar a mãe, mas seus lábios não se moveram. As lembranças do que havia acontecido não lhe abandonavam.

Ao chegar em Skenes, ele tomara o cavalo emprestado de Harold, rumando então para as terras do clã MacAdie para encontrar os pais e informar que estava bem. Ao chegar, arranjava que o cavalo fosse levado de volta, junto com um saco de moedas para serem divididas entre Harold como agradecimento por tudo que haviam feito e pagar o empréstimo do barco.

Depois disso, Tearlach viajara com o pai para as terras do clã MacNach, onde decidiriam como defenderiam os dois clãs dos ataques que se aproximavam. Foi lá que teve a notícia que Lucy havia retomado o castelo que por direito lhe pertencia.

Entretanto, Tearlach tinha visível dificuldade em se concentrar nos assuntos bélicos

dos clãs MacAdie e MacNach. Final— mente Connal, seu pai, sugerira que o acompanhasse para casa, dizendo que necessitava descansar do que havia passado.

Apesar de ter prometido a Lucy que iriam voltar a se ver, Tearlach achara por bem não cumprir o trato por acreditar ser o melhor para a segurança dela. Mas, tal certeza não o tranqüilizava e seus sonhos eram povoados pela mulher valente e espirituosa com quem vivera tantos momentos inesquecíveis.

Durante as manhãs subseqüentes ao último encontro, ele mantinha os olhos fechados ao acordar desejando permanecer no mundo dos sonhos, pois ali Lucy seguia a seu lado, encantadora como sempre. Estar acordado também não a retirava de seus pensamentos, e o vento insistia em, a todo momento, trazer de volta o perfume que ela exalava.

A ausência de Lucy feria seu coração e, mais de uma vez, ele teve de lutar contra a ânsia de selar o cavalo e cavalgar para Blytheswood a fim de reclamá-la para si. Somente as ameaças que pairavam sobre seu povo o faziam desistir de ceder a tal impulso, pois jamais traria Lucy para uma luta que pertencia a ele.

— Você não contou o que lhe fizeram — continuou Eva, trazendo-o de volta ao presente. — Sabemos que Heming foi torturado. E você, meu filho, também foi?

— Fui chicoteado — replicou Tearlach como se o assunto não tivesse importância

— Seu pai contou que lady Blytheswood o ajudou a fugir — Eva se arriscou a dizer.

— Foi isso mesmo — ele concordou com um ameno sorriso. — Lucy nos libertou das masmorras de Carbonnel.

— Você ama essa moça, não é, meu filho? — disse Eva, entristecida pela melancolia do filho.

Tearlach se preparou para negar, mas terminou em silêncio, sabendo que não adiantaria mentir para a mãe. Meneando a cabeça afirmativamente, ele abaixou o olhar.

— E ela também o ama?

— Acredito que sim — concluiu ele com ar outra vez melancólico.

— Então por que está triste? É maravilhoso! — afirmou Eva, afagando a mão do filho com afeto. — Não entendo por que não foi buscá-la ainda.

— Porque Lucy é a senhora de Blytheswood e tem de tomar conta da propriedade. De qualquer maneira, não posso envolvê-la nas guerras de nosso povo — explicou ele, retornando à razão principal que o fazia manter distância.

— Temos visitas — anunciou Connal MacAdie, surgindo à porta de repente.

Curiosos, Tearlach e Eva se aproximaram da porta e Connal se afastou para lhes dar

passagem. Imediatamente, Tearlach avistou um grande número de pessoas no pátio.

— Quem são? — ele perguntou ao sair, mas ao ver os soldados que vinham a frente se moverem, dando passagem à mulher que eles escoltavam, Tearlach teve uma surpresa. — Lucy... — murmurou ao vê-la montada em Trinket.

Ela usava um vestido claro e o cabelo solto se movia com a brisa noturna, ainda mais linda que nas visões que o perseguiam.

— Lucy? — ecoou Eva MacAdie começando a sorrir. — Mas ora vejam.

— Melhor ir conversar com ela, filho — disse Connal. — Eu já fui e gostei muito da moça — continuou virando-se para Eva com um sorriso.

Sem se conter, Eva tocou o braço de Tearlach incitando-o.

— Vá. A moça viajou uma grande distância para encontrá-lo e não é justo deixá-la esperar. Diga que a ama e conserte de vez esta situação.

Meneando a cabeça em afirmativa, Tearlach começou a descer os degraus para o pátio, primeiro devagar; em seguida, apressando os passos até quase correr. No fim da escada, porém, um cavalo apareceu de repente obstruindo seu caminho até Lucy, obrigando-o a estancar. Nervoso, ergueu o rosto e viu William e Betty.

— William! — Tearlach sentiu a raiva se dissipar e sorriu. — Que prazer tornar a encontrá-lo.

— O prazer é meu, milorde — replicou William sorrindo também.

— Estou feliz em vê-lo, milorde — completou Betty, encostando a cabeça sobre o ombro do marido. — Insistimos em acompanhar milady quando ela resolveu vir buscá-lo.

— Está querendo dizer que Lucy veio até aqui para me buscar? — Tearlach não acreditava no que acabara de ouvir.

— Sim. Alguém tinha de tomar uma atitude — continuou Betty em ar de reprimenda — E já que milorde não tomava iniciativa...

Tearlach franziu a testa e William tornou a falar:

— Nós sabíamos que o senhor amava milady desde quando chegaram à hospedaria, mas, mesmo assim, não lhe propôs casamento. Por quê?

— Eu... meu povo... — Tearlach se embaralhou com as palavras, confuso. Ele gostava de William e Betty e tentava não se ofender com o comportamento dos dois, mas não estava preparado para tal pergunta. Aliás, não estava preparado para encontrá-los. — Os MacAdie têm inimigos — respondeu simplesmente.

— Suspeitei que só podia ser por isso — retrucou William, parecendo relaxar.

— Meu marido assegurou para lady Lucy que temia que o senhor não a procurasse para não envolvê-la nas batalhas do seu povo. Por isso viemos.

— E também porque... — começou William, mas Betty o fez calar com um beliscão. O bom homem se virou para trás e a fitou contrafeito, mas nada disse.

— Posso conversar com ele agora? — interrompeu-os em tom seco e ríspido.

— Ela não apreciou nossa insistência em falar com o senhor antes — admitiu William.

— Mas era necessário — ajuntou Betty. — Afora a prima Margareth, somos as pessoas mais próximas do que se pode chamar de família e não a deixaríamos vir sozinha se atirar em seus braços. Ela é uma lady e deve manter a dignidade.

— Tem toda a razão — afirmou Eva, fazendo Tearlach notar que a mãe e o pai haviam descido as escadas e se aproximado. — Espero que lhes traga conforto saber que meu filho estava se consumindo com sua ausência, milady. Se não tivessem vindo, ele provavelmente partiria para a Inglaterra ainda hoje ou amanhã.

Contente ao ouvir aquilo, Betty retirou a cabeça de sobre o ombro do marido e se virou para Lucy, atrás dela.

— Ouviu isso, minha senhora? Seu orgulho está intacto. Lucy soltou um suspiro tão alto que todos ouviram. Sem se conter, Connal sugeriu algo:

— Talvez seja melhor Tearlach conversar com nossa visita. Sem esperar mais, Tearlach deu a volta pelo cavalo de William e foi ter com Lucy.

Lucy se moveu inquieta sobre a sela. Ela não apreciara aquela idéia desde o princípio, preferindo partir para encontrar Tearlach sem ser notada, e descobrir se ele a amava ou não. Provavelmente não teria coragem de fazê-lo, caso não carregasse no ventre, um filho de Tearlach. Se não fosse por esse motivo, com certeza passaria o resto da vida frustrada com o amor não realizado, mas não era justo impor a pecha de bastardo ao ser que haviam gerado juntos.

Tearlach precisava saber do filho que estava por vir e decidir o que seria feito. Tinha essa prerrogativa como pai. No entanto, ela partira sabendo que caso ele não a assumisse em casamento, teria de arrumar outro marido.

Esta opção não seria difícil, pois Blytheswood era um feudo rico e inúmeros lordes não se importariam em outorgar nome e título à criança. Sendo o pai, porém, Tearlach tinha o direito de escolher.

Infelizmente, Betty não tardou a adivinhar suas intenções e insistiu que não viajasse sozinha. Quando Lucy se deu conta, ao partir para a Escócia, havia soldados para escoltá-la,

além de criadas pessoais.

Ao final do terceiro dia de viagem, a caravana foi abordada por um grupo de cavaleiros. Lucy acreditou que o líder era Tearlach, mas quando chegaram mais perto, e a luz das tochas iluminou seu rosto, viu que não era, apesar de parecer com ele.

Depois das devidas apresentações, foram recebidos com simpatia e escoltados até o castelo.

Lucy percorreu o restante do caminho oscilando entre a excitação de reencontrar Tearlach e o temor de ser rejeitada.

Ela chegou a fazer menção de desmontar, mas Tearlach se aproximou rapidamente e montou atrás dela. Surpresa, ela não conseguiu evitar que ele tirasse as rédeas de sua mão e já começasse a virar Trinket.

— Muito bem — disse Tearlach ao passarem pelo portão por onde Lucy entrara momentos antes e seguiram rumo ao escuro da noite.

Lucy não se incomodou quando entraram sozinhos no bosque, pois sabia que Tearlach se movia à vontade no escuro e os conduziria em segurança para onde quer que a levasse.

Cavalgaram em silêncio até finalmente atingirem um espaço aberto. Iluminada pela lua, a clareira de repente explodiu numa luz prateada tão forte que permitia até mesmo para Lucy ver as árvores esparsas, arbustos e plantas. No centro havia uma pequenina lagoa onde se refletia a lua, prateando ainda mais os arredores. Ao ver a beleza do recanto, ela sorriu.

— Você veio me buscar — disse Tearlach conduzindo Trinket até a beira da água. — Você me ama.

Sem apreciar a arrogância masculina no que acabava de ouvir, Lucy virou a cabeça com um gesto brusco.

— E isto é ótimo — prosseguiu Tearlach — pois eu também te amo.

Desconfiada, Lucy franziu a testa tornando a olhar para a frente.

— Então por que não me procurou?

Tearlach observou a expressão de dúvida na face de Lucy, então fez Trinket parar e desmontou. Ao estender os braços oferecendo ajuda para ela vir lhe fazer companhia no solo, Lucy hesitou, mas por fim aceitou.

— Eu te amo — afirmou Tearlach ao colocá-la no chão. — E é por isto que não a procurei.

— Não faz sentido — retrucou Lucy com impaciência.

— Faz, sim — disse ele, tomando seu braço e puxando-a para si. Porém, Lucy colocou a mão sobre seu peito para manter a distância. — Meu povo tem inimigos e você viu o que fizeram comigo — continuou. — Eu não queria envolvê-la nessa luta. Eu a amo tanto que só desejava mantê-la a salvo.

Lucy considerou o que ouvia e, erguendo o queixo, retrucou:

— Vai me enviar de volta para me manter segura?

— É o que eu deveria fazer. Colocá-la no cavalo e lhe pedir que voltasse à Inglaterra e me esquecesse.

Lucy sentiu uma pontada no coração ao pensar que ele talvez fosse fazer justamente o que mais temia. Tearlach, porém, a abraçou e soltou um suspiro.

— Mas sou mais egoísta do que pensava. Minha vida não tem sentido sem você e a solidão me devora. Sinto saudade do seu sorriso doce, de seu falatório eterno...

— Falatório eterno? — indignou-se Lucy.

Tearlach, contudo, não pediu desculpa, somente a fitou com um sorriso amplo, que aos olhos de Lucy, o tornava o homem mais encantador do mundo. Então, aproximou o rosto e a beijou.

— Como senti sua falta, Lucy — murmurou ao parar um instante de beijá-la. — Falta de seus lábios, de tê-la a meu lado.

— Também tive saudade — rendeu-se Lucy, cerrando os olhos ao sentir o perfume familiar de Tearlach e tornar a provar o sabor de sua boca. Ele a tocava nas costas, nas pernas e ela correspondia, estreitando a distância entre eles. Contudo, de repente Tearlach se afastou.

— Venha — ele ordenou.

— Mas não vamos...? — Lucy calou envergonhada de dizer que supunha que fossem fazer amor.

— Vamos nos casar e não posso esperar. Seria tolice nos arriscarmos a engravidá-la e correr o risco de dizerem que nos unimos por causa disso.

Lucy arregalou os olhos ao ouvir aquilo, mas Tearlach já a conduzia de volta para o cavalo.

Lucy nada disse enquanto Tearlach a colocava sobre o cavalo e em seguida, montava atrás, soltando as rédeas de Trinket e incitando a égua a partir galopando.

A velocidade em que cruzavam o bosque os impedia de conversar, mas mesmo que pudesse falar, Lucy não saberia o que dizer.

Claro que deveria contar a ele que já estava grávida, mas não era algo que pudesse

dizer sem usar as palavras e sentimentos adequados. Precisava conduzir a conversa em lugar apropriado e então dar a notícia com calma.

—Vamos nos casar!—gritou Tearlach repetidas vezes assim que cruzaram os portões do castelo e adentraram o pátio.

Não era assim que Lucy imaginava que a notícia fosse dada. Ela não tinha refletido como fariam, mas era de se esperar um pouco mais de formalidade. Talvez, durante o jantar, Tearlach se levantaria para anunciar o matrimônio e todos fariam um brinde. Situação bem diferente de galopar gritando a novidade aos quatro ventos. No entanto, não deixava de estar feliz com a impetuosidade do futuro marido.

—Maravilhoso! — exclamou Eva, correndo na direção deles assim que os dois entraram no castelo. — Bem-vinda à nossa família, querida — disse ela abraçando Lucy e, em seguida, abraçando o filho. — Podemos celebrar o casamento no verão. Convidaremos o povo de ambos os lados e...

Lucy arregalou os olhos horrorizada ao antecipar a imagem dela em frente ao padre com uma barriga enorme quando Tearlach interrompeu a mãe. . — O verão tarda muito. Seria melhor antes — disse ele.

— No princípio da primavera então — opinou Eva e todos se vararam para fitá-la. — Creio que nos dará tempo de organizar tudo.

— Não! — gritou alguém de repente. Com a mesma palavra na mente, Lucy virou-se e viu que

fora Betty que havia protestado. Confusa, ela fitou a leal criada se aproximando com passos decididos.

— A senhora não contou a ele?

— Contou o quê? — perguntou Tearlach, virando-se para Lucy.

— A primavera está longe demais — Betty tornou a falar com olhos fixos em sua senhora. — Quanto antes, melhor. Aliás, o ideal seria casarem amanhã.

— Amanhã está bem para mim — assegurou Tearlach. — Eu pensei em esperar, talvez, uma semana, porém não mais que isso.

De repente, Eva entendeu o que acontecia e se aproximou de Lucy com os olhos úmidos e acariciou-lhe o ventre.

— Você está grávida, minha filha...

Lucy mordeu o lábio consciente de que todos silenciavam e a fitavam.

— Diga, querida. — Eva continuou, com os olhos brilhando, num misto de satisfação e

surpresa.

Neste momento, Tearlach tocou o braço de Lucy e ela o fitou.

— Estamos esperando uma criança?

Lucy não conseguiu deixar de sorrir ante a maneira como ele fizera a questão, referindo-se a ambos.

Neste momento Betty tossiu como a dizer que aguardavam sua resposta e Lucy finalmente meneou a cabeça concordando.

— Lucy! — exclamou Eva, tirando-a das mãos de Tearlach e tornando a abraçá-la. — É ainda mais maravilhoso! Ouviu isto, Connal? — completou, virando o rosto para o marido sem deixar de abraçar a nora. — Vamos ser avós.

— Sim — concordou Connal, feliz. — Concordo que a primavera está muito longe. Acho melhor eu ir tratar com o padre agora mesmo.

— Sim, vá correndo — murmurou Eva, desfazendo o abraço e apressando-se na direção do marido.—Vá rapidamente—completou, incitando Connal a sair. — Temos de avisar os MacNach imediatamente, pois é possível que alguns deles possam vir.

— Vou notificá-los — assegurou tio Ewan, feliz em escapar do pandemônio, prestes a tomar conta do castelo por causa dos frenéticos preparativos.

— Obrigada, Ewan — disse Eva, começando a olhar em torno de si. — Onde está minha criada? Tenho de preparar uma lista, há tantas coisas a fazer... — completou partindo apressadamente.

Após observar a sogra partir, Lucy fitou Tearlach com ar interrogativo. Tomando-a pelo braço, ele a conduziu na direção da porta e no instante seguinte tornavam a sair.

— Que está fazendo? — perguntou Lucy espantada quando ele a ergueu nos braços e desceu correndo os degraus até Trinket. Mais uma vez, Tearlach a colocou sobre a sela e montou atrás. — Aonde vamos?—ela continuou quando a égua começou a andar.

— De volta para a lagoa — explicou Tearlach. — É tolice esperar até casarmos para selarmos nosso amor.

— Tem certeza? — perguntou Lucy, sorrindo.

— Não pode imaginar como senti sua falta. Temos de recuperar o tempo perdido.

— Foram apenas dois meses — protestou Lucy rindo mais.

— Uma eternidade — replicou Tearlach.

Lucy calou e recostou as costas contra o peito do homem a quem amava. Em poucos minutos eles tornavam a atingir a clareira, no centro da qual, a água da lagoa brilhava ao luar.

Ao desmontarem, Tearlach não a abraçou como ela pensou que fosse fazer, mas a fitou com ar de seriedade.

— A notícia que tive é de que Wymon fugiu. Você se incomoda que ele esteja livre? Caso queira, vou caçá-lo e...

— Não — interrompeu Lucy, tocando-o no rosto. — Ele receberá o que merece mais cedo ou mais tarde. Não quero mais ficar longe de você. Além do mais, se não fosse pelo fato de ele ter assassinado meu irmão, eu agradeceria Wymon por nos ter colocado naquela masmorra, pois senão talvez jamais o tivesse conhecido.

— Sim — respondeu Tearlach. — Wymon capturou meu corpo, mas você capturou meu coração.

Ao fitar William cruzando o pátio em sua direção, Tearlach tornou a pensar que Lucy havia feito bem em promovê-lo a chefe da guarda. William era leal e eficiente.

O povo de Blytheswood o respeitava e isso foi de grande valia quando Tearlach se tornou o senhor do castelo ao lado de Lucy. Afinal, não era de supor que apreciassem serem vassalos de um escocês e, principalmente, de um lorde do temível clã MacAdie. O fato de Tearlach dormir durante o dia e sair à noite causou especulação a princípio, mas William ajudara a resolver a questão e agora, dois meses após ter desposado Lucy e viver em Blytheswood, tudo corria bem.

— Há viajantes se aproximando — anunciou William. — Escoceses. Mas só três homens, uma mulher e um cachorro. Deve ser o seu primo.

— Heming e Brona com Thor, o cachorro inseparável. Lucy vai gostar de que estejam vindo nos visitar.

— Betty também — assegurou William. — Elas se deram muito bem na festa de casamento.

Tearlach sabia que era verdade. Lucy, Betty e Brona, esposa de Heming, haviam se tornado amigas rapidamente. Brona havia se hospedado alguns dias em MacAdie, e as três permaneceram juntas o tempo todo. Ao partirem, Heming e Brona disseram que viriam visitá-los em Blytheswood e, dois meses depois, a promessa se tornava realidade.

— Tearlach! — ouviram de repente e se viraram na direção do castelo. Saindo pela grande porta, Lucy e Betty desciam as escadas correndo.—Estávamos no solário quando vimos alguém se aproximando — continuou Lucy. — Creio que é Brona e Heming.

Tearlach abriu os braços para receber Lucy que, feliz, correu a seu encontro. Sorrindo, ele a abraçou, contente pela esposa amá-lo de maneira tão exuberante e sem medo de

demonstrar o afeto publicamente.

— Por que não me disse que Brona e Heming viriam? — perguntou Lucy, desfazendo o abraço e tomando sua mão.

— Eu não sabia — explicou ele, sentindo vontade de beijá-la, como sempre acontecia quando ela o tocava.

— Eles não enviaram mensagem — Betty comentou. — Espero que não haja nada de errado.

Ao ouvir aquilo, uma sombra de preocupação tingiu os olhos de Lucy e ela fitou William com ar interrogativo.

William nada disse e desviou o olhar para Tearlach, o que fez com que Lucy se preocupasse.

— Tearlach? — disse ela, fitando o marido.

— Só saberemos quando chegarem, minha querida — respondeu ele.

A resposta não serviu para tranquilizá-la, mas Tearlach tinha razão. Não havia outra maneira, senão aguardá-los. Felizmente, não foi necessário esperar muito, pois logo ouviram o ruído da ponte sendo baixada e dos portões abrindo. Lucy gostaria de correr ao encontro deles, mas Tearlach colocara o braço sobre seu ombro e a mantinha a seu lado. Um minuto depois os visitantes apareciam do outro lado do pátio e a julgar pelo sorriso que exibiam, não devia haver nada de errado.

— Olá, Thor — disse Lucy, abaixando-se para afagar a cabeça do enorme e amigável cão cinza que se adiantou e correu para ela.

— Não parecem trazer más notícias — comentou William e Tearlach concordou.

— Mas parecem cansados da viagem — ponderou Betty. — Vou pedir ao cozinheiro que prepare algo e acertar uma acomodação para os hóspedes.

— Obrigada — agradeceu Lucy, enquanto Betty corria e tornava a entrar no castelo. Um instante depois os visitantes paravam na frente deles e desmontavam.

— Lucy! — exclamou Brona correndo a abraçar a amiga. — Sinto não tê-la avisado de nossa vinda, mas resolvemos partir de repente. Tínhamos de trazer a notícia — explicou assim que se separaram.

— Que notícia? — perguntou Lucy sem evitar uma certa preocupação.

Brona hesitou e então fitou o marido, mas quando Heming sorriu e meneou a cabeça, ela tornou a se virar.

— Wymon morreu.

Surpresa, Lucy não soube como reagir. Naturalmente havia gostado de saber, pois, afinal, aquele homem assassinara seu irmão, a seqüestrara e torturara Tearlach. Estava satisfeita que o vilão estivesse morto.

— Obrigada por terem vindo nos informar — disse Lucy por fim. — Vamos entrar, devem estar cansados e com fome depois de cavalgar tanto. Venham comer algo enquanto o quarto de vocês fica pronto. Vão ficar algum tempo, não é? — ela perguntou, subitamente preocupada que a visita fosse curta.

— Uma noite ou duas, se não formos incomodar—respondeu.

— Incomodar? Você deve estar brincando — assegurou Lucy sorrindo. Tomou Lucy pelo braço e a conduziu escada acima.

— Lucy não quis saber como ele morreu—comentou Heming ao ver as duas mulheres entrando no castelo seguidas por Thor.

— Não — concordou Tearlach que também as observava, mas então se virou para o primo. — Como foi?

—Nossos soldados o encontraram na costa onde tencionava fugir para a França. Wymon e seus homens pararam numa hospedaria para comer e, arrogante, ele não se preocupou em dar um nome falso. Os soldados acampados ali perto foram informados e o prenderam. O líder da guarda desafiou Wymon para um duelo de espada e ele perdeu. Foi uma batalha justa, um homem contra outro e Wymon devia se dar por feliz por ter morrido como cavaleiro.

— É mais do que merecia — retrucou Tearlach.

— Preferi trazer a notícia pessoalmente — continuou Heming ao subir com Tearlach os degraus que levavam à enorme e pesada porta do castelo.

— Obrigado, primo — disse Tearlach, abrindo a porta. Ao entrarem viram as duas mulheres sentadas diante da enorme lareira no lado oposto do salão principal. Conversando animadamente, era visível a felicidade por se reencontrarem e, enlevadas na companhia uma da outra, não perceberam a presença deles.

— Somos homens de sorte — disse Heming com ar grave fitando as duas em frente ao fogo.

— Sim — concordou Tearlach, sorrindo. — Jamais pensaria isso quando estávamos presos, mas agora reconheço que aquela noite em que nos drogaram na hospedaria foi a ocasião de mais sorte que tive na vida.

— Sei o que quer dizer, primo — concordou Heming, sorrindo também. — Por vezes

me pergunto se não há uma ordem conectando os fatos sem que saibamos, pois às vezes algo ruim acaba se transformando em algo maravilhoso.

— Tem toda a razão — concordou Tearlach, cruzando o salão com o primo para se juntarem às mulheres que amavam.

**** Fim ****